



0

ALABAMA



1869

A

1870



I.C.H.V.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.^a

DOMINGO 4 DE DEZEMBRO.

Ns. 725—724.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 3 de dezembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, reclamando contra o illegal procedimento da empresa do aceio da cidade, que de seu motu proprio lança sobre a população contribuições vexatorias, cobrando de cada ganhadeira do Pelourinho um vintem diario, e por intermedio de um seu agente usa de ameaças com aquellas que reclamam contra a injustiça de tão illegitimo imposto.

Esse abuso praticado, ha tantos mezes, tem sido um manancial, uma teta abundante, que muito deve ter regalado á referida empresa; o que cumpre fazer cessar por que alem de importuno e oneroso ao povo, compromette, por sua illegalidade, á S. S., debaixo de cuja inspecção está o serviço da mesma.

—Fui hoje á ponte da companhia bahiana e testemunhei um espectáculo que agradou-me.

—Pode-se saber o que é?

—Vim mesmo communicar-lhe.

Uma menina de 10 a 12 annos, parda, que está ali exposta para se libertar.

—Bem acertada a lembrança.

—Ideia dos farinheiros de Valença, segundo me disseram, e debaixo da protecção das raparigas que vão ali mercadejar em negocio de cabotagem.

—Estou certissimo que um exito feliz ha de coroar os desejos desses homens?

Qual será o passageiro que recusará um obulo para a liberdade de uma menina, quando esse obulo pedido é acompanhado dos *me-deixes*, que sabe empregar a creoula bahiana?!

—Honra pois aos rudes, mas nobres farinheiros de Valença pelo philantropico pensamento, que iniciaram.

—Jesus! Mizericordia!

—O que tem V.?

—Foram aquelles meninos filhos do francez Pipo, morador na ladeira da Gamboa, que cegaram um olho do irmão do Sr. Miguel Lealy, morador no Campo Grande.

—Como, meu amigo?

—Os filhos de Pipo tem o costume de brincar com espingardas dando tiros de polvora-secca; em uma d'essas occasiões passando o irmão do Sr. Miguel, a espolêta saltou-lhe no olho e o vasou immediatamente.

—Que brincadeira!

—Falla-se por ali em uma mysteriosa questão entre a republica do Perú e o imperio do Brazil; o que diz a respeito?

—Nada; visto como o governo entende que o povo não precisa saber de guerra, sinão depois d'ella declarada.

—O que for ha de soar.

—Sentido com os cães.

—Não diga brincando.

As pessoas, que tiverem de transitar por certas ruas e praças d'esta cidade, devem procurar livrar-se dos dentes d'estes animaes, que por ali passeiam á toda hora da noite.

—Eu que previno é porque ainda hontem vi um memino de pouco máis de 7 annos ser mordido por um d'elles no Terreiro.

—Na sexta-feira inaugurou-se a sociedade União e Industria, que se propõe a fazer o serviço da conducção de mercadorias da cidade baixa por meio de braços livres.

A's dnas horas da tarde partiram da praça de Riachuelo dous carros bem enfeitados puchados por 40 a 50 homens-livres; foram ao palacio da presidencia, onde S. Exc. dirigiu-lhes palavras de animação; dahi seguiram para a casa do Sr. José Alvares do Amaral, onde lavrou-se a acta da inauguração; findo o que, foram até o Pilar e dahi em direcção percorreram os diversos caes.

—Deus abençoe a ideia do trabalho livre.

—Vê aquelle crioulo que vai preso?

—Perfeitamente.

—Deu uma facada n'um soldado.

—Quando?

—Hoje mesmo quinta-feira.

—Com que destino estava o bruto!

—E' escravo de uma tal Maria Clara ao Caminho Novo.

—A senhora de um outro molecote que aqui ha tempos andou pelos telhados?

—Essa mesma.

—Que boa gente possui ella!

—Atirou-se primeiro ao mar, no Caes Dourado; salvo das ondas puchou de uma faca que trazia e cravou no soldado.

—Tem más entranhas.

Apezar disso, si foi condemnavel o procedimento que teve esse homem, levado talvez pelo desespero e hallucinado, muito mais qualificavel se torna agora o dos agentes da força publica, espancando-o tão barbaramente e querendo até feril-o com a ponta do reflexo, quando elle não resiste mais!

—E' tão censuravel que o cabo, que os acompanha, reprehendeu-os.

—A natureza humana é susceptivel de actos tão repugnantes, que só de recordal-os arripiam as carnes.

—V. não falla assim debalde.

—Horrorisado por um acontecimento que revela toda perversão da indole de uma creatura.

—Partecipe me.

—A cabra Leopoldina, moradora ao Taboão do Caminho Novo, casa n. 49, teve na sexta-feira uma desavença com outra mulher, de nome Izabel, por causa de um cachorro, e andaram ás trouxadas. Momentos depois apañhando desgarrada uma criancinha de peito, filha de sua antagonista, deu-lhe uma tremenda bofetada! A tenra creatura cahiu esta telada!

—Um ente que é capaz de tamanha maldadeza, é uma fera com forma humana.

—Esse tigre é amasia do crioulo Angelo, que está sendo processado por crime de roubo.

—Appareceu na subdelegacia da Sé o Sr. Leopoldino José da Motta, pardo, sapateiro, morador na ladeira de Sant'Anna, e declarou ter sido elle, quem deshonorara a menor Rosa Francisca de Jesus, que se achava em poder do Sr. Cunha marceiro, a quem attribuiam o referido defloramento.

—Força de consciencia! Caso raro e bem digno de memoria. O boi entregar o pescoço á canga!

—Elle que o disse é porque tem certeza de que foi elle mesmo. Estou que não quere assignar de cruz em negocio tão melindroso.

—Continúe.

—Feita a declaração, accrescentou que queria reparar a falta, casando-se.

—Está direito.

—Porem a mãe oppõe-se, e quer que o Sr. Cunha deposite uma quantia em algum estabelecimento e que a menina fique solteira.

—Bello! que mãe.... Mas como é isso?

Depois da declaração do sapateiro, o marceiro não fica fora da rascada?

—E' um angú de carôço, que so elles entendem.

A mãe recalcitra que Cunha, e não outro, deflorou sua filha, tendo sido antes amasio della mãe; este confessa que teve relações com a menor, é verdade, mas que nada lhe deve, e que dar-lhe-ha um dote, casando-se ella, por lhe ter amor de pai.

—Como é compadecido o rouxinol!

—Anda em tudo isso uma bandalheira, para a qual é preciso a policia abrir os olhos.

Os tratantes e ladrões especulam em tudo. Certos de que esse dito Cunha (que aqui para nós, dizem, que é bom menino) possui alguma cousa, estão em campo e dispostos a explorar a mina. Querem negociar com a honra da menina e para isso servem-se da ignorancia e credulidade da mãe, fazendo-a concorier para a prostituição de sua filha.

Dous individuos foram a Cunha e exigiram-lhe 300\$ rs. para fazerem com que a mãe não pozesse impecilhos ao casamento com Leopoldino, estes 300\$ rs. seriam dados ou em dinheiro, ou em uma lettra datada 15 dias antes do acontecimento, e no caso de recusa, tres testemunhas estão promptas a depôr que viram Cunha insinuando por meio de promessas a Leopoldino para que fosse declarar em juizo ser o author do defloramento, afim de que elle Cunha ficasse isempto do crime?

—Até com a infelicidade de uma joven se especula! Uma cousa que deve interessar a sociedade inteira, porque quem hoje não é pai de familia, amanha pode sel-o, serve de pretexto a abominaveis mercancias!...

—Por isso é que eu digo que a policia devia se pôr activa e pesquisar até onde chegassem as suas attribuições, toda esta negociada, a ver se podia cortar as azas aos tratantes, que andam farejando a ver se pilham alguma cousa. Do contrario o resultado ha de ser ou a extorsão do alheio por tão criminosos meios, ou a perdição de uma moça, que pode ter melhor futuro.

—E a mãe da offendida cega o illudida em tudo isso!

—Dizem que ella tem um procurador; mas estou que elle mesmo não sabe, nem está a par de todo esse enredo.

—Mas V. que é um descobridor de mel de pau está em dia com tudo, tin-tin-tin por tin-tin tin.

—Meu charo, é bom a gente se dar com todos; si eu não me dêsse com a tia Felisar da não pescava essa meada.

—Por onde andarâ a policia?

—A' esta hora repousa; quem anda á meia noite é zumbi.

—Somente os alarmistas não teem somno! Veja dous individuos unicos que sarceiro são capazes de fazer!

—Hoje, quinta-feira, na rua Direita de Palacio, a principal da cidade, defronte do Passo da Patria!

—Contam com certeza de que ninguem os virá estorvar.

—Depõe muito da vigilancia policial e dos costumes? do povo uma terra, onde se entra pela casa de uma mulher, embora de vida ampla, quebra-se, dá-se pancadas, perturba-se o recolhimento domestico e sabe-se livremente!

—Neste negocio do deffloramento no hotel anda segredo de abelha.

—Eu creio que muita indulgencia.

—O accusado em conversa dou a entender que pessoa altamente collocada fôra quem gozara muito antes a nata, que elle não passava de um accessorio, uma segunda edicção, que a mãe estava em dia com tudo isto, que o motivo da cousa accommodar-se é porque não couvém mexel-a para não comprometter o nome de tal pessoa.

—O *Jornal* bem disse que a mãe da menor podia melhor informar.

—São coincidencias...

—O que é fora de duvida é, que o facto simplesmente de carregar-se uma menina de 13 annos incompletos para um hotel, facto acompanhado da circumstancia do emprego de bebidas, como geralmente se diz, é bastante para depor contra a moralidade de qualquer individuo, quanto mais de um empregado publico, casado e que exerce o professorado.

—Entretanto a policia colheu-o em flagrante e soltou-o immediatamente, contentando-se com meras informações.

—Está porque eu creio que anda S. Patrocinio mettido no meio.

—Continúa em seu emprego, passeiando livremente e ensinando.

—Meu charo, este mundo é para quem deve ser.

—Ora eu não comprehendo o systema policial desta terra.

—Pois faça por isso.

—Vejo em tudo uma bulburdia, um trans-torno daquillo que deve ser.

Ha dias, na quarta feira, supponho eu, tres meninos andavam por diversas ruas com grandes papeis abertos, contendo desenhos obscenos, allegorias da mais depravada indecencia e recitavam em vozes claras e sonoras os disticos torpes, que por baixo dos mesmos haviam.

Alguns policiaes no Terreiro viram aquelles paineis offensivos ao pudor, tomaram das jovens mãos, miraram, applaudiram e tornaram a entregar-lhes tamanha affronta á honestidade para irem elles por ahi fora em sua exposição.

—Acharam graça.

—Na quinta-feira á noite os agentes da ordem são os proprios que fazem desordem. Prendem um homem atraz dos Quartéis e dão-lhe refadas dos ceus á terra, quehram-lhe a cabeça a pretexto de dizerem que é *capoeira!* Nem a presença e admoestações de um official de seu corpo foram capazes de moderar o ardor marcial de tão brava gente!

—São cousas, meu charo. Si este mundo anda ás avessas, não são elles que hão de viral-o ás direitas.

—Meninos venham para a continuação da lição.

Sr. Tiburro, analyse-me isto:

«Tiburro amou a estupidez, visto que sancionou o acto de um quadrupedo em Vianna.»

O que é Tiburro?

—E' o verbo.

—Adiante.

—E' o sujeito de amou; amou é o verbo amar, falla na terceira pessoa do singular do preterito perfeito do indicativo.

—Basta,

—Está ouvindo, meu camollo?

Chegue as mãos para os bollos!

—Ai... ui..., meu professor!

Tanto V., como seu companheiro Vicente, são dous camellos, estupidos no todo da expressão!

A estupidez o que é?

Não responde?

Adiante.

—E' o complemento de amou.

Venha para os bollos quadrupedo.

—Meu professor, pelo amor de Deus!

—Em Vianna, o que é?

—E' complemento circumstancial de estu-
pidez?

—Eim? o que diz, camello?

Adiante.

—E' complemento circumstancial de logar.

—Está ouvindo, azemola?

Sanccionou o que é?

—E'... é... é... é...

Vamos com isso? Não responde?

Adiante.

—E' o verbo sanccionar, falla na terceira
pessoa do singular do preterito perfeito do
indicativo, o sujeito é Tiburro, que claramente
se entende.

—Venha para cá, burro, o nome bem lhe
demonstra a especie! Pá... pá... pá... pá...!

—Mi... meu professor já não posso mais.

—Cala-te, besta!

—O que é acto?

—E'.... é... é...

—....é a brutalidade, meu *burricopolis*.

Adiante.

—E' um complemento.

—Venha, besta! Pá... pá... pá... pá...

—Quadrupede o que é?

—E' um complemento de acto.

—Visto que, o que é?

E' um.... um...

—.... um cynico!

Adiante.

—E' uma conjuncção explicativa.

—Esta ouvindo, bruto? Pá... pá... pá...
pá!...

—Meu professor de minha alma, por
quem é!

Que canalha!

O burro que nasceu para cangalha, é as-
neira que não supporta sella.

Oh! que menino dos diabos!

E massa-se com um burro d'este.

O pobre do professor,

Logo em vez d'elle ter carga,

Tem diploma de doutor!

Agora nós, Sr. Vicente.

«Xiquinho amou á uma mulher de raça
mourisca chamada Rosa.»

—Primeiramente diga-me, o que é Xiqui-
nho?

E' Francisco.

—Bom, minha besta!

Adiante.

—E' o sujeito; amou é o verbo amar,
quem ama, ama a alguém, ou á alguma cousa

—Ouvio, meu burro!

A quem amou Xiquinho?

—Ao verbo amar.

—Bravo.

Adiante.

—A uma mulher chamada Rosa, comple-

mento de amou.

—Venha para a palmatoria, meu *camel-
lorum!*

—Ai.... ui...., meu professor!

—Ora deixe-se d'isso, meu fidalgo, dê cá
suas delicadas mãos! Como são tão macias-
nhas!

E' impossivel que V. não tenha feito al-
guma *bobage*, eim?

De raça mourisca, o que é?

E' complemento de Xiquinho.

Olé! Adiante.

E' um complemento circumstancial de lo-
gar.

—Ouviu!

Xiquinho o que é?

Não quer responder?

Adiante.

—E' um substantivo diminutivo de Xico.

E o que é Xico?

—Xico é um nome familiar, porque são
conhecidos os individuos, que tem o nome de
Francisco.

—Está entendendo, meu jumento?

O que é mourisca?

Tambem não sabe, minha besta?

Adiante.

—Mourisca é um adjectivo; isto é um nome
gentilico, que mostra a nação ou patria, de
onde decende Rosa.

—Chegue as mãos, meu *bestialogico* fidal-
guinho.

—Meu professorzinho, basta!

—Ah! Safal!

Que massada!

Não estou para aturar,

E depois um burro d'este

Se manda bacharelar!

Em logar de pergaminho

Ter na mão este sendeiro,

Lucrava mais se tivesse

A colher de bom pedreiro.

Sentem se, a lição continuará.

—Capitão, receba estas informações, que
lhe mandaram.

No dia 23 do p. p., foi preso em sua mo-
rada pelo subdelegado de Sant'Anna o portu-
guez José Alves Dias, por queixa que contra
o mesmo dera o allemão Carlos Frederico
Heim, por ter aquelle na noite de 21 raptado
sua filha menor de 15 annos por nome Luiza,
moradora na fabrica Modelo. Procedendo-se
incontinentemente ao interrogatorio do accusado,
este declarou achar-se a dita menor na Mun-
ganga, em casa de uma crioula de nome Maria,
sua comadre, d'onde foi retirada immediata-
mente, chegando á casa do subdelegado ás
10 horas da noite.

O offensor instou para que o subdelegado interrogasse na mesma hora a offendida, com o que não concordou este, marcando o dia immediato ás 4 horas da tarde, em virtude de chegar a offendida fatigada pela distancia do caminho e vir alem disso acompanhada por dous amigos do offensor, os quaes provavelmente a podiam ter coagido e ameaçado no caminho.

Em seguida fez o subdelegado recolher á correcção o accusado, sendo a menor depositada em casa do capitão Reis, chefe de familia.

No seguinte dia pelas 4 horas da tarde apesar da grande chuva, a subdelegacia, e mesmo a rua, encheu-se de espectadores; e compareceram dous advogados em defeza do réu; estando presente a offendida, á primeira pergunta que lhe fez a authoridade declarou que queria fallar a vista do offensor, pelo que foi este chamado.

Deu-se principio ao interrogatorio o qual por si é bastante para provar que foi o accusado o auctor do rapto, e que seus fins eram tão somente satisfazer seus intentos e abandonar a, como já com outras tem praticado, segundo o depoimento de uma testemunha e voz geral.

E' de lastimar que o illustrado Sr. conego Rodrigo, sacerdote que por seu character faz honra á classe á que pertence, se encarregasse da defeza de uma causa que é contra a moral, contra a religião, e contra a civilisação, sendo elle um ministro do altar.

Concluido o interrogatorio da menor e de mais 5 testemunhas, as quaes depozeram contra o accusado, e entre estas um amigo d'este que em toda questão jogou com espada de dous gumes; o Sr. conego Rodrigo pediu a soltura do accusado, ao que respondeu o juiz que a bem da moralidade, e garantido pela lei, não o podia fazer, que assignasse o accusado um termo pelo qual se obrigasse a casar dentro de alguns dias, ao que negou-se o mesmo.

Depois do que o procurador Malaquias, que se achava presente, declarou ao accusado que de sua parte pedia-lhe que assignasse o dito termo a bem da moral e a bem de uma familia pobre, porém honesta, que ficaria coberta de vergonha si essa falta não fosse reparada; o accusado ainda negou-se, e o mesmo procurador lhe declarou que esperava que o subdelegado continuaria a proceder como até alli, e que no momento em que os autos sahisses da alçada d'este, elle tomaria conta, concorrendo com seus passos e com sua pequena fortuna para que triumphasse a causa do fraco.

Depois um amigo do accusado declarou ao subdelegado que este estava disposto a casar-se com a offendida, si o pai da mesma, que se achava presente, lhe pedisse para o fazer, ao que respondeu o subdelegado que não podia constringer nem aconselhar um pae a pedir ao raptor de sua filha a reparação de um delicto, quando elle pela lei era obrigado a fazel-o, e que estando a policia inteirada do facto, a unica reparação era o casamento; ou na mesmo occasião, ou assignando o termo para poder ser solto. Depois de numerosos pedidos, já por parte do digno advogado Augusto Santos e por alguns amigos do accusado, este resolveu-se a assignar o termo para garantia da policia, em o qual declarou casar-se dentro de 30 dias, considerando-se desde ja como reu confesso e sujeitando-se ás disposições do art. 227 do cod. crim.

Assim pois triumphou a moral e uma jovem bella e digna de melhor sorte, vai em poucos dias receber a benção nupcial; concorrendo para tão louvavel desenlace o tino e criterio com que se houve o actual subdelegado de Sant'Anna.

A PEDIDO

--Joga-se nesta cidade com um furor desmedido!

O jogo tornou-se um passa tempo, uma necessidade, um meio de vida, um negocio.

Desde a immunda bodega até o esplendido salão, por todas as ruas da cidade, ha um desses antros de perdição, alimentados pelo vicio, a ociosidade e a inexperiencia.

De todos esses lupanares, porem, cumpre chamar a attenção da policia para um sorvedouro installado nas eminencias de um sobrado mais alto que um pinheiro, ao Maciel de Cima, pelas perniciosas consequencias que pode trazer.

Ahi vão caixeiros, filhos de negociantes, empregados publicos e até officiaes de policia e mais uns tres espertalhões, aos quaes o dono da casa deu entrada para ir empalmando dos incautos e cavando-lhes a ruina e o descredito.

Um militar que tem sob sua responsabilidade grandes quantias, tem feito ahi avultados prejuizos, e ainda de quinta para sexta feira perdeu 500\$ rs.

Não se tem visto tantos moços desaparecerem da noite para o dia afim de evitarem a vergonha que lhes causou o desvario do jogo, outros vagando sem conceito e sem credito.

Porque não trata a policia de evitar a repoti-
ção d'esses males?

Mandú Abelha arde.

Tudo na actualidade
Anda fóra de seu eixo;
Eu fico de mão no queixo
Com tanta celebridade,
Porque á fallar verdade,
Em tudo eu accezo acho
Das innovações o facho;
Bernardina minha sorte
Tomando arrogante porte
Depois que *desceu p'ra baixo.*

Consta que o patacho nacional D. *Jacinto* de trinta e seis a quarenta toneladas de lotação, encalhou sobre os rochedos do Rio de Janeiro, com todo o carregamento de *pretenções licitas, seducções, presentes das Villas-más* e alguns continhos de réis, dos quaes (dizem) poderá ter salva alguma parte, por milagre de *Jesus*.

Que desgosto para a familia Theadoréa!!!...

Que desgosto para a classe das pernas de lan carmezin e outras que usam, durante as quaes contribuíram com seu cobre (*coitadas...*) para a breve sahida do patacho *avariado* que se destinava a perseguir a quem nada tinha com suas avarias, e nem com o *mel da coruja*.....

Que fim levaria a *caxinha de ouro*, a qual fóra despresada por pontapés que deram os honradissimos, probos e conscienciosos *calafates*, a quem queriam com o ouro obrigar a *reparar as avarias do patacho*, que, deixando de seguir o verdadeiro rumo, fóra de beque á *praia*, por seguir um caminho *irregular* e differente da *verdadeira regra*?!!!

Será aquillo la algum *pombal de mirante*, onde se torce o pescoço ás pompas e se as *chupa*???

Certo que não.

Portanto, *qui potest capere, capit.*

—Capitão, venho lhe pedir para deitar uma errata.

—Vá logo dizendo.

—Na 3.^a pagina, 1.^a columna, no artigo que começa; — *Meninos venham dar lição*, na 33.^a linha, onde diz: — Quantas syllabas tem Francisco, diga-se — *Francisquinho*, etc.

Na 35.^a linha onde diz — pois tantas syllabas tem Francisco etc., diga se — *Francisquinho*, etc.

—Entenda-se lá com o escripturario.

(Continuação do logista.)

«Tan-tan-tan!» bateu elle.

É parecendo-lhe ter ouvido uma voz tão doce como *assucar-cauli*, perguntando-lhe quem era, o logista aprixonado responde — «Sou eu...» aflautando a voz.

«—Eu quem?»

A modo que lhe interrogaram de dentro, com a maior ternura; sendo aliás um gatinho que miara, muito a proposito.

«—Eu... *genio!*»

Cinco minutos depois o intrepido logista vendo que nem lhe mandavam entrar, nem lhe apparecia alguém, — resolveu-se a penetrar na casa alheia, sem expresso consentimento da dona. Assim a modo de quem dispunha-se a furtar *pratos*, empurrou a porta e entrou ousadamente, achando-se lá dentro inteiramente ás escuras.

«—Eia, sús» disse consigo o aventureiro, soltando um terno suspiro mais intimo do seu peito amoroso.

Aqui começa uma scena comica e phantasmagorica em extremo.

O homem do amoniaco e da triaga, agora trescalando os mais exquisitos perfumes, começou a alisar o ar do quarto escuro, com ambos os braços; parecendo assim um pedreiro duplice, a embocar ou rebocar paredes, tendo por colheres as palmas das mãos abertas...

Os passos, que dava pela pequena sala ou vão do tugurio em que se achava, eram tão frequentes como os de um dextro jogador de espada.

O gatinho que miara quando o logista fallara da parte de fora, achava-se ali n'um canto, ora seguindo com os olhinhos afogueados aquelle pedreiro de nova especie, ou aquelle interessante jogador de florete.

O gatinho apavorando-se um pouco com aquella estranha appareção, soltou de novo um *miau*, com a sua voz a mais meiga.

O logista correndo para o rumo d'aquella *maviosa voz*, vae dizendo baixinho e todo derretido:

«—Aqui está o teu genio, meu amorsinho!»

Por um triz porem que não ficou esmagado o pobre bichano pelas patas do desalmado Cupido que, em compensação ao mal que esteve a causar, esmurrou as ventas na porta que dava entrada para o derradeiro vão do tugurio: esta abre-se então estrepitosamente, em consequencia do violento impulso que recebera.

Sem ter pensado nisso, entrou, pois, o logista no segundo quarto; onde, sem mais demora, tratou de certificar si o beque d'elle não havia sido de todo escalavrado.

Sciante de que não ficara desnarigado, começou de novo a rebocar o ar com as suas

colheres de pedreiro do demonio, colheres que tem a forma de meias estrellas, com cinco raios deseguaes cada uma.

Aproximando-se de um dos cantos, foi de encontro a um pote que estava n'uma pequenina cantareira, com um lençol por cima: ali, com verdadeiro transporte, foi abraçando a vaporosa imagem, e imprimindo um frenetico beijo sobre a *caneca* que estava em cima do testo, a qual arrepelada por tão viva demonstração de amor, arrojou-se ao chão, rolando como uma pequena pipa chocalheira: «*Foi se embora—foi-se embora—foi se embora*» parecia dizer a arengueira folha de flandres, como um papagaio travesso, desses encapetados.

Então o logista retira-se todo confuso e cada vez a dar mais suspiros.

A dez braças da casa da velha Khanesch encontra o miseravel a uma pobre mulher que estava assentada á porta de sua casinhola de mesquinha apparencia. Parando, e tornando a examinar si o beque estava muito arruinado, deu as boas noutes a visinha da formosa Herminia e em seguida perguntou si d'ali (e apontou com o dedo) d'aquelle tugurio, aonde tinha elle ido, para dar *uma esmola* (!) porventura se teria mudado uma pobre velha que tinha uma galante netinha, de quem era *padrinho*.

«—E' verdade, respondeu a visinha; hoje pelas 4 horas da tarde a minha amiga Khanesch e a perola deste bairro puzeram-se a caminho para a Cachemira.

«—P'ra *cache!*... Ai! ai!» disse em voz lastimosa, que se lhe prendia as fauces, o desventurado logista, que logo deu de marcha: mas tropeçando um pouco adiante, cahiu tão desastrosamente que as pernas ficaram-lhe engrasadas de tal sorte que tomaram ellas a apparencia de uma ancora.

Por acaso, nessa occasião passou felizmente um capadocio a quem elle pediu para levar a sua casa, na rua Grande, casa de lapislazuli, que o pagaria bem.

O capadocio agarra o zambro e o vae levando a tombos, mas como elle se lastimasse muito com as dores, trepon-o ás costas como *Maria madeira* e lá se foi com o fardo.

Chegando em frente da casa, extenuado arreja a carga. Nesse entretanto, passava a ronda que policiava o quarteirão aonde estava o capadocio com a sua ancora humana atirada ao chão.

«—Oh, camarada, o que fazes com isso ali, entulhando a rua?

«—E' o dono desta casa magnifica, na frente da qual acabo de chegar estafado, por ter trazido ás costas...

«—E' cego ou aleijado?

«—Creio que uma e outra cousa.

«—Sou uma *aguia* para enxergar, e tenho pernas boas como qualquer» interrompeu o logista.

«—Então, porque é que vem ás costas, meu menino barbado?

«—Tratem-me com respeito, sós bandalhos.

«—Iça a ancora, marinheiro, gritaram os da ronda, temos por suspeito o vosso traste, que nos parece contrabando grosso. Iça a ancora e faça-se de vela em pópa para a cadeia!» bradaram repetidamente os soldados, entre zangados e zombeteiros.

«—Não sejam atrevidos, esbirros, olhem que eu sou *potencia*, e quando visita-me sou peor que um caustico.»

Os soldados investem contra a ancora. Um delles accrescenta por fim de contas:

«—Ah, sór pernas de cangalhas, já conheceu que não pode dizer-nos desaforos?... Ora vejamos si essa sumptuosa crosta pertence a tão vil marisco. Vamos, bate na porta.

O capadocio pega n'aquelle *kirie-eleison* vivo e o aproxima da entrada principal do seu palacete, d'elle cambaiq.

O logista dá tres pancadas no portão soberbo e immediatamente, como por encanto, o armenio apparece no limiar.

O logista pága então ao capadocio, dá uma gorgêta a cada soldado e os despede; ordenando por fim ao seu creado que o conduza para dentro do palacio. Feito isto—trancá-se o portão e o amo é levado em braços para a sua alcova.

Deitado em sua cama e cerradas as cortinas, tratou de conciliar o somno, que mostrou-se rebelde até pela madrugada. Apenas fechou as palpebras, logo viu em sonhos a formosa fugitiva no caminho da *cidade de felicidade*.

Quando acordou já tarde, quasi ao meio dia, achou-se hypocondriaco, cheio de infinitas saudades e, alem de tudo, estava ainda com as pernas em forma de—X.

Mandou o logista chamar um habil cirurgião para vir *desentaramelar-lhe* as gambias; operação difficilissima e perigosa, que só pode concluir-se no fim de tres dias, sendo amarrados dous cabos nos mocotós, puchados por quatro homens.

(Continúa.)

—Por deliberação da presidencia d'esta provincia, ouvido o engenheiro director das obras publicas, e em virtude de reclamações feitas pela imprensa, foi intimado o empreiteiro José dos Santos Malhado assim de que tirasse o entulho para a obra que está fazendo

na casa penitenciaria do engenho da Conceição na montanha que fica á S. O. da ladeira, visto como ficando esta como a montanha em que outr'ora se tirava o entulho igualmente proxima á obra que se está fazendo, deveria de preferencia ser o entulho preciso tirado da ladeira; porquanto, d'este modo, conseguia-se o duplo fim de obter-se entulho perto (conveniencia unicamente do empreiteiro) e ao mesmo tempo alargar-se, alinharse, e diminuir-se o declive da referida ladeira, conforme foi de parecer tambem o engenheiro director das obras publicas.

Continuando, porem, o referido empreiteiro a tirar o entulho no logar em que outr'ora tirava, sem que para isso obtivesse concessão alguma da presidencia, pedimos á S. Ex. o Sr. presidente e aos Srs. camaristas que se dignem de ir pessoalmente examinar aquella obra afim de coagir o empreiteiro a fazel-a conforme se julgou conveniente e de utilidade publica, já que por negligencia ou condescendencia de quem compete, se fazem quasi todas as obras, fóra das condicções dos contractos.

Do Exm. Sr. barão de S. Lourenço, pois, como o administrador d'esta provincia que mais se tem dedicado aos seus melhoramentos materiaes, esperamos as providencias necessarias para que, não só esta, como as mais obras se façam regularmente e conforme as necessidades reclamam.

Com a presente reclamação só temos por fim evitar os abusos.

VARIÉDADES.

Questões enigmaticas.

Pergunta.—O que é que vae da Fonte Nova ao Rio Vermelho sem se mecher nem andar?

Resposta.—A estrada Dous de Julho,

P.—O que é que se põe na meza, que se corta e não se come?

R.—Um baralho de cartas.

P.—O que é Deus nunca viu nem hade ver?

R.—Seu semelhante.

P.—Que differença existe entre Salomão e Rothscild?

R.—Salomão foi rei dos judeus e Rothscild é o judeu dos reis.

P.—Quando é que as mulheres fallam menos?

R.—No mez de fevereiro que tem menos dias que os outros.

Queixas de uma moça.

Eu não sei porque desgraça
Vivo sempre perseguida,

Em qualquer parte que esteja
Soffro um *becco sem sahida*.

Dá-me vontade
De me esconder,
E nunca mais
Apparecer,...

Vou ao baile divertir-me
Fico logo aborrecida,
Quando me toca por par
Algum *becco sem sahida*.

Vindo algum d'estes
Me convidar
Quasi lhe digo
Já tenho par.

Si n'algum jogo de prendas
Eu estou bem entretida,
Quasi sempre me aborrece
Algum *becco sem sahida*.

Sendo a sentença
De abraçar,
Ha de algum *becco*
Por mim chamar.

A's vezes estou em casa,
Satisfeita, distrahida,
Batem palmas; quem será?
E' um *becco sem sahida*.

Largo de tudo
Finjo dormir,
Te que o massante
Queira sahir.

Ja me vae isto cançando...
Viver assim não é vida,
Tomara tambem em breve
Eu ser *becco sem sahida*.

Assim somente,
Descançarei.
E contra os *beccos*
Não ralharei.

ANNUNCIOS.

—Abriu-se num novo café ao largo do Theatro por baixo da *Recreativa*.

—Que tal é?

—Em gosto e aceio rivalisa com os melhores da Bahia.

—Pois então hei de visital o na primeira occasião que la passar....

—Pode-o fazer sem escrupulo, bem como qualquer pessoa que se der a tratamento.

Fugiu da casa do general Muniz Tavares, seu escravo crioulo de nome Pedro: quem o prender conduza a casa de seu senhor, que será recompensado de seu trabalho.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.^a

QUARTA-FEIRA 7 DE DEZEMBRO.

N. 725.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

A Conceição pura e immaculada de Maria virgem.

Amanhan é o anniversario admiravel e glorioso da religião e da patria;—da religião applaudindo e venerando a privilegiadissima Creatura, a mulher incorruptivel que a terra, em desaffronta d'outra mulher, mudando a doença em saude e o que mais é a morte em vida, reconciliou e uniu ao ceu, sendo ella Mãe do Messias prometido, do redemptor da peccadora humanidade, nunca perdendo uma so das suas incalculaveis prerogativas e immunidades de Virgem; da patria, crendo n'uma Entidade suprema, della esperando graças e beneficios, recorrendo á uma intercessão efficaz e proficua, porque preponderante e generosa sempre, commemorando e garantindo aquillo que fez, e que fará, coherente e grata, apezar das desconfianças e vertigens que dão-se e veem-se a cada passo, em todo instante, approvando e como que difundindo seu procedimento antigo, sua immutavel resolução, porque o patrocínio anhelado e pedido tem sido—na paz e na guerra,—qualquer que seja o tempo,—embora, sujeito ás contingencias e mudanças da natureza humana, fraca e vertiginosa,—sim, porque aquelle patrocínio tem sido presidido e acompanhado pela fé e pela razão, crendo e deliberando, para a morte de qualquer ser vida venturosa, no dia em que o espirito deste ou d'aquelle, de todos, separar-se do corpo, não difficil então a terra de justificar-se para com o ceu, sendo a Conceição pura e Immaculada de Maria-Virgem causa fertil desses effeitos,—ella na religião, abrangendo a tudo, no universo, a base e a porta da redempção humana, a epocha de ser concebida a creatura salvação e gloria,—na patria, designando um lugar, uma porção grande de terra, designando a terra feliz, por circumstancias, de chamar-se logo, remotamente da Cruz, e de estar sempre o imperio do Brasil sob o amparo da Virgem Mãe,

de Maria Santissima, cuja Conceição, pura e immaculada é sua padroeira,—paiz feliz por isso,—onde o homem pode, pela Conceição, conter-se, equilibrar-se,—pela Cruz, arrepende-se, salvar-se.

E porque o dia de amanhan é, além de commemorativo, despertador de tudo isso, é o dia alicerce do catholicismo, da doutrina, do amor e do perdão, do temor de Deus e da charidade para com o proximo, dia de nossa Mãe commum, que a todos os filhos extremosa e dedicadamente ama e protege, dia em que a graça debellou e venceu o peccado; a terra correspondendo-se com o ceu, festejemol-o com attenção e devoção, com prazer e enthusiasmo, porque elle assim o merece, dia epocha de todas as misericordias e de todas as maravilhas, dia de piedade e de heroismo, destinando a mulher singular para Virgem-Mãe e Mãe tanto de Deus quanto de todos os homens.

Para todo mundo a Conceição precedeu á Cruz, só o imperio do Brazil fazendo excepção, porque n'elle a Cruz foi anterior á Conceição, terra da Cruz chamado quando encontrado por accaso, nunca por calculo descoberto, região vasta, magnifica, sublime, maravilhosa em tudo dos tres reinos naturaes, que depois collocou-se sob os auspicios e influencias, privilegios e grandezas da Conceição!

Sobre a Conceição e a Cruz poderamos muito fallar, discorrer, embora sem muitos cabedades de intelligencia e nas columnas de um jornal pequeno; dizendo o que é todo o Brasil, norte e sul comparativamente e sua côrte; está tudo, aquelle e aquelle outro, simplesmente nada!... tudo valendo a côrte, onde um santo, como padroeiro da cidade tem triduo de luminarias e salvas, e do salvas duplas!... e a Conceição recebendo unicamente e muito do Brasil, uma salva em esta ou aquella, não completa, porque não geral illuminação!...

Mas para que desabafos e melindres, susceptibilidades e magoas, ante a Cruz e ante a Conceição?... fiquem aqui apenas, com pe-

na, pelo correr da penna, escriptas estas palavras, curvando-nos ante a excellencia do assumpto e solemnidade de amanhan,—com a seguinte—simples—o cordial saudação, cada qual fazendo o que pode e mais o que deve.

Sêde dia, como sois, cofre e thesouro, de riqueza e de fortuna para todos, não de mocda, de paciência e resignação, de fé e de charidade.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 6 de dezembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que a segurança individual e de propriedade vae mal nesta capital, pois que nas estradas ataca-se de dia aos viandantes e rouba se.

A estrada Dous de Julho incute receio de transitar-se, em consequencia das repetidas aggressões que ali se teem dado.

Ha seis dias, dous individuos sabidos de um velho pardieiro que ha no lugar chamado Moinho, agarraram uma mulher e tomaram-lhe tudo que levava.

Reconhecendo-se que sendo muitas e variadas as attribuições da repartição a seu cargo, não pode S. S. estar á par de todos os acontecimentos e por isso impossivel é prover a tudo de momento; mas reconhecendo tambem que S. S. tem mostrado zelo pelo serviço publico, espera-se que será solícito em providenciar sobre tão importante objecto.

—Ao mesmo, no sentido de obter alguma medida que faça cessar o incommodo que todas as madrugadas soffrem os moradores da rua do Soccorro e adjacentes, na freguezia de Brotas, visto como o respectivo fiscal parecendo deslembado de suas obrigações, consente que um individuo faça desse lugar matadouro de porcos, matando-os aos cinco e seis diariamente, o que gravemente incomoda, não só pela hora em que é praticado, com o insupportavel grunhido de taes animaes, como pela suffocante fumaceira e nauseabunda catinga no acto de serem pellados os mesmos.

Esse dito individuo tem mais um formidavel cão, que com o seu interminavel ladrar nocturno é outro inimigo do repouso dos habitantes, e quando solto, investe e morde, escapando um dia destes de ser mordida uma filha do Sr. Pedro Luiz de Mattos em sua propria porta.

Pede-se á S. S. que expeça ao subdelegado competente as convenientes ordens, afim de que cesse um tal vexame.

Portaria ao fiscal geral, dizendo-lhe que consta, no Rio Vermelho, 2.º districto de Brotas, haver quem venda carne de rez, que não é morta no matadouro, do que resultou que em um dia da semana finda compraram os moradores carne gangrenada, por ser de um boi que tinha morrido por effeito de uma estocada que levava. Para que o sujeito que assim fez não continue, cumpre que S. m. nos sabbados para domingo se dirija a aquelle logar a arreguar. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que consulte á camara municipal si foi por condescendencia sua que o proprietario da casa n.º 6 á travessa da ladeira das Hortas, abriu para a rua um cano de agoas servidas, quando concertou a dita propriedade, e a não ter sido por benevolencia de algum camarista que elle procedeu assim, (porque nesse caso manda quem pode) cumpre que S. m. sem demora proceda á respeito, de accordo com as posturas municipaes. Cumpra.

—Ao fiscal da Sé.—Sendo de presumir que seja S. m. artificialmente miope, recommenda-se-lhe que exija da camara uma verba para compra de *pince-nez*, afim de que possa ver o imminente risco de uma formidavel taboa, que está por dependuras a vir abaixo dos altos do sobrado n. 69, ás Portas do Carmo, e certo de que ha perigo communique á camara para providenciar. Cumpra.

—Capar bodes é trabalho que avilte?

—Estou que não, si bem que a tarefa pareça um tanto agreste.

—Então porque é que os moleques para atansar um pobre homem, morador defronte do Carmo, lançam-lhe o baldão de *capa-bodes*?

O infeliz vê se acuado! E' de noite, é de dia, a porta de sua morada é assaltada de pedradas!

—Isso acontece pela falta de correção; do contrario não se veria um pae de familia exposto ao ludibrio da canalha.

—Um velho, coitado, que sabe de manhan para o seu trabalho de santeiro e volta á tarde para o meio de sua familia.

—Entretanto, si um dia elle não podendo mais soffrer, commetter um attentado, hão de criminal-o!

—Soube de uma desgraça acontecida no forte de S. Pedro?

—Até esta data, não.

—No sabbado, um soldado tendo de ser castigado, na occasião de ser tirado do xadrez para soffrer a pena, apunhalou o sargento que o foi buscar.

— Não será isso uma prova convincente de que o excessivo rigor usado nesse batalhão nada aproveita á disciplina?

— Dizem, mas eu não affirmo, que depois de ter o soldado commettido o crime, foi sempre castigado, o que é contra a lei militar.

— Como dizem que o soldado está fora da lei, é provavel que para esse desgraçado não houvesse lei.

— Eu não sei o que mais admire aqui, capitão, si a subtileza ou o arrojo.

— De que se trata?

— De um roubo.

— Ora nisso não ha mais que admirar.

— Eu fallo pela finura dos ladrões.

O padre João Cancio de Andrade sabiu no domingo á noite de sua morada, á rua d'Ajuda, mas sua familia ficou no interior da casa.

Houve ladrão tão agil que abriu, sem ser presentido, a sala, e levou-lhe tudo que poud accomodar: ouro, prata e roupa.

— Não sendo assim, não daria prova da maestria no officio.

— O padre Manuel Felix Teixeira que se achava hospedado em casa de seu collega, tambem soffreu a perda de um trancelim e um par de chinellos de trança.

— E agora procurem o homem da capa preta.

— Esta vida é um perfeito engano; passa-se della á eternidade n'um sopro.

— A vida é fraca luz

Que um tenue sopro apaga.

— Em presença da morte não ha força, vigor e mocidade, que resistam.

Fui no domingo ao passeio de Itaparica; aportando o vapor, appareceu um canoeiro que se encarregou de desembarcar os passageiros: homem robusto, e que, quem lhe olhasse as feições, diria que vendia carradas de saude. Dez minutos depois estava estendido, morto!

— Que fatalidade!

— A vista de tão triste espectaculo enlucou-se-me o coração e pensando no nada deste mundo, não tive mais prazer algum.

— A viagem de recreio á Itaparica foi cheia de accidentes desagradaveis.

— Isso é o que não serve; em tal caso antes ficar em casa.

— Muita licença, muita falta de respeito ás familias, muita mona e muita desordem; mesa mesquinha e mal-servida; e assim mesmo tirando-se o melhor para pessoas reservadas. Eu roi um osso de porco e paguei 27 rs.

— Capitão, veja como vae esta terra ás mil maravilhas.

No sabbado, no caminho d'Areia em Itapagipe, passava uma preta com oito mil réis dentro de um balaio; sahiu sobre ella um crioulo e carregou-lhe balaio e dinheiro!

— Mas que quer? Quem se expõe a passar por aquelle caminho deserto, á certa hora da noite, é para isso mesmo.

— Está enganado V. Ex., o facto deu-se ás 8 horas do dia!

— Oh! os ladrões já nem respeitam a luz meridiana!

— Amanheceu hontem de baração ao pescoco, dependurado em uma loja da rua do Saboeiro, o africano Salvador, ganhador, que sentava-se no canto de S. Domingos.

— Não pode haver proposito mais louco e desenxabido do que esse de dar cabo da existencia.

— Mormente em uma idade avançada como a do enforcado, o qual pouco tempo mais poderia viver.

— E' bom fazer circular esta noticia.

— Basta estar em sua bocca.

— No sabbado á noite foi levado um moço á casa de uma meretriz, n'uma loja do Sr. capitão Ovidio, á rua dos Saboeiros, e ali o *enthusiasmaram* com bebidas, depois do que convidaram-no para jogar e ganharam-lhe uma quantia que não era sua, do que resultou ausentar-se o mesmo da casa em que estava empregado.

— O' lá da policia, presta ouvidos, e vede que tirada a causa, cessa o effeito.

— Capitão, venho-lhe communicar um caso que testemunhei no domingo pela manhan.

— Estou ás suas ordens.

— No domingo, seriam seis horas da manhan mais ou menos, vi um parlo dirigir-se para um riacho, que ha perto da estrada de ferro, no Engenho da Conceição, e pôz-se a lavar a cabeça.

Depois, vi chegar um preto com um barril que veio carregar agoa e dizer:— *Sinhô, abre terra pra sangue fica dentro di elle.*

Agente encarregado da policia de V. Ex., fui *in continenti* examinar onde era que estava o sangue de que fallava o preto, e vi que a cabeça do parlo estava com uma formidavel brecha, de duas pollegadas talvez.

Tratei immediatamente de interrogal-o, e elle disse-me que passando no sabbado á noite por detraz da casa de prisão com trabalho, sahiram sobre elle quatro homens e deram-lhe muitas cacetadas, resultando-lhe ficar

com aquella horrivel brecha na cabeça, o tendo ido queixar-se ao inspector, afim de levar o facto ao conhecimento do subdelegado, este o aconselhara que deixasse-se disso, e fosse tratar-se da ferida que tinha na cabeça, pois o subdelegado nestes casos nada poderia fazer.

—E esta! Que lhe parece este conselho?

—Nada digo sobre isto, apenas como cumpridor de minhas obrigações e agente fiel da policia de V. Ex., venho trazer ao seu conhecimento este facto, do qual o subdelegado da freguezia já tem sciencia.

—Ha factos que melhor é não commental-os; e neste sentido eu o entrego ao Sr. Dr. chefe de policia, que procurará descobrir a ponta do fio desta meada, pelos meios a seu alcance.

A PEDIDO

—Venha cá, Sr. Tiburro!

—Prompto, meu professor.

—O que é que V. vae fazer todas as noites em casa de uma viuva, moradora na rua do Chefe?

—Vou *conversar* com ella, meu professor.

—Por isso é que V., meu devasso, nunca dá a lição sabida, eim, meu safadinho?

—Não é não, meu professor, eu vou lá sempre ás 9 para as 10 horas da noite, e volto ás 11 horas e ás vezes meia noite,

—Mas que *gritos* e *xiados* são aquelles com que V. se põe na casa da *entretceda* viuva, que chega ao ponto de incommodar o morador do primeiro andar?

—E' quando estou jogando *pião* com ella, meu professor.

—Que menino dos diabos! até de noite este traquina vae jogar *pião*, e põe-se a *xiar* quando o *pião* *dansa*, que incommoda o morador do primeiro andar, de maneira a não deixal-o dormir.

—Mas, senhor mestre, o que tem isso?

—Ainda m'o pergunta, descarado!

Olhe que ainda não vi *cousinha* mais sem vergonha, mais relachada, mais safada do que este menino!

Teu nome ha de ficar registrado no *mappa mundi*, não como um sabio, mas como o primeiro camello do seculo!

Vae-te sentar, descarado!

—Si eu sei, deixava-me ficar em casa.

—E eu.

—Julgava que o passeio á Itaparica proporcionava um recreio, uma distracção, que era uma função seria, á que as familias podiam concorrer.

—Nessa persuasão é que eu trouxe a minha.

—Entretanto venho encontrar uma especie de deboche, uma classeria intoleravel.

—Quando nada os encarregados deviam advertir a aquelle moço que não seja tão licencioso.

—E' verdade! Sentado no collo de uma meretriz côr de ebano, no meio de tantas senhoras.

—E que maneiras, que tregeitos indecentes!

—E' o quanto se pode fazer garbo e *esmero* de ludibriar a decencia!

Errata.

No numero 723—724, onde diz:—*e outros* que usam, durante os quaes contribuirão etc., lêa-se *e outras* que usam de durante, (fazenda) os quaes contribuíram etc.

ANNUNCIOS.

Escravo fugido.

Fugiu do abaixo assignado no dia 13 de abril do corrente anno. o seu escravo de nome Luiz, côr cabra, idade vinte cinco annos, officio carreiro, tendo os signaes seguintes:— cabeça redonda, cabello carapinhado, testudo e tem na testa, junto a entrada, um signal de golpe, nariz chato, barba por baixo do queixo, nunca teve bigode; tem no peito um calombo cabelludo não muito fechado, altura regular, corpo cheio, pernas arqueadas. pés grandes, pouco falla e com má pronuncia. Quem o apprehender e leval-o na fazenda Pinguella, na freguezia de Nossa Senhora dos Campinhos, terá 70\$000 rs. de gratificação.

Felisberto Mendes de Moura.

Festa religiosa.

No próximo domingo 11 do corrente, será logar na igreja do convento de S Francisco a solemnidade da Santissima Virgem da Conceição, Protectora dos Artistas, havendo festa, Te-Deum, palanque na vespera e dia, illuminação a gaz, balões, fogos artificiaes, etc. A meza convoca aos senhores artistas á coadjvarem para tão religioso fim.

Haverá amanha, 8 do corrente ás 7 horas, uma missa á Nossa Senhora da Conceição na igreja de S. Pedro dos clerigos á mandado de um devoto.

Fugiu da casa do general Muniz Tavares, seu escravo crioulo de nome Pedro: quem o prender conduza á casa de seu senhor, que será recompensado de seu trabalho.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 73.^a

SABBADO 10 DE DEZEMBRO.

Ns. 726—727.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*.
9 de dezembro de 1870.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande examinar os pezos de matadouro publico, visto como nas pezadas da carne sabida para os talhos, encontra-se sempre diminuição de cinco, seis, oito e nove libras em um boi, o que torna-se por fim de contas em prejuizo do povo, que é sempre o soffredor. Espera-se ser attendido.

—Ao Exm. Sr. commandante das armas, levando ao seu conhecimento a seguinte informação que nos fazem, a qual, a ser exacta, é por demais descommunal, attentatoria dos preceitos militares e deponente da classe, e portanto reclama exemplar reparação.

No dia 6 do corrente, foi castigado a pranchadas o soldado Sabino José de Sant'Anna, estando de sentinella na guarda da Correcção, pelo alferes Queiroz.

Accrescenta o informante, que o facto foi notorio, por se ter passado á vista do carcereiro e dos presos, declarando o dito official que podia até surreal-o, pois estava authorisado.

Seado certo que todas as vezes que se ultrapassa a orbita da lei, tem-se commettido um delicto, é evidente que, a ser verdade, incorreu o dito official em culpavel infracção do código militar.

Portanto, da equidade de S. Ex. é de esperar o que fôr de justiça.

—Nestas funcções de igreja cheias de patacoadas, ha sempre desaguisados.

—O esplendor devia consistir unicamente no culto interior; tudo mais é *presepada*.

Esses arlequins, palanques, danças de corda, fogos de vistas, em nada augmentam a fé; essas fileiras de botequins servem apenas para atear a orgia

—Eu não sei a igreja para que admite em suas ceremonias esses espectaculos burles-

cos e extravagantes, que servem unicamente para prender a attenção da turba em um sentimento profano, na hora em que com a mente voltada para Deus, devia render-lhe graças!

—E a massa agglomera-se infrene ás portas do templo e abi commette escandalos e profanações!

Não ha respeito; os dieterios, as cantarolas, os sambas da parte de fora; em quanto dentro o levita unguido entõa canticos ao Altissimo!

—Veja o exemplo aqui na Conceição: quanta immoralidade, quanta desordem, quanta pancada!

—Os que deviam garantir a ordem, provocam; a policia é que espanca o povo.

—O novo chefe de policia entrou com má cabeça. Quanto alarma!

—Neste logar tão apertado as familias levam esbarrões, as creanças são pisadas, ha muita confusão, tudo causado pelos agentes da força publica!

—E depois que se toca o fogo ainda se vae postar na ladeira da Conceição provocando!

—Policia.... nem sombra.

—Entretanto esta algazarra infernal, esta lucta desesperada de oito a dez homens curtidos pela orgia de uma noute inteira, hallucinados pelas bebidas alchoolicas, este atroar de imprecações, este estrepitoso sibilar de toques de apitos, as familias sobresaltadas pelas janellas é a policia não chega, nem ouve!...

—Eu vinha no Terreiro e já ouvia.

—A's quatro horas da madrugada esta scena tumultuaria, ha mais de uma hora!

—E na porta de uma authoridade; por aqui mora o promotor publico!

—E o que mais é, um individuo de facha, o que quer dizer que é inspector de quartelão, envolvido na lucta!...

—A *exaltação*, em quo elle está, dá para isso mesmo.

—Esta policia não tem consciencia de seus deveres!

—As casas do mocotó e vispora, meu cha-

ro, abertas até 3 e 4 horas da manhã, não de dar nisso mesmo.

Admittem farpellas nessas tascas, as quaes com o jogo são origem da maior parte das desordens.

De manhã procure um desses chamados botequins para tomar um café, que estão fechados. A' qualquer hora do dia procure qualquer comida que não encontrará. Essas bodegas são abertas especialmente para jogo e devassidão.

—Veja o resultado: atiraram com o irmão do tal inspector sobre as pedras e o homem levou mais de um quarto de hora immovel; só quando o julgaram morto foi que a clarque dispersou-se.

—Para se safarem não estão bebados.

—O homem não morreu, mas está com uma formidavel brecha na cabeça, diversas contusões e um ferimento na mão.

—E viva a policia desta terra!

—Ha novissimas instrucções para o regimen militar?

—Não me consta.

—Supponho que sim.

—Pode ser.

—E estas conferem ás mulheres dos officias as honras que tem seus maridos.

—Ahi vem V.!

—Pois si eu vi, na sexta-feira, a senhora de um tenente ter arma perfilada da guarda que passava na rua do Collegio!

—Isso são deferencias de collegas, rapaz; attencões que se retribuem de parte á parte.

—Está bom, não sabia disso.

—Quanta diabrura temos hoje visto!

—A noite é propria.

—Na rua do Tijollo seis individuos pagodeam á luz do gaz; a sucia parece satisfeita; mas de repente tolda-se uma nuvem e acaba-se a funcção em borrasca.

—Pobres violões! foram que pagaram. Sem nenhuma culpa terem, foram esmigalhados mutuamente nas caras dos pagodistas!

—Na noite de quarta-feira espancaram um homem desabridamente.

—Em que logar?

—No Caes Dourado.

—Conheceu os aggressores?

—Duas praças do destacamento.

—E' mesmo quem podia ser.

—O que me causou extranheza foi ouvir o paciente dizer por vezes, —estou preso, levem-me; mas não me espanquem; por onde conclui que elle nenhuma opposição fazia.

—Não vê, que a policia quando quer dar bordoadas, attende a razões!

—V. já leu o interrogatorio feito ao Sr. Lycurgo Leonidas Martins Moscoso, á sua irmã e á menor deflorada?

—Ainda não.

—Oh! que peça! Leia que acha muito que apreciar.

—Bom, deixe para depois, agora não ha tempo a perder.

—Oh, que diabo de matinada! E' mais de meia noite e não se pode socegar.

—São as abelhas deste cortiço defronte da Misericordia que estão assanhadas.

—Engana-se; é uma mulher que quer cobrar de um homem certa divida não prevista pela legislação, e por isso julga-se competente para ser juiz em causa propria, tomando-lhe o chapéu.

—Está no seu direito; assim não causas-se tanto incommodo com a assuada immoral que faz.

—V. não sabe que é vespera da Conceição, noite em que todos se *alegram*?

—A policia que viva triste.

—Moço, tire o chapéu; não se faça especial.

Passando o Santissimo Sacramento, e o Sr. todo impertigado n'uma janella do forum, de chapéu á cabeça!

N'esta terra de catholicos romanos, em cuja religião foi Vm. educado, não adorar ao Sagrado Viatico, é grande impiedade, uma profanação e fazer disso ostentação, si não é sacrelegio, é ignorancia.

Ainda dado que Vm. tivesse abjurado, não podia desrespeitar a religião do Estado.

—Cada um é juiz de sua consciencia.

—Porém o publico não gosta de ver celebrazões.

Eu achava melhor que o Sr. pegasse n'um seixo e batesse nos peitos em signal de contricção.

—Isso é si fosse seu *filho* para tomar conselhos seus.

—Felippe é um creoulo fabricante de pasteis, e talvez por isso, entendeu que devia um dia destes fazer pastel de uma preta sua *companheira*.

—Que graça!

—Ignora-se a razão que teve ella para andar esquiva de seu *osso*, e, ou fosse magoado pela ausencia, ou sentido pela falta que lhe fazia ella, na coadjuvação da vendagem dos pasteis, Felippe delibrou que devia intelli-

gir-lhe uma *coisa* por andar desnorteada.

Dando-lhe mel pelos beiços, conseguiu levá-la a um cubículo á rua dos Capitães, onde já tinha á mão corda, mordaga, chicote e preparado um formidável molho de pimentas. Amordaçada a fugitiva beldade, começou o escandalizado amante a sacudir-lhe do corpo a poeira de uma maneira brutal.

O acaso muitas vezes tem frustrado a perpetração de muitos crimes, e alguém que bateu á porta, veio impedir a Felippe de não executar completamente seu desígnio.

Fez se corpo de delicto, porque as offensas são graves, e no outro dia sendo preso, quando voltava do theatro da vendagem de pasteis, resistiu, desarmou a policia, e..... bateu azas.

Dizem que esse campeão é escravo do tenente coronel Botelho.

—Está decidido que o Felippe é digno de alguma fumeção, que lhe arrefeça o genio fogoso.

—Quem tem sua familia, que leva a estes logares não tem juizo.

—Isto é, n'uma terra como a nossa.

—Alem da ousadia e petulancia de certos moços, ainda vão aquelles meninos mal-creados para o terrasso da Conceição e de la arremessam bolas de barro amassadas com o mijo sobre as senhoras emporcalhando-lhes os vestidos!

—Falta de educação e de correção publica.

—Sabe que escapei de morrer?

—Razão evidente de que sua hora não foi chegada.

—Mas vi a morte nos olhos na terça feira.

—Tambem é cousa que não lhe creio, a senhora parca não concede a ninguem o gosto de lhe mirar o rosto, invisível como é.

—O caso é que por um tris o pobre de meu corpo não serve de trilho para passar o comboy da via ferrea.

—Quer dizer que escapou de um sinistro?

—Isso.

O trem descia de Alagoinhas e desencarilhou no Parafuso; pediu soccorro para a Jequitaiá, donde partiu um carro levando uma machina sob a direcção do cabo de tronco Richard Tiplady. Em caminho, teve este signal para retroceder por não ser mas preciso o soccorro; o homem porem entendeu de continuar, e ao chegar a uma curva que ha, abalroou com o trem que vinha, cahindo tres pessoas ao chão que ficaram contusas e bastante maltratadas.

—Nesse caso foi impericia do engenheiro.

—A desgraça não foi irreparavel, porque

o engenheiro do trem que descia empregou todos os esforços para fazer recuar, quanto ponde, o comboy.

Quanto ao que foi em soccorro, estando vazio e podendo mas facilmente desviar-se, não o fez.

—De sorte que o soccorro tornou-se em perigo.

—Birras que compromettem a vida alheia.

Dizem que sir Richard não é engenheiro, não é nada; e que chegando á esta terra entendia tanto de engenheria como eu, que para aqui veio em mister muito differente.

—La isso deixe por conta da companhia.

—O que não convém é que a vida do publico continue exposta a perigos.

—Ah, isso é verdade.

—Pois nesse sentido é que eu fallo.

—Capitão, venho-lhe contar o que vi.

—Sim, Sr.

—São scenas nocturnas.

—Serve.

—Nas noites de sabbados e vespersas de dia santo, ja sabe V. Ex., que a rapazeada gosta de folgar.

—São as noites de sarceiros; continúe.

—No Terreiro, alguns sujeitos davam expansão a seus peitos, cantarolando.

O cabo do destacamento da repartição da policia, assentou que aquelle garganteado era um obstaculo ao repouso e foi intimal-os para que fizessem pausa.

—Ora, tanta cousa por ahi que incommoda á noite, e elles não prohibem.

—Com geito tudo se faz, mais o cabo quiz ir logo ás do cabo; pelas maneiras agras e insolentes que usou foi *torrado*.

E' verdade que não tinha consciencia do que dizia, o que em cabeças que melhor pensassem, seria rasão para evitar um conflicto com aquelle desvairado agente da força publica.

Tornando-se o caso feio, o Sr. capitão João Virgilio procurou com prudencia accomodar as partes; o cabo porém desattendeu-o e insultou-o com palavras injuriosas.

Um mais imprudente do grupo dirigiu uma ameaça e o policial desambainhando o refe, foi sovando não so aquelles com que contendia, como a quem na occasião passava; feriu diveras pessoas e em cada costado que descansava a sua espada, era um queda certa.

Perseguido a pedras, correu, e ao entrar do becco das Morças foi preso e desarmado; mas os companheiros que vinham em seu auxilio, deram-lhe outra arma, com a qual o homem fez bravatas.

Levado para o destacamento em vez de ser desarmado e preso; consentiu o sargento que ficasse com a arma e que por tres ou quatro vezes sahisse á rua e investisse contra o povo, e que pela janella do destacamento desse cutiladas em uma das quaes dobrou a espada ao meio; esta acção era acompanhada de doestos e imprecações offensivas a quantos presenciavam o facto.

— E' muito affrontar a opinião!

— Foi um acontecimento que poderia ter consequencias muito graves pela imbecilidade do sargento, consentindo que o cabo, possesso como estava, sahisse á rua muitas vezes brandindo a espada, tirando fogo das pedras, indo á janella de uma casa muitos passos distantes e rasgasse a farda e atirasse com as divisas no chão.

— Tudo isso, alem do mais, constitue muita falta de respeito, relaxação no serviço.

— Os soldados em lugar de procurar accommodar seu companheiro, mais o insuflavam, ajudando-o a descompar o povo de malandros, réus de policia, ladrões e filhos da p....

E como um desatino é origem de outro desatino, um grupo de desasisados e imprudentes prorompeu em morras, e invectivas aggressivas ao ex-chefe de policia, o qual realmente não o merece.

— Procedimento altamente censuravel, so por si bastante para envergonhar uma população inteira.

— O que é muito reparavel, é em todo este barulho, que durou mas de duas horas, o não comparecimento de uma authoridade!

O ordenança do chefe de policia em lugar de ia chamal-o onde estava....deixou-se ficar alli.

E' verdade que tudo tem seu prestimo, e a não ser elle o cabo não se desfaria da arma com a qual parecia disposto a fazer alguma *borrada*.

O official da ronda quando alli chegou, foi muito tarde.

— Bom agente da força publica é o cabo!

Eu com quanto nenhuma relação manteinha com ex-chefe de policia, magoa-me bastante, que fosse immerecidamente aggreddido.

— Entre os feridos posso mencionar o Sr. Salustiano Souto de Miranda e um sargento da Sé de nome Gregorio.

A PEDIDO

— A despeito das considerações publicadas no numero atrasado tem continuado o jogo, com um furor inexcédível.

— Na tal casa do Maciel?

— Lá mesmo.

— Aquella casa é um germen de perdição. E' um abysmo onde insensivelmente se estão precipitando moços, que a não ser a cegueira do jogo, tudo mais lhes augura um porvir li-songeiro.

As casas de jogo são em sua essencia perigosas pela ruina que causam, mas nessa os effeitos devem se produzir com mais celeridade e devem ser mais sensiveis e amargas as consequencias, em virtude da qualidade de gente que a frequenta.

São cegos e inexperientes moços que não veem diante dos olhos o precipicio, para o qual fatalmente os arrasta a paixão do jogo!

Attribuem á eventualidade da sorte (o que ainda assim é imprudente arriscar) as avultadas quantias que perdem, quando ellas lhe são extorquidas por meio de dolos. que a es-perteza sabe urdir para apanhar os incautos.

Ha alguns mezes appareceu nessa casa um sujeito com suas cartas a geito, e teve tão boa ventura, que em dous mezes poude arrecadar uns 5:000\$ rs. dos patinhos, e se enxotar logo que os mesmos foram advertidos.

Cessou por algum tempo o ardor da jogatina, que agora reduplicou.

E ali jogam como banqueiros e capitalistas!

Para dar ideia basta dizer que no dia 2 de dezembro começou o *fado* ás 6 horas da tarde, ás 8 já um dos *felizes* (que são 3 ou 4) apreciava o spectaculo no theatro com 480\$ rs. de lucro.

Reflicta a policia em seu criterio, si convem a continuação de um sorvedouro de tal ordem.

— Capitão, vou contar-lhe um segredo; mas não quero que passe dos seus assignantes.

— Pode dizer, que eu lhe prometto que não ha de passar.

— No dia 2 de dezembro, um negro africano, escravo de um moço rico, morador em uma rua que não está *calçada*, deu muitos sopapos no ordenança de um homem que já andou por esses *mares*, e hoje é subdelegado; tomou lhe o reflexo e quasi o mata.

— E que fez o subdelegado?

— Soltou o preto no dia seguinte.

— Pois isso acontecido n'uma rua publica, apesar de não ser *calçada*, devia ser notorio, e não negocio de segredo.

— Ah, capitão, si não guarda, eu deixo de contar o resto.

— Vamos adiante.

— O subdelegado tem razão, porque não quer contendias com o senhor do preto que é *basto* de dinheiro e *basto* de recursos.

— Então porque o senhor é *basto* de dinheiro e de recursos, o subdelegado não processou o preto?

—Eu não sei si foi essa a razão, mas me parece.

—Pois meu charo, eu vou levar ao conhecimento do chefe.

—Capitão, tenha paciência, porque o pobre do soldado já passou seus tormentos na ocasião da desordem e quasi que o senhor do preto o esmaga pelo atrevimento de ter prendido seu escravo.

—Muito bem!... então o senhor foi contra o soldado?

—Ainda pergunta, meu capitão, reprehendeu severa e publicamente e até o prendeu.

—Bello! além de paciente, aperriado!... São cousas que não devem ficar encobertas; vou levar ao dominio publico.

—Pois bem, capitão, não conto mais; faço ponto ahí.

—Faça o que quizer.

Sombra e Tempestade.

A brisa passando mansamente por certa rua, ouviu o seguinte dialogo:

Sombra—Que horas marca o tempo?

Tempestade—Quando despenhei-me das alturas, faziam duas horas nos relógios de terra, salvo uma ou outra alteração.

Sombra—A quem encontraste?

Tempestade.—Um encapotado de nome Reque... e tu?

Sombra.—Eu? desci com o descambar do sol; já quando os viventes zangados com a côr sombria tratavam de repousar, sahi a dar um passeio por uma alameda *atravessada* de castanheiros e encontrei-me com uma lanterna sem projecção, trazendo por luz amortecida a esphera..... *ão!*

O leitor quer o conceito?

Dê tratos ao juizo.

As auras.

Sr. Paulo alfaiate.—Você que se interessou tanto por sua ineuleada prima e futura comadre, (este seu compadresco tem o que se lhe diga!) como a abandona agora nos apertos em que está?

—Porque não manda ao seu corretor Miguel Peixe gallo que vá ver o homem *grande* de S. Domingos para livral-a da gangorra em que por sua causa está mettida?

Que famosa trempe! Você, Miguel Peixe gallo, homem de S. Domingos e a cuja feito a panella.

Bem feito! Si ella não ouvisse suas prozas, agora não pagaria as favas e V. fresquinho.

—Xinhá capitão, iô tan hi.

—Enxota-te, ave agoureira; hoje não posso soffrer-te.

—Dua paravra, iô vae mimbora.

—Pois avia-te e some-te.

—Iêsse bessa de Juan Crimacoria, lingoa di êre tan fiada cuma navaia; anda fazendo ni nome di gente qui nan tan fazendo patifaria cuma êre; precisa muxinguêro mettê taca ni sicarado.

—Deixa o cão ladrar; não faças caso, rapaz.

—Iêsse consa peió di quê monturo onde bota cissico, nan pode fará di gente qui nan tá cuma iêre.

—Deixa-o, preto; o sevandija quer nutrir o genio.

—Juan Crimacoria tem turo defeito, capitão; iêsse é homem pruquê véte craça.

—Pae, não me importunes; o peor é dares importancia a um alquilé que a não merece.

—Si êsse bandaia lembra di defunto Lui Gome, di Saude, não tem gozzo pra abre bocca e fará de ninguem.

—Mas o que foi, pae?

—Consa de vregonha, capitão.

—Fallal!

—Bocca di negro tan pesando pra dizê.

—Diz o que foi.

—Cossume qui êre tem di tempo di minino, minino criado ni passo atôa, cuma fio de miúe fadissa; gozza de brincá cum cobra viva; iêre já tá marimanjão, de vinte anno vae brincá cum cobra de Lui Gome de Saude...

—Como é isso, pae; então esse Luiz Gomes criava cobras?

—Ouve.

Cobra moridê iêre, quando sicarado sente dô, sahe gritando; mãe di patife quando viu sangue tan corendo bota bocca ni mundo.

Turo ni Saude sabe di esse.

Angora iêsse sem vregonha, iêsse caxoro gozo, iêsse bôra di pipa, qué fará de vida aeia.

—Preto, acaba com isso.

—Iô tan gravado munto cum iêsse mureque; iô qué desabafá meu pento pra sueegá; quando capitão tan cum vagá iô vem.

—Vae, vae, que eu quero te ver pelas costas.

O *Xixi* que amou a uma dama viada de Alcacer-quibir, por consequente de nação *moura*; *Rosa* de nome, (mais claro do que isto so azeite) é um individuo de sentimentos ras-teiros.

Um ciganhinho (mistura de cigano com moura, que raça não sahirá!) que *habitando* em uma brenha d'onde brota certo rio, ahí vive como todos os de sua raça do latrocínio de cavallos e outras quejandas gentilezas.

Um lambo-pratos de certo magistrado; a quem leva à baixeza ao ponto de limpar-lhe o az de copas em certos actos vitaes.

Um safadinho que vive na mais sensual crapula com uma barregan (sendo casado) dando escandalo pelos actos dissolutos que pratica.

Uma infimo que apregoa honradez estando coberto de maculas, tão cheio de manchas, como uma peça de fazenda avariada por agoa salgada.

Um linguarudo que falla de Deus e do mundo, e que se mostra todo offendido quando se lhe diz a verdade dos seus feitos.

Um pedante que quer inculcar virtude e honestidade, elle o vicio e a luxuria em pes soa.

Um branco sujo que chama aos homens de cõr de negros e bodes, elle que a não ser uma mão bem-feitora, talvez ainda hoje andasse pelas estradas na vida errante do gajão, aos bandos, laçando os bois e cavallos alheios, industria que si hoje exerce é mui surrateira e paulatinamente, acobertando-se ainda em cima com o nome de homem honrado.

Um.... um.... diabos o carregue para as profundas do inferno.

(Continúa)

Pede-se ao Sr. Dr. Gustavo Adolpho de Sá que declare qual o pharmaceutico responsavel pelos medicamentos preparados em sua Pharmacia—Popular.

O pharmaceutico desempregado.

VARIÉDADES.

As mulheres feias.

Ha por este mundo ainda muita gente ruim que falla contra a mulher feia. E no entanto a mulher feia é o maior thesouro de que se possa ufanar o genero humano. O ciume, o zelo, o amar, esses tres inimigos roedores do nosso espirito e da nossa tranquillidade, desapparecem espavoridos perante a mulher feia. O marido da mulher feia é quasi sempre homem alegre, rubicundo, gordo e amigo do proximo. O marido da mulher bonita é desconfiado, magro, inquieto, nervoso e malcreado quasi sempre.

Fulano de tal, possuidor de uma senhora habitualmente feia, vai a todos os bailes, comparece em todas as reuniões, ri-se em altas vozes, conversa com todo o mundo, satyrisa a seu bello prazer a sociedade em geral, dança, come de todas as bandejas meia duzia do bolos, discute politica, pavoneia-se ao es-

pelho e é o ultimo a abandonar os salões do baile terminado.

O marido da mulher bella pouco dança, como pouco, não tira os olhos do lugar onde está a mulher escolhida do seu coração, franze o sobr'olho quando ella dança com alguém, passeia agitado pelas salas, e finalmente depois da terceira quadrilha pretexta uma enxaqueca e põe-se ao fresco sem mais cerimonia.

Antes de entrar no salão do baile não se esquece da recommendação habitual:

—Não dances muito que não te fica bem, amor. E a respeito de walsas e polkas nem fallar nisso é bom. Nada de polkas nem walsas, vê lá!

O consorte da mulher feia é mais generoso:

—Dança, meu bem, dança á vontade. Olha, é hygienico até! Faze de conta que estaes solteira; não te importes comigo. Diverte-te, minha flor, diverte-te até não poderes mais!

Perguntae ao marido de uma senhora bonita:

—Como vae a excellentissima?

Elle responderá seccamente:

—Sem novidade, obrigado.

E nada mais!

O marido da mulher feia dirá logo, depois de vinte sorrisos amaveis:

—Está boa, agradecido! Então? Não apparece mais por aquella choupana? Estará mal comnosco? Minha mulher queixa-se de que o senhor é o maior ingrato deste mundo. Appareça, appareça!

A mulher feia é uma necessidade social, uma necessidade urgentissima como a agoa, o sol, o dinheiro, o alimento enfim!

Passeia-se com uma mulher feia, ninguem repara, ninguem falla, ninguem olha mesmo.

De-se o braço á uma mulher bonita e o alarima persegue-nos de uma maneira irresistivel:

—Quem será ella?

—Pois fulano casou-se ja?

—L' noiva, de certo!

—Ou prima!

—Formosos olhos!

—E que pés! Dous prodigios de miniatura!

—Feliz patife!

—Aquelle ladrão sempre teve gosto, valha a verdade.

—Amanhan vou perguntar-lhe, onde encavou elle aquella sereia.

E no dia seguinte não faltam visitas, não faltam importunos que nos caiam em cima, armados de um arsenal de perguntas, á que somos forçados a responder do qualquer maneira.

Ora isso é simplesmente horrôso.

A mulher feia é virtuosa em extremo. Dá-se com affinco ao trabalho da agulha, trata com interesse da roupa do marido, lê as *Honras Marianas*, apparece pouco á janella, é boa mãe de familia, não tem caprichos nem vaidade e faz consistir toda a sua ventura em aprender receitas de doces e elevar ao ultimo grau de apuro a confecção de um bife de grelha ou de um ensopado de feijão fradinho!

A mulher bonita não sahe do *toilette*, quebra seis espelhos por semana, faz o marido assignar todos os jornaes de modas, não prega um botão de punho, estropia Verdi e Bellini, sem dar satisfações á critica musical, dá pouca importancia aos filhos si os tem, aprende todas as lingoas sem attender ás regras de nenhuma, desconhece a existencia da agulha, vai a todos os theatros e bailes, onde esbanja sem piedade a fortuna do casal, e finalmente considera-se feliz apenas quando a modista traz-lhe o vestido do baile e o marido o bilhete do camarote para o espectáculo da noite!

A vaidade que é um vicio perfumado, mas um vicio sempre, foi creada exclusivamente para a mulher formosa. E é entre as garras dessa vaidade eterna, que a honra desaparece com uma velocidade atroz.

A mulher feia é quasi sempre sadia, robusta e fresca. A mulher bonita é nervosa, phrenetica, doente. Si não houvessem no mundo mulheres bonitas, para morrer de fome era basante ter-se um diploma de medico.

(Continúa.)

A honra.

Alexandre Dumas (o pai) pergunta em um dos seus romances: — «que é a honra? . . .»

E responde immediatamente: — «a honra é a honra.»

Eisahi uma definição que para alguns será clara como dia, e para outros, escura como as trevas.

No Rio de Janeiro, que é a unica cidade que conheço no mundo, a idéa da honra é geralmente comprehendida e explicada de modo muito mais preciso e a não admittir duvidas.

E' uma honra mais de convenção do que outra qualquer, e excellente e admiravel, é mesmo até milagrosa; porque pode-se ser homem honrado apesar de muitas deshouras.

*
* *

Passem pela *Praça do Commercio* e olhem bem para aquelle sugeito, a quem todos fazem barretadas de chapéu quasi a roçar pela terra.

—Que honradissimo homem! . . . dizem todos á uma voz. •

Em que consiste a honra d'aquelle honradissimo?

E' cousa simples: elle paga as suas letras no dia do vencimento, e logo que lh'as apresentam, e é *firma* que ainda não falhou, nem ha receio que falhe.

Entretanto o honradissimo pode ser casado e escandalosamente adultero, pode ser seductor e ter deixado na miseria, ou atirado nos abysmos da prostituição tres ou quatro moças pobres por elle enganadas, pode ser mau filho, ou mau irmão, ou falso amigo, ingrato ao protector que o fez gente, usurario feroz, ou outra qualquer innocencia d'essas. . . .

Que importa isso? . . . tem dinheiro, cumpre o seu dever, pagando sempre á boca do cofre.

E' um homem honradissimo.

E vão lá pôr-lhe embargos á fama de honra! . . .

*
* *

O illustre e exm. conselheiro Fuão de Tal, titular ou não — que si ainda o não é ha de se-lo, e se ja o é, bom proveito lhe faça o titulo — o exm., foi ministro, e sahiu do ministerio com dividas ou sem ellas e em todo caso com justissimo credito de não ter negociado com a pasta em seu proprio interesse, de não haver augmentado, e antes sendo publico que perdera em seus cabedaes durante o ministerio.

—Que ministro honrado! . . . dizem.

E todavia elle calcou aos pés a constituição, e sophismou e infringiu todas as leis.

Demittiu empregados honestos e os fez substituir nos empregos por capangas eleitoracs sem consciencias nem capacidade.

Creou despezas inuteis para pagar serviços de partido.

Arranjou os parentes sacrificando os direitos e o merecimento de estranhos.

Economisou gotas d'agua e esbanjou rios de dinheiro.

Fez muito bem aos seus amigos e afilhados, e muito mal á nação.

Mentiu ao povo, mentio ás camaras, mentiu á corôa.

Oh! . . . mas ninguem é capaz de dizer que para qualquer meio publico ou secreto elle desviasse da fazenda publica um so real para si.

Portanto.

Que ministro honrado!!! que Catão!!!

*
* *

Assim pois que é — honra?

Honra é simplesmente o brio da bolsa em pagar e não tomar, senão conforme o dever.

Honra é cousa concernente á bolsa, que se guarda no bolso e como o bolso fica por fora e por cima do coração, honra é cuidado es-

crupuloso nos negocios da vida, e não é sentimento que se aninha no coração e que d'ali presida e dirija todas as relações moraes do homem com os outros homens.

E' por isso que ha tanta gente sem honra com fama de honrada.

Mas a sociedade que semêa assim, que fructos colherá em breve futuro?.,..

Para acabar depressa.

Uma mulher, que vendia sardinhas na rua, foi ao theatro um dia em que a entrada era gratis para o povo.

Enquanto os cantores cantaram cada um por sua vez, mostrou-se muito satisfeita; mas, ao ouvir o primeiro côro, gritou para a scena:

—Então, como hoje não se paga, cantam todos juntos para acabar mais de pressa!

Certos homens bons.

Ha por esse mundo *certas bondades de coração*, que estão pouco mais ou menos no caso da honra de que acabo de fallar.

Haja vista o senhor Thomaz.

O senhor Thomaz é prepotente, desalmado e genio de furia; quando deseja, manda, e, senão lhe obedecem, dá pancada; ousado, vicioso e corrompido, lança a desordem no seio das familias: tem lingua viperina, e despedaça reputações; é um demonio pelo mal que faz; mas ás vezes *chora compadecido* das desgraças á que *outros maus* reduzem pobres victimas, e tambem ás vezes empresta por acaso sem juro a alguns protegidos dinheiro que recolheu com usura de infelizes a quem pôz em miseria.

Ah!...o senhor Thomaz tem mau genio e faz loucuras e desacatos de espantar; mas no fundo—que bondade de coração

* *
*

O senhor Simplicio é ainda melhor.

Mãos largas até ali! dinheiro a todos, a amigos, a conhecidos, e a desconhecidos! Basta-lhe ver uma cara de lamuria para abrir a bolsa....

Veste os outros e anda roto....

Engorda os outros e emmagrece a familia.

Não se lembra dos proprios filhos, porque não lhe sobra o tempo que emprega em cuidar nos dos outros.

Como ouve louvar a sua *bondade de coração*, vive rindo para todos.

Entretanto o senhor Simplicio, não tendo bastante dinheiro para tão grandes obras, põe em contribuição os amigos ricos, e incommoda meio mundo para dar pão e panno a vadios.

Torna-se protector de criminosos.

Não distingue o vicio da virtude.

Priva muitas vezes o verdadeiro pobre da esmola que desperdiça com o ocioso e tralante.

Morre, deixando sua viuva em miseria, e seus filhos sem educação nem futuro.

Mas...—*que bom coração tinha elle!*....

Não duvido; tinha porém um *bom coração* muito tolo, e que por muito tolo não soube fazer o bem, e fez sem o querer grande mal.

Um medico jogador.

M. B***, que é uma das glorias da medicina actual, é tambem um jogador desenfreado.

Um dia achando-se em uma casa de jogo, foi chamado para ir ver um doente.

M. B*** apalpou-lhe o pulso, e tirando o relógio da algibeira, poz-se a contar em meia voz as pulsações, com os olhos pregados no mostrador:

—Um, dois, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito...

E parou aqui, continuando depois:

—Nove, dez...dama, valete e rei!

O doente riu-se, e M. B*** salvou-o!

ANNUNCIOS.

Festa religiosa.

No proximo domingo 11 do corrente, terá logar na egreja do convento de S Francisco a solemnidade da Santissima Virgem da Conceição, Protectora dos Artistas, havendo festa, Te-Deum, palanque na vespera e dia, illuminação a gaz, balões, fogos artificiaes, etc. A meza convoca aos senhores artistas a coadjvarem para tão religioso fim.

Escravo fugido.

Fugiu do abaixo assignado no dia 13 de abril do corrente anno, o seu escravo de nome Luiz, côr cabra, idade vinte cinco annos, officio carreiro, tendo os signaes seguintes:—cabeça redonda, cabello carapinhado, testudo e tem na testa, junto a entrada, um signal de golpe, nariz chato, barba por baixo do queixo, nunca teve bigode; tem no peito um calombo cabelludo não muito fechado, altura regular, corpo cheio, pernas arqueadas, pés grandes, pouco falla e com má pronuncia. Quem o apprehender e leval-o na fazenda Pinguella, na freguezia de Nossa Senhora dos Campinhos, terá 70000 rs. de gratificação.

Felisberto Mendes de Moura.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.ª

TERÇA-FEIRA 13 DE DEZEMBRO.

N. 728.

Publica-se na typographia de Marques, Aristidos e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collogio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 100 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latroapolis, bordo do *Alabama*, 12 de dezembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia da Conceição da Praia, pedindo-lhe que lance suas vistas sobre uma sucia de peralvilhos, que estão sempre reunidos em uma sobre-loja, por cima de um torneiro, na ladeira da Conceição, os quaes pateiam á torto e a direito, fazem algazarras e assuadas, atiram cocos, pedras e cascas de bananas sobre as pessoas que por ali transitam.

Em vista do exposto acima, espera-se que S. S. empregue os meios a seu alcance afim de cessar semelhante abuso.

—A gerencia da companhia de Vehiculos, para mandar tirar a grande porção de areia existente ao lado do desvio que ultimamente fez da Roda da Fortuna á botica, bem como assentar as pedras que arrancaram.

Isso recommenda-se-lhe á bem da geral commodidade, porque com este sol abrasador, é um flagello transitar-se por alli e nem mesmo se pode estar á janella em razão do vento impellir a poeira sobre os olhos e gorgomilos do paciente publico. Espera-se que essa digna gerencia se dará pressa em attender ao reclamo e conveniencia publica.

—No dia de Nossa Senhora da Conceição sahio á luz o 1.º numero da *União e Industria*, jornal que se dedica a causa da mesma sociedade.

—Causa nobre, util e patriótica.

—A Immaculada Virgem em sua excelsa bondade, queira espargir seu manto de graças sobre aquelles obreiros do trabalho livre.

—A *União e Industria* por qualquer lado que se encare annuncia-se fecunda de proficuos resultados.

—Veio acabar com certos preconceitos da nossa sociedade. O homem livre tinha desagrado de carregár um objecto para si; a fundação

da *União e Industria* desvaneceu esse mal-entendido escrupulo.

Veio dar trabalho a centenaes de braços desocupados; grande numero de voluntarios que erusavam as ruas sem achar occupação, encontraram nella meio de ganhar a vida.

O commercio lucra immensamente; as transacções facilitam-se, o dinheiro gira mais; o africano vestia umas ceroulas e camisolas feitas de sacco de aninhagem, que lhe davam gratis nos escriptorios. O nacional fará gasto á loja de fazendas para vestir-se e a sua familia; irá ao armazem e ao mercado prover-se de generos alimenticios; em quanto o africano so tratava de accumular moeda e meia pataca lhe era sufficiente para passar um dia.

O nacional irá morar em uma casa onde a nação possa cobrar o imposto pessoal, ao passo que o africano habitava nos casebres e subterraneos. Dará consumo aos productos da arte e industria, em quanto o africano morando em um calogi forrado de esteiras, nem uma tripeça para se sentar comprava. É mais que tudo isso, a *União e Industria* veio emancipar o trabalho.

—Agora o que se torna essencialmente preciso nessa corporação, é a assuidade, a constancia, a união e a fé; adquirir por precedentes de immaculada probidade a confiança da opinião publica.

—E ter muito em vista que no seu seio não se vá introduzir algum industrioso, algum membro do olho vivo que os desacredite; este ponto exige muita cautella e vigilancia.

No mais Deus fará progredir a *União e Industria*, como tem protegido todos os esforços uteis da humanidade.

—Hoje, ás 6 horas da tarde, continua a discussão do projecto de estatutos da Associação Typographica Bahiana. A reunião é no collegio Três de Fevereiro, ao becco do Aguião.

—Capitão, trago-lhe uma nova que causa apertos no coração.

—V. me faz gerar calafrios!

—Consinta que exponha o quo sei pelo miúdo.

No Uruguay, districto dos Mares, mora um Sr. Caldeira, filho de uma mulher mentecapta ou louca.

Requeru elle para mettel-a na Correção (1) visto que a Misericordia não a recebia.

—Misericordia sem misericordia, para com os pobres de espirito.

—O filho mettel a mãe na Correção e passados dias, foi buscal-a.

Mettel-a em casa, deitou um pouco de carne, farinha, um pote com agoa, trancou a porta e ausentou se.

—Aferrolhada por aferrolhada, antes na Correção.

—Isso a 9 do passado. No dia 27 teve noticia o inspector Epiphanio de que ha desoito dias existia uma mulher reclusa sem ver sol nem lua, abandonada pelo filho. Communicou ao subdelegado, o qual em sua companhia foi ao logar; e ali a mulher recusou-se a abrir a porta. Algumas pessoas que presencearam, como os Srs. Seabra e Miguel, proprietarios do logar, foram de opinião que a porta fosse arrombada; o subdelegado porém entendeu o contrario, dizendo que ia mandar procurar Caldeira para syndicar e providenciar.

Decorreram dias; nem Caldeira appareceu, nem as providencias.

No dia 5 do corrente os visinhos desconfiaram, por não a ouvirem fallar ha muitos dias, como era de costume; destelhada a casa, encontraram-na morta ja em estado de putrefacção e roida pelos ratos!

—Que morte desastrosa! Encerrada entre quatro paredes; abandonada de seu proprio filho!....

Ainda á tardinha é que compareceu o subdelegado e fez corpo de delicto.

—Pereceu á falta de cuidado; desprezada, esquecida, como se esquece qualquer objecto que se atira a um canto!... Um pote d'agua para vinte e tantos dias, sem ar, sem luz!... misera mãe!... desnaturado filho!...

—Houve falta de deliberação da parte da authoridade.

—O que resta agora é pedir a Deus a luz da bemaventurança para a infeliz, ja que n'este mundo foi tão malfadada.

—Quando n'esta terra haverá um asylo para alienados?.....

—Capitão, está porque V. Ex. me chama de fallador.

—Eu sei que é seu mal.

—Ha abusos de especie tal que não se pode ver e calar.

—Então nutra seu genio.

—Capitão, a religião catholica sendo pura e santa, é tambem a religião onde se vê mais abusos e especulações sordidas.

Christo expelliu os mercadores do templo, mas hoje mercadejam com seu nome até pelas tabernas!

—Onde pretende metter sua colher?

—O descredito á religião já não vem unicamente dessa chusma de esfarrapadas mulhières traficando em seu angusto nome com bentinhos e rosarios, nem dessa alluvião de pedintes maltrapilhos, que com uma opa esmulambada, andam ebrios, pelas quitandas, arrecadando quiabos e gilós, toucinho e bananas como esmola para a festa do santo, com o qual se apadrinham; nem tambem são as missas pedidas, cujo producto os padres recebem, fazendo do Senhor Deus de munificencia e bondade interesseiro. Ha especulação ainda mais revoltante e deponente.

—Homem, não se estenda tanto; diga ao que vem, em termos breves.

—V. Ex. costuma passar na rua Direita de Palacio?

—Quasi sempre.

—Admira!

—Porque?

—Por não ter feito reparo.

—Em que?

—Em uma taverna, na esquina da travessa d'Ajuda, onde estão expostos á venda uma infinidade de registos de todo o regimento de santos da cõrte celestial, assim como do Crucificado e de Maria Santissima! Os registos estão pendurados como se fossem outro qualquer genero.

Não será isso degradante a pureza e divindade da religião catholica?

Jesus-Christo, enjo reino não é deste mundo, nunca sancionou essas mercancias ascosrosas.

Em uma taverna! No meio das resteas de sebollas, de mistura com vassouras de palha, englobados com paos e chouricas, o retrato de um Deus de grandeza exposto vilmente á venda!

—E depois queixam-se da indifferença dos tempos, da impiedade da epocha!

—Qual é a missão do clero, artifice do evangelho, si não conduzir-nos pelo caminho que leva á patria celeste?

—E o que assim não fizer será chamado pequeno nessa verdadeira patria.

—Vós sois o sal da terra, disse Jesus á seus discipulos. E si o sal perder a sua força com que outra cousa se ha de salgar? Para nenhuma outra cousa fica servindo sinão para se lançar fora e ser pisado dos homieas.

«Vós sois a luz do mundo.

«Não pode esconder-se uma cidade, que está situada sobre o monte; nem os que acendem uma luzerna-a mettem debaixo do alqueire; mas põem-na sobre o candieiro, afim de que ella dê luz a todos os que estão na casa.

«Assim luza a vossa luz diante dos homens, que elles vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pae, que está nos ceus. (S. Math. cap. 5:)

Mas o clero esquece sua missão sublime e não falla em nome de Deus a palavra que é luz que illumina, apoio que fortifica o espirito e a vida, como Deus de quem dimana, guiando assim á fonte pura da verdade, aquelles que andam buscando as sombras enganosas dos falsos bens desta vida!

—A corrupção nasce de cima, disse uma nossa sumidade politica.

—No Rio Grande do Sul, o venerando bispo prohibiu na sua diocese a vendagem de orações de Nossa Senhora Aparecida, Prodigiosa e outras especulações com que a ganancia illudia a credulidade do povo; porque não ha de o Revm. Sr. conde de S. Salvador fazer outro tanto aqui? Para que tolera o immoral espectaculo de n'uma taverna negociar-se com os retratos de Jesus-Christo e sua Santissima Mãe, havendo immensidade delles á mostra como si fossem queijos de prato ou sardinhas de Nantes?

—Deixe estar que S. Ex. Revma. em seu zelo pastoral, ha de attender a suas modestas reflexões.

—Que novidades ha?

—De nada sei.

—Acabam de me dizer que houve explosão no machinismo á vapor dos Vehiculos Economicos.

—Será uma desgraça lamentavel.

—Agora mesmo me informaram que voou a caldeira, dous carrós se espedaçaram e alguns ferimentos.

—Ao menos permita Deus que não haja a lamentar alguma vida.

—Capitão, no dia 6 houve barulho na rua da Poeira.

Sabe o que foi?

—V. é quem pode me informar.

—Mora nessa rua um italiano, homem pobre, que tem uma filhinha de 11 para 12 annos.

Um desalmado, vendo que elle tinha sahido, passou por uma casa vazia na visinhança, foi a do italiano e agarrou a menina abrupto para fins libidinosos. Não respeitou a mãe da mesma, e por meio da força conseguiria le-

var a effeito sua perversidade, si não fosse a intervenção de muitas pessoas que acudiram com os gritos.

—Que gana de damnado! Estou vendo que não foi preso?

—Dizem que não.

—Assim mesmo devia ser.

—Capitão, é sabido que na polluta Latro-nopolis está quasi a realizar-se uma transacção immoralissima.

E' nada menos do que innocentar-se um criminoso.

O preço da partida é 1:000\$ rs.

Dizem que o pretendente conta obter excellentes resultados fiado na sua boa estrella por ter nascido em vespera de S. João na cidade de Guimarães, dia bem augurado pela carthonomancia; tanto que o homem habitando na Taboa-grande as aguas sempre lhe correram prosperas.

—Não ha que admirar nem extranhar n'uma terra onde vê se estrupadores de terras virgens, serem considerados innocentes e honrados.

—Com tudo, fiquem todos de sobre-aviso, quando a realidade vier attestar a inculcada incorruptibilidade de certa gente que se arroga os foros de austera e justiceira.

—Capitão, eu quero lhe contar um facto. que se deu no domingo em casa de uma senhora viuva, moradora ao Rosario de Itapagipe, porém tenho receio que V. Ex. não me queira ouvir.

—Si eu presto attenção a outras pessoas, quanto mais a V., dedicado e fiel agente de minha policia secreta n'aquella localidade.

—Muito obrigado, capitão.

—Pode contar o seu caso, que eu o apreciarei.

—O Sr. Jenipapeiro processou uma rapariga de nome Luiza, cujo motivo ignoro, e triumphou no processo. A rapariga vendo-se condemnada, occultou-se, afim de não ser agarrada e mettida na Correção.

Ora, essa rapariga entretém relações com D. Josepha Symphronia do Nascimento, senhora viuva e que tem sabido respeitar as cinzas de seu marido.

O Sr. Jenipapeiro, tendo d'isso conhecimento concebeu a idea de que a rapariga estava acoitada em casa d'essa senhora.

No domingo, elle acompanhado de dous officiaes de justiça, do ordenança do subdelegado e um guarda nacional, invadiram a casa da pobre viuva para correrem-na; reme-cheram em todos os cantos, até por dentro das areas e bahús.

—Era algum *alfinete* que procuravam, provavelmente.

Mas o subdelegado, ou o inspector do quartirão, assistiu este acto?

—Não; é ali que está o escândalo!

Depois que deram a busca, foi que, vendo o erro em que haviam cahido, mandaram chamar então o subdelegado.

—Oh! terra das arbitrariedades!

VARIÉDADES.

As mulheres feias.

(Continuação dos ns. 726—727.)

A mulher feia recorre pouco ás drogas e esculapios. A mulher bonita está ás voltas sempre com o xarope de fedegoso e com as pastilhas de *nase d'Arabia*! Pode se dizer sem medo de errar, que a mulher bonita é o faniquito posto em acção!

O marido da mulher feia volta para casa á noite cantarolando, pinoteando, sorrindo, na certeza de que o chá o espera quente e as torradas bem feitas.

O marido da mulher bonita anda de vagar, espreitando tudo, tremulo, receioso e julgando ver a todo o momento uma sombra misteriosa á porta da casa.

Todo o bilhete que encontra no chão todo fragmento de papel, apanha-o com cautella e vai a um canto lê-lo, decifra-o, advinhal-o, cuidando ter em suas mãos alguma prova de infidelidade conjugal.

Se encontra a mulher alegre:

—Quem esteve aqui hoje? pergunta franzindo a testa.

—O Izidro só!

—Izidro! Disseste Izidro? De que Izidro me fallas?

—Oh! homem, o criado do teu amigo Santos que veio trazer o livro que lhe emprestaste ante-hontem.

—Ah!

Desfranze-se-lhe a testa, beija a mulher e vai á meza do chá.

—Como está frio este chá, minha filha!

—Pois queria que estivesse ardendo como si sahisse do fogo n'este momento?

—Não, mas....

—Vamos, vamos tome seu chá e venha acompanhar-me a casa da Sinhá Oliveira que me está esperando desde as seis horas da tarde.

E lá vai o infeliz fatigado e aborrecido depois da chavena desenxabida cumprir as ordens da caprichosa, que já brada pela demora de alguns minutos.

O marido da mulher feia engole tranquilamente um chá de India, mas-

liga umas torradas e uns biscoitos deliciosos, torna a enfiar o paletot, e sahe á rua novamente sem dizer, mesmo á infeliz o que vai fazer, á que horas volta ou se dormirá fora essa noite.

A mulher bonita possui o dom fatal de trazer o homem atrellado a seu carro victorioso como uma victima ou como um parvo. A feia prega azas nos pés dos mais valentes! Não ha quem suporte uma mulher feia por mais de oito minutos; é cousa de metter medo deveras; antes uma peça de artilheria fazendo fogo a valer!

Eva a primeira belleza do mundo foi a primeira peccadora tambem. Cornelia, a virtuosissima mãe dos Gracchos foi a cara mais tenebrosa do seu tempo. A mulher feia é inconquistavel como Malakoff. Porque?

Por defender-se muito? Qual!

Porque ninguem atreve-se a atacal-a!

A pezar porem de todos os perigos e tentações que a formosura provoca, a mulher bonita será sempre a colleccionadora de todos *fracs* e bigodes do globo. Quem resiste aos olhos formosos, humidos e cheios de venturas indisiveis?

Quem fecha os ouvidos a uma voz piedosa e meiga que desliza com um beijo por entre dous labios vermelhos e tremulos?

Isso é que é a ventura, isso é que é a felicidade, isso é que é a primavera e o amor!

Theophilo Gautier diz que o governo deveria fazer baixar um decreto ordenando que as mulheres bonitas apparecessem á janella uma vez por semana ao menos, para que o povo não perdesse o gosto do bello.

A mulher bonita é um dos mais interessantes espectaculos com que mimoseou-nos a Providencia. A mulher feia tem a virtude da rocha; a mulher bonita possui a virtude da formosura.

Em conclusão: a mulher feia é necessaria, concordo; mas a mulher bonita? a mulher bonita é imprescindivel!

L. Guimarães Junior.

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

O conselho administrativo declara aos seus associados que, em virtude de affluencia de trabalhos, deixa de commemorar o 38.º anniversario da fundação desta sociedade no dia 18 do corrente, como dispõe o art. 35 dos estatutos, ficando transferido para o dia 8 de janeiro de 1871. Bahia 11 de dezembro de 1870.—O 1.º secretario, Joaquim Cassiano Hippolito.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.^a

SABBADO 17 DE DEZEMBRO.

Ns. 729—750.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 47.

ASSIGNATURAS:—1.^o rs. por serie de 10 numeros; 5.^o rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 16 de dezembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando lhe que nos pedem para que seja despertada a attenção de S. S. para uma casa de jogo, conhecida pela indicação dos *Mata-porcos*, á Estrada das Boiadas, na qual casa se ajuntam alguns espertos para jogar com os matutos que ahi vão ter, a maioria dos quaes sendo leigos no officio, voltam para suas moradas com uma mão adiante e outra atraz, deixando nas mãos da tal *rodinha* o producto de todo negocio que fazem.

Espera-se que S. S. expeça as convenientes ordens á respeito.

—Não sou intolerante; mas não posso ver sem que fique indignado, um padre atirar-se aos lupanares, esquecendo-se assim de que é ministro de Deus!

—Apoiado!

—Os homens não se convertem com declamações; é preciso exemplos, razões, moderação.

«Facho collocado sobre o candieiro da igreja para luzir aos olhos de todos», é o padre quem mais pode e quem mais deve fazer em bem da sociedade.

—Adopto suas ideias.

—Declamações vagas não são razões, é mister luz, methodo e concisão para trabalhar na vinha do Senhor.

—V. hoje lembrou se dos padres?

—Porque na verdade contrista ver um padre esquecido de sua missão sagrada praticar actos improprios do character sacerdotal.

—Outros vão mais adiante; por suas obras desacreditam os principios e doutrinas estabelecidas pela igreja.

—Já agora citarei um exemplo á tal respeito:

Certo dia o accaso levou-me a um *hospital bellico*.

Não me lembra agora onde.

Eu contava ficar *afflicto* com as scenas de dores e afflicções proprias do logar, mas nunca supuz que a impiedade estivesse asylada em tal recinto.

Havia um moribundo.

Estava á sua cabeceira um padre,

Mas de que forma?

O ministro sagrado que nessa hora solenne era o interprete entre Deus e aquelle espirito prestes a desprender-se do barro, reclinado em uma cadeira, ouvia o moribundo de confissão, fumando um charuto!...

—Que exemplo! que moralidade sacerdotal!

—O apostolo do evangelho, que tinha ido alli derramar o balsamo da fé e da contrição nas feridas d'alma, ouvia com indifferença as palavras daquelle homem mais para a morte do que para a vida!...

E o fumo de seu charuto subia em *zig-zag* por sobre o leito onde a morte pousava!

—Como calunniam elles a moral divina de Jesus Christol

—Não pude continuar encarar aquelle quadro. Alguem que notou minha surpresa asseverou-me que o espectáculo era mil vezes repetido.

—Pois o Sr. Dr. chefe de policia não sabe, não tem noticia disso?

—O que é homem? Modere-se.

—Continúa a empreza do accio a cobrar um vintem diario de cada ganhadeira!

E' uma subtracção inqualificavel, um dolo, uma fraude que commette, porque o contracto não a authorisa para isso.

—Assim, é.

—E o que mais detestavel torna esto procedimento, é que os agentes praticam violencias. Entornam com os pés as gamellas das quitadeiras que fazem duvida em pagar.

—A empreza pode fazer tudo impunemente; tem uma mão invisivel que a protege.

—Entre tantos impecilios com que lucta um vivente d'esta terra, ainda a policia, por meio de seus agentes, a crear mais tropeços!

— Isso é bom!

— Uma pessoa manda seu escravo á rua; é caso urgente, trata-se por exemplo, de chamar um medico para acudir a um enfermo, ir á botica com pressa, etc. O escravo sabe, e la se fica. Quando volta é tarde e á más horas.

Indagado o motivo da demora, esteve preso; e só depois que foi levado á casa do Sr. fulano dos anzões, o qual annunciou ter um escravo fugido e que aquelle declarou não ser esse o seu escravo, é que o soltam!

— Nada mais irregular e atropellador.

— Pois é como fazem os agentes de policia. Andam á mira quando os jornaes annunciam escravos fugidos; com sentido na gratificação promettida, vão pegando a torto e direito todos aquelles que lhe parecem o escravo annuciado.

Embora o escravo declare quem é seu senhor, á que mandado vae, não é solto sem primeiro ser levado á presença do quem annunciou que tem um escravo fugido e que dá 50 rs. a quem o levar.

— Que massada!

— Muitas vezes acontece serem presas pessoas livres; somente porque o agente de policia leu nos jornaes que desapareceu a escrava fulana, levando saia ou panno d'esta ou d'aquella cor, e como o traje de que usa a pessoa é parecido, venha Vm. p'ra cá e leve duas e tres horas retida.

— E' uma violencia inqualificavel! Deve se acabar com isso.

— Quem pode é o Sr. Dr. chefe de policia que não deve consentir tão excessiva arbitrariedade.

— A Estrada da Valla tão comprida, e todos os dias a maldita tribusana d'estes carros que conduzem carne, a atormentar os ouvidos da gente. no centro da cidade!

— Realmente incommodam, quando passam de enfieira.

— E os conductores!

Immundos e nauseabundos, com uma roupa que é sangue só!

Parece mais curial, com a decencia e civilização, que esses homens com as roupas enopadas de sangue transitassem com suas carroças pela Estrada.

— E os que forem para o Cabeça? para a cidade baixa?

— Onde não ha el-rei o perde; com a differença de que remedeava-se o mal em parte.

— Como é que este soldado de policia foi prender e ficou preso?

— Si fizesse como o cachorro que antes de

engolir o osso toma medida, não lhe acontecia tal.

— Pelo menos além de retido e desarmado não era alvo de chufas e dieterios.

— Si o vendelhão quebrou a cabeça de um homem, parece-me que o soldado cumpria sua obrigação dando-lhe voz de preso e guardando a sabida; mas quiz exceder se, saltou o balcão e o resultado é ficar prisioneiro e desarmado.

— Está o que é ir buscar lan e sahir tosquado!

— Que pitada! Não e lá das mais agradaveis de sorver um agente da força publica!

Vêr-se obrigado á estar a disposição de um taberneiro.

— O que vale é ser á noite e aqui na Estrada Nova, no fundo da rua das Flores.

— Com tudo; amanha quinta-feira o caso está espalhado.

— Raro é o dia em que não apparece uma queixa contra o destacamento de policia no Caes Dourado.

— Está que no dia 11 espancaram muito a um portuguez, maritimo, de nome Augusto.

— Ha sempre d'esses abusos.

— Disseram que o motivo foi o mais futil do mundo; porque o homem passou fumando ao pé de um e succedeu encostar o charuto levemente na farda.

— D'esta maneira não serve; estão alli aquelles agentes da ordem feito o germen da desordem.

— Hontem (15) á tarde vinha em um dos *bonds* dos Trilhos Urbanos um dos caixeiros do armazem por baixo do hotel Figueiredo.

Ao sahir da rua de Baixo, o caixeiro pediu ao caixeiro do *bond* para deixal-o saltar; mas este não querendo mandar parar elle entendeu que devia saltar e levou uma formidavel queda, resultando ficar com dous grandes golpes sobre a côxa.

— Uma mãe está privada de ver seus filhos?

— A' não ser por grave attentado contra a lei natural, não.

— Pois eu sei de uma que deu com os ossos na cadeia.

— Por procurar seus filhos!

— Sim.

— Creio por V. dizer.

— A mulher tem duas filhas em uma casa ao Porto do Mau-sim; constando-lhe que na casa faziam d'ellas basculho; que serviam de escravas de mandados e andavam na rua esfarrapadas e espancadas; foi ver com os seus

olhos si o que lhe diziam era verdade, para tomar suas filhas.

O dono da casa negou-lhe esse direito; isto é, não consentiu que visse as meninas e em cima mandou por seu filho, inspector, prender a mulher!

—Foi presa por ter razão; está direito!

—E sem ter a quem se queixar da injustiça, á não ser aos *seixos* da praia.

—O *carangueijo* da companhia de Vehiculos já está trabalhando.

—Não disseram que elle tinha arreventado o casco?

—E' verdade; houve uma explosão; mas já o *encascaram* de novo.

—Deus queira que não tenhamos alguma desgraça a lamentar; aquelle vapor é muito susceptivel de explosões.

—Vá deitar sua bocca na maré!

—Eu por sim ou por não, não quero embarcar-me mais n'elle.

—Ora vá catar pulgas, senhor propheta de borra.

—Borra V. ha de ver mais logo.

—Muita gente tem cahido em um enorme buraco que existe aberto na rua de S. Raymundo.

—Quando quem tem vista cahe, quanto mais quem não tiver.

—Os Srs. camaristas andam tão preoccupados com os arrufos caseiros!

Do contrario seria bom pedir-lhes que mandassem tapar um precipicio do qual Ss. Ss. mesmos não estão isemptos, n'um momento de descuido.

—Levar pancada e ser preso é o diabo!

—Ainda que fossem o aggressor e o aggreddido, passaremos.

—Quem mais grita dizem que tem mais razão.

—Mas essa altercação na loja de cambios do Thomaz da Costa Passos já não tinha terminado?

—Já o homem havia se retirado.

—Porque voltou então?

—Dizem que o mandaram chamar de novo, á algum pretexto, e quando chegou esmurram-lhe o beque com força e vontade.

—E vae preso de cara quebrada.

—Como o Sr. está vendo.

—Ora, isto praticado assim hoje quarta-feira, podem dar o nome que quizerem menos o de rectidão.

—Capitão, se me quer ouvir, contarei a historia de um padre.

—Por que não?

—E' um padre que tem planos horriveis, os quaes esforça-se por levar sempre á execução. Mas, quando no seu caminhar para o escandalo, no seu passo avançado para o crime e para a immoralidade, depara um obstaculo, que não pode de momento vencer, pensaes acaso que elle foge da luta?... Não, elle corre á igreja e lá no tabernaculo do Altissimo, alguma vez na tribuna sagrada, e outras no confissionario, converte em poste, onde affixa as mais torpes injurias em face das familias.

E desse modo o homem encarregado de pregar a fé, de ensinar a religião de Christo e de explicar a palavra do evangelho, é o primeiro a matar a fé, a desalentar a crença e anniquilar o espirito religioso! O órgão da charidade, da resignação, e da piedade, convertido em echo do odio, da paixão e do rancor!

Entre os diversos factos de sua vida escabrosa, trarei apenas dous, os quaes reputo da maior gravidade.

G..., moça solteira e reconhecidamente honesta, ajoelha-se no confissionario.... elle é o seu confessor. Antes de tudo pergunta-lhe—onde mora, como se chama e quem são seus paes?—

G....., que em sua innocencia não sabia medir o alcance medonho de taes perguntas. responde a tudo, e diz ingenuamente—*que ja não tem pae, que apenas resta-lhe sua mãe, uma pobre velha que todos os dias trabalha para viver com ella honradamente.* Esta declaração desperta no sacerdote todos os instinctos da perversidade. O monstro comprehendeu que sua empreza era facil.... Não hesitou; deixa cahir a mascara horrenda da hypocrisia, mostra-se tal qual é, e pergunta a essa pobre virgem, quasi que só no mundo, *si lhe concede uma entrevista á noite!*

G.... estremece de horror e não tem animo de articular uma so palavra, ergue-se do confissionario, triste e abatida e retira-se em silencio.

O que significava aquelle silencio? Era a luta do pudor contra os ataques brutaes da incontinnencia, da immoralidade personificada n'aquelle monstro!

Era um protesto solemne erguido em nome da innocencia contra tanta perversidade, envolta nas dobras do vestido do sacerdote!

Era uma supplica humilde, mas fervente, que vinha subir bem alto, esperando que dessa altura baixasse o remedio.

Mas o silencio passou com o silencio, ninguem o intendeu; a supplica passou desaperccebida, ninguem a ouviu!....

—Verificado qualquer oscandalo, certa immoralidade, devem ser batidos de frente quaesquer que sejam as roupageus que os cubram. Esse padre que assim pratica é indigno e abjecto.

—Mas isso não é crear a indiferença, não é para fazer descreer d'aquelles que devem edificar com seus exemplos?

(Continúa.)

—Que papel é esse?

—Mandaram-lhe entregar.

—Veja o que diz.

—E' a resenha de um acontecimento em Brotas.

—Ah!

—Trata de um preto de nome Thomaz a quem espancaram e fizeram uma grande brecha na cabeça, o qual querendo ir queixar-se ao chefe de policia, não consentiram.

—Pois estamos nesse tempo?

—Eu não sei. O preto esteve guardado; á noite obrigaram-no á mudar de roupa, pois a que tinha no corpo estava ensanguentada, e o enviaram para a prisão. E' o que está aqui escripto.

—Parece um caso incrivel!

—Assim como diz tambem que foi um perú a causa de tudo.

O preto declarou que tinha comprado o perú na cidade; mas o inspector João Cancio e mais um tal Cosme affirmaram que era furtado.

—Pureza de consciencia. Restituiram ao dono, sem duvida.

—O preto achou duro que seu bichinho passasse a outras mãos e reclamou, por isso o esbordoaram.

—Capitão! Capitão!

—O que determina, meu amigo?

—Quero que V. Ex. por quem é me dê alguma cousa, pelo amor de Deus, com que possa matar a fome de minha familia.

—Oh! pois o senhor tão moço e ja se dedicando a pedir esmola! Vá trabalhar vadio!

—Capitão, V. Ex. é por demais deshumano!

Eu nunca recusei o trabalho e gosto de trabalhar; mas de que serve trabalhar quando o meu suor de semanas inteiras é para pagar multetas!

—Pagar multetas?

Eu não o comprehendo.

—Pois eu explico a V. Ex.

—Eu ancioso já por ouvi-lo, porque pode ser que descubra algum remedio para alliviar-lhe a dor.

—Sabe V. Ex. que n'esta terra é custoso

se achar um emprego; mas eu tendo perdido minha mãe e depois meu pae, e me vendo com duas irmans para sustentar, achando-me sem meios para isso, porque quando morreu meu pae eu era aprendiz de machinista e nada ganhava; não querendo pedir esmola para não soffrer que si me dissesse, o que disse-me V. Ex.—vá trabalhar vadio, procurei um meio de ganhar o pão para mim e minhas innocentes irmans.

Luctei muito! luctei com muitas difficuldades, apezar de que não escolhia trabalho; tudo me servia!

—Louvo-lhe o sentimento.

O homem que quer ganhar o pão com honra e dignidade, assim pratica.

—Por fim depois de muito luctar, obtive por intermedio de um moço que se condeu de minha sorte, um logar de limpador de *bonds* na companhia de Vehiculos.

Ora, o logar pouco me rendia, em relação ao trabalho.

Era obrigado a responder um ponto forçado ás 5 horas da manhan e a trabalhar, quando assim entendiam os gerentes da companhia, até as tantas da noite, pela diaria de mil reis!

—Oh! oh! oh! . . .

—Como a necessidade tem cara de herege, me sujeitei a tudo isso, e só Deus o sabe com que martyrio, porque occasiões haviam em que eu ia almoçar ás 10 horas da noite.

O meu trabalho não se limitava somente em limpar os *bonds*, não, tambem ia carregar madeira, barro, pedra, etc, etc.

Já vê V. Ex. que eu não sou d'esses homens que recusam o trabalho e portanto não sou um vadio, segundo V. Ex. tractou me.

—E' verdade, eu fui injusto para com V.; mas prosiga que me vai agradando sua historia.

—Davam-me os *bonds* para limpar e eu limpava-os.

Depois, vinha o ajudante do administrador examinar, e se encontrava, supponha-se, um latão com uma pequena enbaçadella, deitava-me o dia abaixo. Mas eu que precisava de trabalhar, supportava calado, e no outro dia ia tomar fiado para minhas despezas, afim de não roer beira de penico!

No dia immediato procurava elle um outro motivo e me pespegava outra mulcta, assim como nos outros meus companheiros de trabalho.

E como não ser assim, si o ordenado que elle ganha é das multetas que faz?

Ora, isto sempre, todos os dias, todas as horas, eu desesperado retirei-me, porque nos sabbados vinha sem um vintem para remediar minha familia.

— Não ha um regulamento á que o trabalhador está sujeito, que determine as multas á que estão obrigados, no caso de faltas de cumprimento de deveres?

— Não somos obrigado a regulamento algum, o é ahí o maior escandalo da companhia!

Pedro porque deixou ficar dentro de um *bonds* um grão de milho, é multado, supponha, em 1\$; Paulo por egual falta, é multado em 500 rs.; João tendo commettido a falta de deixar uma embaçadella em um latão, deita se-lhe a semana inteira abaixo!

— Oh! isto clama os ceus! Chama-se arrancar o suor á quem trabalha!

— Aqui estão os — *Apontamentos historicos sobre a abolição da escravatura no Brazil.*

E' um trabalho digno de ser lido, produção da illustrada intelligencia do Sr. padre Dr. Romualdo Maria de Seixas Barroso.

— Agradeça a lembrança que teve o distincto sacerdote de distinguir-nos com a offerta de um exemplar.

— A decadencia moral infiltra se nos poros deste corpo social!

Ha uma queda irresistivel para o mal, uma vertigem contagiosa para a perversão.

Todos os dias ha a registrar um factu criminoso no centro da população!

Um dia destes foi um assassinato no becco do Grelo, hontem (15) uma facada no becco do Escorregal!

— Esses beccos! . . .

— Por cerca de dez horas, André, escravo, cujo senhorio é para as bandas de Santo Antonio além do Carmo, deu uma facada em uma perna de Olegario Leoni das Virgens, por ciumes de uma tal Libania e poz-se em fuga.

— Pesa grave responsabilidade sobre esses senhores que consentem seus escravos vagando alta noite.

— O ferido foi curado no hospital. O subdelegado da Sé é credor de louvores pela maneira por que procedeu.

— Como está enfesado aquelle homem!

— E' o Guabiraba, official de justiça.

— Soffreria algum desacato?

— Elle é quem pode dizer.

— Pois vá indagar que eu fico aqui.

— Diz elle que indo áquella casa fazer uma intimação, bateu e appareceu uma senhora a quem perguntou:

«O Sr. E... está em casa, minha senhora?»

«Não; queria alguma cousa?»

«Ha tres dias que o procuro na cidade baixa e não me é possivel encontral-o.

«Quem é o senhor?»

«Sou um official de justiça; venho intimal o.»

Acabando de pronunciar estas palavras, ouviu reboição lá por dentro; era o tal individuo que embrulhado em uma coberta aproximou-se e agarrou a pobre moça pela garganta, querendo suffocal-a, si Guabiraba não brada.

— Faça pausa ahí. Antes que digam que estamos tratando de vidas privadas.

— Isso é acção que não se pratica, capitão. E' um procedimento feio, abominavel.

Vida privada, diz V. Ex.? Pois uma lamuria desta que todos estão ouvindo na rua da Independencia é vida privada?

O caso é que si não são os gritos do official de justiça, elle era capaz de suffocar a moça.

— Ouça. Vamos adiante em busca de cousas que interessem mais.

— Esta terra parece que caminha para completa dissolução de costumes!

Não ha respeito, não ha moralidade!

As badernas á noite commettem tudo que é de mais abjecto e reprovavel: roubos, attentados, algazarras, motins! . . .

E até aquillo que é de utilidade publica não se poupa!

Não ha policia que contenha taes desmandos!

Se dá mostras de si alguma vez é acompanhada de um cortejo de violencias e arbitrariedades. E' apenas quando se trata de satisfazer um capricho, exercer uma vingança.

— V. hoje veio forte.

— Estou massado desde hontem (15) á noite.

— O motivo?

— Por ver a sem vergonha com que andava um individuo a atirar pedras nos lampeões de gaz livremente.

O desastrado parece que contava com a surdez da policia para sua malignidade.

Um lampeão assentado na parede da Se ficou esmigalhado.

Tempo que gastam as senhoras na visita de suas amigas.

Aprompta se uma familia para ir visitar outra familia; escolhe-se o padecente que ha de ir na sua companhia feito guarda-damas, que não ha certamente martyrio maior para um homem, do que ter que fazer estas sahidas nocturnas. Falla-se na ida desde o jantar, lavam-se, enxugam-se, engomam-se os trastinhos que hão de figurar na tafularia. Uma toma a passagem ao chale, que lhe veio estrompado d'um emprestimo, outra muda a

guarnição do vestido, outra faz tratos no chapelinho que o põe uma miseria, para vir a ser alguma cousa, a criada lavou a louça, varreu e esfregou mais cedo que nos outros dias, porque ha de acompanhar o ranchinho, e cada uma lidando no que tem á seu cargo, voou a tarde, e ainda ficou muita cousa por fazer. Dão as Trindades, appareceu o Monsieur, que ha de ser o infeliz companheiro de todo o rancho, porem ainda tudo está muito atrazado; volta para aqui, volta para alli, uma procura o que não acha, outra não acha o que poz n'aquelle logar; as filhas vão compor a mãe, e depois, de noite, e noite bem fechada, é que o rancho se põe em ordem, e vae á vela tomamdo a rua toda. Ouve-se por todo o caminho:

—*Meu Melindre*, dê cá o braço.

—*Minha desinquietação*, dê me o braço a mim.

—*Meu tudo*, dê o braço a minha mãe.

—*Meu nó cego*, dê o braço a mana Joanna.

—*Meu feitiço*, antes leve a Thereza que vae tropega. Ail que lá cabiu a tia.

—Não gritem, vão de vagar, responde a mãe dorida dos callos.

E certamente não é tão grande no ar o motim das gralhas, como é o labyrintho que fazem estas corujas; ninguem sabe como nestes lances pôde um homem sem ser Briareo repartir os unicos dous braços que tem para tanta parte; ora chegou-se com effeito a casa das amigas, bate-se a porta, chegam outras á janella, ouve-se dentro:

—Violante, traze luzes.

—Vicencia, abre a porta.

Entra o rancho pela sala, e vem o mundo abaixo com o motim que faz a trovoada dos beijos; uma, pergunta pela saude, outra, pela molestia; uma quer saber logo alli em pé lá uma historia que lhe succedeu a semana passada, a outra d'acólá mesmo em pé quer depor a razão porque está mal com esta, e com aquella; e é tal a papagueadura antes de se sentarem, que o miseravel homem que a tudo preside, ja remette para o desconto de seus peccados aquella grande penitencia. Depois de uma hora passada, que tanto se gasta nos taes cumprimentos, é que olharam para elle dizendo-lhe—O senhor pôde se sentar, e estar á sua vontade; mas elle pela boca pequena diz lá comsigo, que as leve a fortuna mais a politica que teem.

As que vão de fóra já põe de cautela as de casa, que se não podem demorar sinão até ás nove horas, porque a mãe tem muito medo de andar de noite; conta d'alli outra, que o outro dia quando foram a casa de D. Felismin, que fazia um eseuero muito grande,

e que a tia bolara a correr adiante do rancho com medo de um vulto que estava ao virar da esquina, de sorte que o mano Antonio, que anda na aula, cuidando que a tinham insultado pixon do punhal, e foi direito ao vulto, e achou-se com um burro de aguadeiro com cangalhas e barris, que estava prezo a uma porta; movem-se outras questões, vem o chá a dar uma lavagem aos buchos vasiog, porque já alli tem vomitado tudo quanto traziam, com as murmurações, escolha de modas, ciumes de amidades, e com os segredinhos (apartes, que nós não comprehendemos sinão tambem aqui se poriam); mais uma historia, mais outra historia, eis que a mãe dá estas vozes—Meninas ponham-se em pé que são horas—parece que deve entrar alma nova no acompanhador do ranchinho, mas não succede assim; fervem os beijos em caixão, os abraços não tem conta, uma torna atraz para dizer um peccado velho; a outra tem mais uma reconciliação com o seu bem querer; a outra quer ver o molde do cabeção de certo vestido, outra vem lhe mostrar o bordado que fizera em uma saia; a outra quer já saber em que loja se vendem aquellas lans, esta quer ajustar o dia em que se hão de tornar a ver; aquella inda tem de ir lá dentro beijar o Manuelinho que está no berço; e o pobre padecente em pé, de chapeu na mão dando ao diabo a visita; finalmente prepararam-se para visita toda a tarde, sahiram ás seis, chegaram a casa das amigas ás sete, levantaram-se para se despedirem ás nove, desceram pela escada ás onze; e ainda pelo caminho algumas disseram mal a sua vida por lhes ter esquecido certas cousinhas, que inda lá tinham que dizer.

A PEDIDO

O facto dado no dia 6, á rua da Poeira, e que foi publicado no dia 13 de dezembro, se acha alterado. O caso se deu entre crianças da vizinhança que tem por costume as tardes se reunirem para passar tempo innocente proprio da juventude.

No dia 6 estavam tres meninos e mais dous irmãos da filha do italiano. Jogavam então *traques* e a menina com medo correu e fechou-se; os meninos então quizeram abrir a porta e foi isto sem duvida que fez alguma pessoa suppor que uma outra scena alli se dava, quando não passava de simples e innocente entretenimento.

Previne-se a um sujeitinho, que ha pouco tempo fez uma *quebradura* na villa de Sergipe, que não se faça de tolo, nem queira impostu-

rar á vista de quem bem o conhece. Seja mais bem procedido quando entrar em casa de familia; não se tenha em conta de azeteiro, porque do contrario terá de soffrer em S. Francisco, um castigo com que se usa castigar aos azeiteiros na villa do Ramiro.

Ontem era mercador matriculado, hoje é exxeiro de mangas arregaçadas!

Olhe, que o tempo de vender-se par de luvas e chapéus de castor já la se foi. Portanto não seja tolo, nem bocorio; pardo desfarçado, branco da capella.

Sr. amigo, passe bonito e emende-se.

Atenção.

Na noite de quarta-feira, por volta de 8 horas, appareceu na taverna Jo portuguez Cosme Ribeiro da Cunha, a rua das Flores o individuo Manuel Eleuterio de Jesus, mostrando-se resentido e queixando-se de que o dito portuguez tivesse propalado de que elle lhe era devedor.

Tendo o portuguez lhe asseverado que a ninguem communicara semelhante causa, si bem que lhe parecesse pela demora, que elle se esquecera da divida.

Eleuterio não accitou a desculpa, e levantando o braço deu uma bofetada no portuguez, a qual foi correspondida por outra.

Sabiu o individuo e pouco depois appareceu a patrulha, a qual dando voz de preso ao portuguez injuriou-o acremente, com palavras offensivas.

Não se oppondo a prisão, pediu alguns instantes em quanto mudava de traje.

Os soldados porem não quizeram attender e um d'elles de nome Manuel Antonio da Cruz levou a imprudencia á invadir a venda, saltando o balcão, o que deu em resultado, depois de alguma lucta, ser desarmado.

Durante uma hora darou este conflicto havendo ja agglomeradas para mais de tresentas pessoas sem que apparecesse uma so authoridade.

Afinal compareceu um inspector de quartirão que conduziu o soldado e o taverneiro á presença do subdelegado onde foram ambos soltos.

O desatino e irregular procedimento dos agentes da força publica vão causando de dia em dia casos serios e desagradaveis e dando origem á disturbios que podem alguma vez ter consequencias tristes.

«—Negros..... mulatos de m....»

—Quaes os negros e mulatos de m.... que aquelle sujeito que alli vae descendo a ladeira da Conceição tanto descompõe?

—E' uma descompostura que elle está passando nos homens do Alabama.

—Quem é elle?

—E' um safado cigano, ladrão de cavallo; um miseravel mouriano, que não gosta de cheirar rosa, por causa dos espinhos; um cynico a quem o Xico odeia mortalmente, por ter tido a audacia de metter o chicote do cavallo em uma rapariga livre, e chegou o seu arrojo ao ponto de dizer que era uma negra bebada, quando ella é até uma mulher casada.

—Vou contar ao capitão para mandar o muxingueiro metter-lhe a lingua dentro da cloaca do navio.

—E' asneira; não ha mais nada que faça o pudor chegar ás faces d'aquelle safado!

—E' cigano, basta.

Cigano não tem direito,

Cigano não tem nação,

Cigano vive furtando,

Cigano morre ladrão.

A guarda nacional.

Neste tempo de reformas,
Em que as cousas correm mal,
Que não fique no tinteiro
Nossa guarda nacional.

Porque, dizendo a verdade,
A tal cousa, meus amigos,
Parece na nossa terra
Uma sucia de mendigos.

Da roça qualquer matuto,
Que não tem renda legal,
E' logo qualificado
Como guarda nacional.

Chega o dia da revista
Em que tem de se fardar,
Vê-se o homem em apuros
Sem sapatos p'ra calçar.

E tambem si os não consegue
N'um chinello mette o pé,
Indo ás vezes com chapéu
Pela falta do bonet.

Mas si lá não comparece
Delle nunca se tem dó;
E por isso sem remedio
Vae parar no chilindró.

Deixa a roça abandonada,
Perde todo seu feijão,
Fica o pobre sem recurso
E a familia sem pão.

Si o patricio não tem meios
Com que possa se fardar,
A lei por certo não manda
Que o façam qualificar.

E d'aqui começa o mal
D'uma boa instituição,
Que assim torta como vae
E' vergonha p'ra nação.

—Aprende o barbeiro novo nas barbas do tolo.

A companhia de Vehiculos entende que deve amansar seus burros á custa do paciente publico.

Na sexta feira encaraptaram o diabo de um burro brabo a um carro em que estavam embarcadas de passagem muitas senhoras.

Dizia um dos directores que era para amansal-o e acostumal-ol

O carro largou do Bomfim ás 11 horas, chegou á cidade muito depois de uma.

O burro fez proezas na viagem!

Atirou uma creança ao chão e pizou-a!

Muitos passageiros que haviam tomada passagem até o caminho, foram obrigados a vir até a cidade por que o conductor não quiz parar nos pontos, dizendo que o burro não consentia.

O indomavel animal vinha atado a um comprido cabresto, puchado por um batedor e dous individuos de aguilhada o afferroavam, o que o fazia penotear, e sahir fora do trilho sobresaltando a quem vinha no carro.

—A companhia quando tiver seus burros brabos, que amanse de outra sorte.

Pede-se ao Sr. Dr. chefe de policia providencia sobre uma casa de jogo na rua do Gravata, no segundo becco, onde ha vaccas, na qual são victimas da tal brincadeira muitos filhos-familia. ¡Espera-se ser attendido.

VARIÉDADES.

Um individuo indo confessar-se, o seu confessor deo-lhe por penitencia que rezasse dous credos.

— Não posso, dice o penitente.

— Porque ?

— Porque sei só um.

ANNUNCIOS.

A meza actual da Devoção da SS. Virgem Immaculada da Conceição, que se venera na rua do Bangala, faz sciente aos carissimos irmãos e devotos que a missa da mesma Virgem será celebrada domingo 18 do corrente ás 9 horas, na matriz de Sant'Anna. A mesma meza espera que os seus carissimos irmãos e devotos, queiram comparecer á hora acima marcada, para maior brillantismo do acto; assim como tambem participa que haverá na vespera illuminação, e no domingo fogo de planta.

No hotel Oito de Outubro, ao Caes Dourado n. 91, continúa-se a receber assignantes para fornecimento de comida por mez, e por medico preço. Ratificamos que não accetamos de qualquer negociante da praça quantia adiantada.

Todos os sabbados haverá mocotó gratis, e feijoada nas quinta feiras de meio dia ás 4 horas.

O preço da collecção do vispora é a 200 rs. Concorram todos ao nosso estabelecimento, que serão tratados com a urbanidade do costume.—Macedo & C.

Atenção.

Roga-se ao Sr. M. da C. Esp....., o favor de ir ao Taboão, loja n. 4, levar as fazendas que, em 20 de setembro de 1869, levou, em confiança, para amostra, ou o seu importe; isto no prazo de oito dias, findo os quaes verá seu nome por extenso estampado neste periodico. para se tornar mais conhecido!...

Bahia 13 de dezembro de 1870.

O abaixo assignado declara que essa pessoa que diz ser o abaixo assignado detractor do Sr. Manuel José Pereira da Cunha, não é capaz de se apresentar respondendo por este jornal, afim de provar, sob pena de ser um infame calumniador; pois o abaixo assignado tem educação e não paga favor com ingratição.

Bahia 14 de dezembro de 1870.—Lívio Manuel dos Santos Vital.

Escravo fugido.

Fugiu do abaixo assignado no dia 13 de abril do corrente anno, o seu escravo de nome Luiz, côr cabra, idade vinte cinco annos, officio carreiro, tendo os signaes seguintes:— cabeça redonda, cabello carapinhado, testudo e tem na testa, junto a entrada, um signal de golpe, nariz chato, barba por baixo do queixo, nunca teve bigode; tem no peito um calombo cabelludo não muito fechado, altura regular, corpo cheio, pernas arqueadas, pés grandes, pouco falla e com má pronuncia. Quem o apprehender e leval-o na fazenda Pinguella, na freguezia de Nossa Senhora dos Campinhos, terá 70.000 rs. de gratificação.

Felisberto Mendes de Moura.

Vende-se.

Um habito da ordem 3^a. de S. Domingos já uzado; quem pretender dirija-se á loja contigua a bibliotheca publica.

Aluga-se uma pessoa forra ou captiva, que entenda de serviço de lavoura, (prefere se captiva) á tratar na rua Direita de Santo Antonio Além do Carmo, n. 35.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 74.ª

QUARTA-FEIRA 21 DE DEZEMBRO.

N. 731.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. per serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Hoje começa a serie 74 do *Alabama*.

Os senhores assignantes que se acham atrazados queiram ter a bondade de solverem os seus debitos, lembrando-se de que é tempo de festa e cada um precisa comprar seus cajús.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 20 de dezembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, para que faça conter nos justos limites da decencia e moralidade um grupo de sujeitos que se ajantam no largo da Piedade, á porta da propriedade da viuva Lopes, e ali encasifam quem passa com chocarrices e zombarias, improprias de pessoas de pouca educação. Além disso fazem do passeio um lago de mijo para quando passam as senhoras emporcalharem os vestidos e disso terem elles do que rir. E' de esperar que S. S. os faça admoestar para que não continuem tão irregularmente.

—Percorre essas ruas, um preto, cego, que pode ter seus 70 annos; traz o corpo ja vergado.

Uma mulher igualmente preta, de cerca de 20 a, 25 annos, é seu guia.

Esmola á charidade publica.

Em um dia da semana finda entrou em certa loja á cidade baixa e pediu que o favessem pelo amor de Deus.

Ao receber a esmola, alguém chasqueando, disse-lhe que elle tendo por guia uma mulher moça, era sem duvida sua concubina.

A rapariga porem respondeu que era seu parceiro.

Esta resposta causou admiracão.

Perguntando-se de quem eram escravos, responderam que do Sr. Pedroso.

—Do Sr. Pedroso!!!...

—Todos ficaram pasmos e de bocca aberta.

—Homem! isso não passa de um ardil dos

taes esmolleres, para moverem a compaixão publica.

O Sr. Pedroso é incapaz de especulação tão pouco airosa.

—Espere que eu la vou ter. E' preciso chamar a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia para o facto. Si esses dous pretos são escravos. devem ser entregues a seu senhor o qual não deve consentir na continuacão de tal meio de vida, e si não são, devem ser punidos para não andarem abusando e desacreditando o nome de um capitalista honrado, da ordem do Sr. Pedroso, que não está no caso de mandar seus escravos pedir esmolos.

—Estes vultos que embarafustam por aqui a dentro toda noite, irão fazer penitencia?

—Vão visitar o zelador.

—Valha-me *Nossa Senhora das Barrocas!*

O homem não se farta de fazer do corredor da egreja um museu de creacão de gallinhas. A' noite ainda admite animaes de especie mais perigosa.

—Dar pousada aos peregrinos é obra de mizericordia.

—Mas essas peregrinas, filhas de Jerusalem, são de um contagio tal, que impestam o logar aonde pouzam.

—O *Diario* teceu um elogio ao commandante do 14.º em uma das semanas anteriores.

—Tem feito mais de um.

—Porque no dia dos annos do imperador deu vinho, queijo e doce aos soldados como prova de affecto que consagra a seus subordinados.

E por isso foi chrisnado de generoso, humano e philantropico.

—E V. nega?

—Nem por pensamento.

—Pensei.

—Mas eu gosto de ver esses rasgos feitos por outra forma, porque comida de um dia não é que engorda ninguem.

O dia dos annos do imperador foi um dia

grande, e é claro que aquelle feito devia dar na vista, e tanto deu que o *Diario* publicou, si é que não lhe mandaram.

Mas veja agora o contraste.

Com estes dias chuvosos, sahe do forte do S. Pedro um forçado levando ás costas um sacco encardido cheio de pão, e vae debaixo de todo aguaceiro até á Correção, cidade baixa, etc.

Ora diga-me de que serviu comer doce no dia 2 de dezembro, para agora estar comendo pão delido em agoa de chuva com café frio, homens que tem de passar uma noite sujeitos ao frio e a chuva?

—E' o caso da Maria borrarheira.

—Que beneficio faz metter no estomago um emplastro tão repugnante?

A hygiene authorisará um tal meio de alimentação?

Pois olhe, eu achava mais humano que o pão que mandam aos homens nas guardas fosse acondicionado em uma vasilha mais acceiada e que a chuva não ensopasse.

—No Portão da Misericordia ha um grande buraco proveniente do cano que arreben-tou.

—Já aborrece fallar nisso.

—E' que todos os dias ha ali um successo. Um dia destes, um menino, discipulo do sapateiro Felipe, descia apressado, foi com as pernas no tal sorvedouro, cahiu e quebrou os beiços.

—Não podia ser peor?

—E para evitar caso mais grave é preciso bradar até ver si alguém desperta.

—Dizem que os encommodados são quem se mudam, mais eu penso de vice-versa. Entendo que quem encommoda aos outros deve ser obrigado a cohibir-se.

—Assim é que é direito.

—N'este caso está o dono de uma casa de vispora ao becco do Viva-Jesus, o qual, estabelecendo o seu commercio em um sobrado, encommoda duplamente a vizinhança. Além dos motins e turbulencias vozerias e algazarras que se suscitam na pratica do tal divertimento, ha de mais, constante matizada de arrastamento de cadeiras, bancos virados, o que em altas horas da noite é um pinhão.

—Mas não paga direitos?

—O que eu não sei é com que direito se permite a semelhante casta de gente encommodar ao publico.

Ainda as outras casas se apadrinham com a escapatoria de botequim, café, etc., mas ali nada disso ha; salvo algum joguinho de cartas la, pelas tantas da noite.

—O que quer? não permitem em cada canto da cidade um d'esses germens de corrupção, com tanto que pague 50\$ rs?

—No sabbado foi furibundamente espancado no Caes Dourado o velho portuguez José Maria.

Em consequencia das contusões que recebeu foi recolhido ao hospital da Misericordia, mas não consta que o aggressor fosse preso, apesar do facto passar-se a dous passos do destacamento.

—São provas mais que superabundantes do invejavel estado de segurança individual que gozamos.

—No sabbado, seriam nove horas e meia da noite, em uma das portas da igreja de S. Domingos commettia-se uma inversão aos preceitos da natureza, uma profanação a santidade do logar e um insulto a decencia e honestidade publica.

—Quanta cousa!

—O autor de procedimento tão torpe é execravel era um guarda de policia.

Foi cousa que muita gente viu.

—Quinta-feira ha no theatro de S. João, um bello e variado divertimento.

—Cousas e lousas, não?

—E' em beneficio do sympathico artista Eduardo de Abreu Contreiras.

—Estou sciente, V. como se interessa por elle recomende o a protecção do publico, afim de que sendo bem acolhido, possa o rapaz ter com que passe com sua familia uma festa descansada e possa nutrir seu genio jovial.

—Capitão,

O dinheiro por si só sôa mais alto

Do que a propria razão do innocente.

—O que vem a dizer isso?

—Estou dizendo que o dinheiro é o mais poderoso e efficaz agente para dissolver qualquer difficuldade.

Grandes e pequenos se submettem a sua influencia, e sua razão é a mais convencivel de todas.

O dinheiro faz crer naquillo que se descre: faz mudar de opinião com uma rapidez espantosa.

—E' um demonio tentador; mas no meio da torrente corruptora ha muitas almas fortes que resistem a enxurrada; é preciso fazer justiça.

—Ora veja V. Ex. como vae isso.

Na noite de 7 de dezembro houve travada na venda de um tal José Argolinhas, ao Caes Dourado.

Antonio Rabada, quigilou-se com Manuel Theodosio e moqueou-lhe o costado com toda viração; quebrou-lhe a cara, atirou-o sobre as pedras e fez-lhe do corpo tapete. Acudiu a força publica e como era de prever, Antonio Rabada foi preso.

Mas, capitão, o poderoso influxo de seis mil réis foi bastante para fazer convencer que tudo quanto praticou Antonio Rabada, não passava de factos communs e innocentes na ordem da vida, e por isso o mandaram em santa paz.

—E V. traz isso como grande novidade! Censura o pequeno desvio commettido por um ente obscuro e não vê os ladrões de alta escala roubando escandalosamente!

Vê a pequena fistula que borbulha e não encherga as chagas gangrenosas que corroem o corpo desta sociedade polluta!

Aquillo que o agente de policia praticou, não passou de uma *gorgêta*, ao passo que os ladrões audazes estão ali a engolpharem-se nos cofres publicos, a locupletarem-se com o minguado recurso do orphão e da viuva, a arrancarem o sangue do povo.

— Está bom, capitão; V. Ex. está hoje para moralisar, retiro-me; mas vou certo que aquillo foi um abuso.

—Que graça estúpida!

—E' todas as noites esta pesada pilheria.

Reunem-se aqui na rua da Madragôa uma sucia de capadocios, e quando passam os *bonds* atiram punhados d'areia para dentro.

—Mas que quer si não ha policia na freguezia da Penha, para conter a estes insolentes?

—Férias dadas, escola acabada!....

Hontem deu-se férias na materia *civigiologica forense*, conservando-se somente aberta a auly da materia *criminologica*, para a qual não ha férias.

—Vae a humanidade descansar por cseses quarenta dias!

—Que diabo de alarma é aquelle alli na rua dos Caldereiros, na casa de pasto do Silvestre?

—Ha de ser, talvez, consequencias do jogo do vispora!

—Engana-se!

Atraz da vela grande ferra-se o traquête.

Aquillo são consequencias do jogo de cartas; pelo que já sahiu lá de dentro um sujeito de *bitacula* quebrada!

—E logo deixaram este barulho para hoje, sabbado de Nossa Senhora.

Que grãte são os taes jogadores!

—O melhor de tudo isso, é que com todos esses gritos, sopapadas e cacêtas, a policia ainda nem se abalou!

—Meu charo, por sim ou por não, eu vou me escafedendo, antes que venha por ali algum estilhaço.

A PEDIDO

—O Dr. Antero no cargo de chefe de policia, prestou serviços á causa publica; isso é innegavel.

—Exactissimo.

—Si algumas vezes ultrapassou os limites que a lei lhe prescrevia, si commetteu este ou aquelle excesso de authoridade, foi sempre no interesse da politica que domina.

—Verdade pura.

—Mas agora, sem ser á seu pedido, atiram com o homem lá para Goyaz!

—Em cathegoria mais elevada, bem entendido.

—Eu não tenho para mim que fosse remuneração de serviços, quando tenho visto presidentes de provincia, como o do Maranhão, removidos para chefe de policia da Bahia.

—Talvez por interesses politicos.

—Fosse lá pelo que fosse, não vejo prova de apreço em tal mudança. E' o mesmo que tirar quem está comendo doce e mandal-o chupar roletes. Dizer que um correligionario exerceu com tino e á contento um cargo importante, em uma provincia de primeira ordem e desterral-o lá para os confins, para uma provincia sem importancia, é incoherencia.

—E que conclue d'ahi?

—Que apesar dos pezares o homem desmereceu da graça e que eu no caso d'elle não accitava o logar.

—Homem, em que ficou o negocio do soldado que saltou o balcão da venda na rua das Flores?

—Já não se falla mais nisso.

—Assim mesmo eu vi o caso bem feio.

—Ah, si não é a prudencia e maneiras do inspector de quartelão Antonio José Guimarães á cousa ia longe.

—E' verdade; o homem portou-se com tino e bom senso, nas providencias que deu.

—Capitão, pode alguém, ainda que seja procurador, ou comandante de guarda, insultar algum reu, preso?

—Não: o promotor ou accusador só podem accusar em termos vehementes, mas comedidos, e o commandante da guarda só pode impedir a fuga sempre tendo em vista as re-

gras da legalidade e principalmente da humanidade.

—Pois o pobre Antonio Joaquim (que chamam Manuel Joaquim) foi ante-hontem (15) insultado e injuriado na Correcção pelo procurador Queiroz e commandante Duarte!

Isto é possível, capitão?

—E' que o procurador Queiroz não é procurador de outros, é *procurador por si* e o commandante Duarte tomou 4\$ do preso e não quer pagar!

—São bellezas da Bahia!

—Cale-se!

—Será isto espirito de equidade?

Com uma madrugada tão chuvosa, deixar sem trabalho para mais de trinta operarios, pela differença de cinco minutos!

Isto não é equidade, cheira mais a iniquidade, logo que a espada da justiça não corta pelo meio. Os machinistas são apontados, ao passo que os ferreiros, carpinas, etc, que chegam ao mesmo tempo, ficam de fora do portão!

—Cousas do *trem do mar*.

—E d'esta sorte immensos pais de familia, sem o trabalho de um dia para manter suas mulheres e filhos.

—Não sei para que tão severa restricção, tão compressor pontualidade!

Uma falta que se remediava mandando os homens trabalharem mais cinco minutos para pagarem a differença.

—V. pensa que quem está no seu commodo se lembra das necessidades que passam os mais?

—Tira-se um dia ao artista, porque chega cinco minutos mais tarde á hora do trabalho, e isto causa-lhe uma differença incalculavel; entretanto não se olha para tanta gente que ganha o dinheiro da nação sem trabalhar em repetidas licenças!

—O tresloucamento e imprudencia dos agentes da força publica, é muitas vezes motivo de casos desagradaveis e até de conflictos graves.

Nas occasiões em que é preciso toda moderação e prudencia, é que elles tomam uma attitude provocadora.

Muitas vezes apuram a paciencia mais pacifica a ponto de obrigar-a a praticar excessos.

—Isso é verdade.

—Ora ouça um caso.

O Sr. Fructuoso Rodrigues de Magalhães, morador na freguezia de Santo Antonio, é estivador; no sabbado esteve trabalhando no

vapor inglez e saltou para a terra ás 10 horas da noite.

Sabe-se que é um trabalho que exige grande numero de braços e por isso as vezes tem elle necessidade de embarcar-se com trinta e quarenta serventes, numero que não podendo encontrar tolo em pessoas livres completa com escravos.

No sabbado pois, subia elle pela ladeira do Carmo, com quatro individuos, tres livres e um escravo, o qual ia levar á casa de seu senhor. Defronte da Ordem 3.^a dois soldados, tomaram-lhes á frente e perguntaram-lhes o que faziam. O homem explicou-lhes donde vinham e o destino que levavam.

Os soldados não se deram por satisfeitos e passaram a interrogar a cada individuo de per si. Ao saberem que um era escravo, prenderam-no.

O Sr. Fructuoso pediu-lhes que não prendessem o homem, pois que vinha cansado de trabalho, e que si duvidava de suas palavras o acompanhassem a morada do senhor do escravo.

A' tão prudente observação teve o homem um estripitoso —cale se— e uma ameaça de que seria tambem preso si fallasse.

—Ora isso!

—Foi o escravo preso pelo cós e os mais o acompanharam. Ao chegar um pouco adiante da Cruz do Paschoal, o Sr. Fructuoso batten á porta de sua morada com alguma vehemencia para que de dentro ouvissem; mas um dos soldados tomando aquillo como affronta, gritou —*Você está batendo com força, sôr patife?*

—Como se insulta!

—Diga-me, isto é procedimento? Não é mesmo proposito de fazer conflicto?

—É como é que esses soldados estando de serviço na Rua do Paço, foram até Santo Antonio?

—Pois elles respeitam a nada?

Quem é que não conhece trabalhadores do mar, e quando houvessem duvidas custava verificar se?

Entretanto si não encontram um homem de prudencia como o Sr. Fructuoso, tantos insultos e desvarios eram motivo mais que sufficiente para um desaguisado.

ANNUNCIOS.

Vende-se um habito da ordem 3.^a de S. Domingos já uzado; quem pretender dirija-se á loja contigua a bibliotheca publica.

Aluga-se uma pessoa forra ou captiva, que entenda de serviço de lavoura, (prefero-se captiva) á tratar na rua Direita de Santo Antonio Além do Carmo, n. 35,

O ALABAMA

periodico critico e histoso

SERIE 74.ª

SABBADO 24 DE DEZEMBRO.

Ns. 752—753.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.**Nascimento de Christo.**

Quatro mil annos haviam-se já decorrido depois da creação, quando uma ideia vaga começou a inquietar os espiritos—a prestes appareição de um Redemptor.

A tradição, á semelhança do rio, que, tendo uma só nascente, lança as suas aguas por differentes paizes, derramara essa verdade por entre todos os povos. Porém, á medida que ella recuava-se da fonte limpida onde tomara o seu curso, turvava se com os mythos da fabula e envolvia-se no manto do erro. E' por isso que não se pode dizer que os dogmas capitaes da religião christan, foram desconhecidos pelos homens do paganismo.

O erro é filho da verdade, no fundo das religiões absurdas que faziam do homem—um Deus, por entre adorações degradantes, que rendiam á Divindade, havia alguma coisa que deixava transparecer ainda as ideias reveladas primitivamente.

Depois da queda do homem, Deus, cuja bondade infinita não pôde desamparar-o, prometteu-lhe de enviar seu Filho para remil-o do captiveiro do peccado. Mas, para que o homem conhecesse o alcance de sua extremada clemencia, elle não permittiu que a realisação dessa promessa se cumprisse, senão depois que reconhecessemos a insufficiencia de nossas forças e a necessidade do auxilio divino para conseguir o fim á que nos propomos.

Passado que foi o tempo decretado pelo Omnipotente para que se operasse o grande mysterio da Redempção, a humanidade inteira voltou os olhos para o logar, onde os prophetas apontaram o berço do Deus-homem.

Tudo estava providencialmente preparado para a vinda do Christo, e a Agnia, que voara triumphante pelo mundo de então, se contemplava com orgulho do alto do Capitolio. A paz reinava por toda parte, quando, pelo anno de 753 da fundação de Roma, 14 annos antes da morte de Augusto, Jesus-Christo nasceu em uma aldeia da Judea. Este facto tão

grandioso e que passou quasi desaperebido no imperio romano, mudou a face desse imperio e mais tarde a do mundo inteiro.

Curvemo-nos respeitosos e submissos, rendamos uma homenagem de amor á suprema bondade de Deus, que, compadecido da nossa miseria, dignou-se escolher uma mulher para mãe sua.

Ouçamos as notas de contentamento que se desprendem dos ceus, e aquellas que se levantam do seio da terra. Hosanna, cantaram os anjos, que atravessaram o espaço para admirar o quadro sublime, que, na manhã de 25 de dezembro, se representou no presepe de Bethlém. Hosanna, repetiram os pastores, que, offuscados pela nuvem de fogo que cobriu o berço do Filho de Maria, ahí vieram entoar seus hymnos de louvor. Hosanna, disseram os Magos do Oriente quando, obedecendo á voz das tradições, acompanharam a fulgida estrella, que lhes ensinou o logar onde nascera o Esperado das Nações.

O nascimento de Jesus-Christo prophetisado por Jacob, 1700 annos mais ou menos antes da éra christan, foi mais annunciado pelos prophetas cujo numero sobe a 17, não fazendo fallar David, Salomão e os outros inspirados pelo Espirito-Santo. E nem se pense que foram prophcias vagas, que só podem ser applicadas ao Christo, com soccorro de uma interpretação forçada, não, factos os mais leves, tudo foi detalhadamente previsto.

E porventura não será este um acontecimento, que deixa impresso um character divino naquelle que fôra annunciado como sendo Jesus-Christo?

Não será ainda uma prova da sua divindade, a vida miraculosa que Elle levou sobre a terra, por espaço de trinta e tres annos?

O nascimento da igreja no meio de um mar tempestuoso de sangue, que corria das feridas de tantos martyres, que cahiam sob o gume da espada dos imperadores romanos?

Si assim fallam não só os factos que precederam e acompanharam a vinda de Christo, como aquelles que tiveram logar depois de

sua ascensão, é claro que, a voz rouquenha da incredulidade, ha de quebrar-se de encontro á luz lampejante da verdade, como se quebram as vagas do mar, quando se topam nos rochedos alcantilados.

Não, a divindade do Christo ha de sempre permanecer gravada nas intelligencias doutrinadas pela egreja, e o coração catholico ja mais deixará levar-se pelos desvarios de alguns homens singulares.

Quando mesmo o racionalismo cathequise grande parte da sociedade, está ainda alguma cousa de mais poderoso, um obstaculo invencivel que nullifica completamente a acção das ideias, que aggridem o seculo 19, com o fim de supplantar a egreja, são as palavras de Jesus-Christo, promettendo-lhe a duração até o fim dos seculos, —*usque at consummationem seculi*.

A egreja que, no dizer de S. Paulo, é a columna e o firmamento da verdade, é no Evangelho figurada pela barca de Pedro, que fluctúa, mas não afunda.

Clamem embora os espiritos fortes, que nós continuaremos a offerecer myrrha e incenso a áquelle de quem foi dito, quando se baptisou nas aguas do Jordão:—Este é o meu Filho bem amado em quem ponho toda miua complacencia.

O Filho de Bethlém, hoje adorado no seu natalicio, é o mesmo Deus feito homem. A verdadeira critica se ufana em proclamar bem alto a sua divindade.

E nem devemos receiar o ataque, quando o estandarte das fileiras é aquelle mesmo que, na batalha de Magencio, levou Constantino ao triumpho.

Pela fé do Crucificado, que nos abriu as portas da vida com o sacrificio da cruz, o nosso sangue deve humedecer a terra.

Alegremos-nos, hoje, para mais tarde chorarmos sobre um tumulo santo.

Gloria in excelsis Deo!

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 23 de dezembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que seja entregue ao juiz de orphãos, para lhe dar destino conveniente, um menino de cor branca, de nome Antonio, sem pae nem mãe, o qual transita por estas ruas ne mais lastimavel e despresivel estado; roto, sujo e descalço, a transportar uma enorme caixa de comidas do Campo da Polvora para o becco do Garapa.

Espera-se de S. S. esta obra de humanidade e justiça.

—Capitão, escute um acontecimento singular.

—Seja laconico.

—Antonio, servente de pedreiro, estava encostado ao balcão de uma venda ao Cabeça, fazendo algumas compras, terça-feira á noite.

Por uma das portas surgiu uma mulher a qual foi ante-pé vender os olhos de Antonio com as mãos.

Suppondo este ser gracejo de pessoa conhecida, voltou-se dizendo—«que graça é essa» —mas nesse acto, entrava por outra porta um sujeito, que foi a um canto onde havia lenha, safou uma acha e descarregou sobre Antonio, o qual teve tempo de aparar a bordada com a mão, do que lhe resultou uma grande vachadura na palma da mesma.

O sujeito desfechou segunda porretada e largou-se a correr, assim como a mulher, deixando todos attonitos e surprez os.

O mais admiravel de toda essa comedia é que Antonio não conhece quem lhe deu nem a cumplice deste, e accrescenta que não tem motivos a que attribua a procedencia da aggressão.

—Esta na verdade é celebre! Leva um homem tres ou quatro chavascadas sem saber d'onde lhe vem a encommenda!

—O dia de quarta-feira ultima não surgiu de muito bom agouro para o Sr. João Borges, mestre de obras.

—Como assim?

—Atravessando por sobre uma viga do 2.º andar de um sobrado, que está concertando, á cidade baixa, levou uma grande queda que lhe occasionou grave encommodo.

—E' de causar penna.

—São alternativas do accaso. Muitas vezes o homem laborioso procurando a vida vie buscar a morte.

—Porque a *Chronica Religiosa* não verbera com suas luzes, o facto desabonador de em uma taverna estarem expostos á venda immensidade de registros de todos os santos que povoam o ceu e até de Nossa Senhora?

Achará decente aquelle spectaculo patente aos olhos de todos?

—Decente ou não decente o caso é que o orgão do catholicismo nesta terra está de viola no sacco e não diz pitada.

—Ao passo que para outras cousas tanto zelo, tanta intolerancia!

—Capitão, deram-me uma noticia para lhe transmittir.

—Vejam os.

—Terça-feira, o sentenciado Pedro Izidoro,

deu uma punhalada no cabo Manuel Pedro. Ambos eram do serviço do commandante da fortaleza do Barbalho.

—Admira que um facto desta ordem seja V. a primeira pessoa que ouço fallar n'elle.

—Outras cousas passam ali despercebidas.

—Si é exacto, o homem é dos taes que entendem que estar na porta do inferno como dentro é a mesma cousa.

• —As cousas como vão, assustam. Ataca-se a vida e a propriedade alheia com audacia de espantar!

• —Dito então por V., ainda torna-se o caso mais feio.

—Pois os factos constantes não estão demonstrando?

Ainda na quarta-feira, no ancoradouro, perto de um caes, foi invadida uma lancha, por oito individuos, os quaes deixaram por morto um dos dous marinheiros que a tripolavam, escravo de um cunhado do Sr. Antonio Raymundo. E o bonito é que ninguem viu, nem sabe quem são os sujeitos.

—E' como serve.

—Uma das especialidades sobre que a policia deve exercer incansavel e severa vigilancia, são os mercados publicos.

—Porque são elles o logar onde de ordinario se agglomera a gente da peor classe, e servem de ponto commum de reunião a toda especie de gente.

—A policia deve estender suas vistas não só quanto ao aceio e salubridade, como á manutenção da ordem, e respeito e acatamento á decencia que deve haver nesses centros de concurrencia.

—Isso está fora de duvida.

—Mas aqui acontece o contrario.

Nos mercados pratica-se tudo quanto ha de desregrado sem que a policia dê fé disso.

A moral e o decoro são deixados á mercê de indóles tão desencontradas.

A ordem é ludibriada.

Os mercados são focos de depravação e desenvoltura.

O mercado de Santa Barbara que á noite devia ficar fechado, conserva-se aberto e ali passam-se scenas de impudor.

—A proposito, deixe-lhe contar uma.

Não ha muitas noites, um cortador de carne conseguiu admittir ahi uma mulher de côr parda, para fins pouco honestos. Estando já apalavrado com alguns da laia, estes occultaram-se até que a mulher penetrasse no logar destinado e depois, a um signal convencionado, appareceram e obrigaram-na a um acto torpe.

—Desaforo!

—Muitos factos reprovados se dão ali contra os quaes não seria debalde si a digna authoridade policial do logar quizesse lancar suas vistas.

—Entre as rezes destinadas no matadouro para consummo publico, são mortas diariamente muitas vaccas em adiantado estado de prenhez.

—Na terça-feira eu sei que mataram-se seis.

—A carne desses animaes em condição tal, não pode ser de saudavel alimentação; porque é evidente que no tempo da gravidez o animal não está no seu estado normal de saude.

—E depois pelo lado economico é um desperdicio; matar-se duas rezes para aproveitar somente uma, visto como uma postura municipal prohibe restrictamente a vendagem de fetos e abortos. E até é crueldade tirar a vida de um ser sem utilidade ou necessidade.

—E quem nos diz que essa postura é observada?

—Em todo caso, eu, si podesse, chamaria a attenção do digno medico do curral para o facto; elle se achasse razoavel que fizesse o que estivesse a seu alcance.

—Falleceu hontem de febres thyphicas, o typographo Domingos Francelino da Silva, e sepulta-se hoje pelas 8 horas do dia, no cemiterio da Quinta dos Lazaros.

—E' mais um filho de Guttemberg que a morte nos rouba!

—Deus dê a sua alma o descanso eterno.

—Eu si me desse com o Exm. commandante das armas fazia-lhe uma pergunta.

Em que sentido?

—Si n'um quartel, como o da companhia de caçadores á cavallo, pode um empregado paisano emprestar dinheiros aos pobres soldados, com o exorbitante juro de 20 %.

—Parece que o regulamento do conde de Lipp, em um dos seus artigos, prohibe semelhante negociata com os soldados.

—No caso que isso vá de encontro ao regulamento militar, vou pedir a S. Ex. o Sr. commandante das armas, para que dê suas providencias, afim de fazer cessar semelhante extorsão, pois a ambição do tal agiota chega ao ponto de que, na occasião do pagamento do soldo, os soldados não são senhores de um real, pois tudo é pouco para saciar a sua sede de ouro!

—Uma vez que cautela e caldo de gallinha nunca fez mal a ninguem, não é fora de pro-

posito desde já chamar a attenção das authoridades para os multiplicados ranchos de reis que estão em ensaios, formados na maior parte de escravos e mulheres vadias.

E como pelos olhos se conhece quem tem lombrigas, ou o que tem de ser traz força, desde já elles vão dando prova do que promettem vir a ser.

Até agora o rancho de reis era um ajuntamento de familias ou mesmo de pessoas diversas, reunidas na vespera do dia 6 de janeiro, que sabiam pacificamente a divertir-se em certas e determinadas casas.

Hoje constituíram-se em ramo de negocio, em meio de vida, e levam nesse gyro lucrativo 15 e 20 dias e começam a preparar-se tres mezes antes!

Do meio das fezes surge um bando de aves agouzeiras que invadem as casas onde nenhum conhecimento tem, e aquellas que se mostram dispostas a não recebê-las tem como retribuição o insulto.

A freguezia da Sé é a que mais promete fornecer este anno, essa nova moda de entrar na casa alheia. Ha n'ella immensos ranchos de reis em ensaio, e em cada um d'elles ja tem havido seu disturbio, seu desaguisado.

Na segunda-feira era mais de um hora da noite houve punhaes fora, cacetes, alarido, etc., na travessa do Cruzeiro, consequencia de ciuadas, em um desses divertimentos.

Si o povo tem o direito de divertir-se, a autoridade tem tambem obrigação de velar pela ordem e de fazer conter aquelles que por seus precedentes se tornam carecedores das vistas policiaes.

Portanto, nada mais razoavel do que prevenir a authority desde já.

—Valha-me Christo com essa gente da policia armada.

—V. tambem tomou os pobres homens á sua conta!

—Pois si parecem incorrigiveis!

A noite passada jogavam dois debaixo de uma das arvores do Terreiro.

—Quando, homem?

—Hontem 22, pelas 10 horas da noite.

E ouça mais o que se deu.

Havia grande barulho no becco do Viva-Jesus. Gritos, ameaças, descomposturas, nomes sujos. Era um sujeito que desafiava a um seu visinho. Este ultimo foi ao Terreiro chamar a patrulha para prender a seu contendor.

Os soldados prometteram-lhe que iriam e fariam *uma prisão bem feita*, porém que elle lhes havia de dar 4# rs. e mais o que beber.

Isso eu vi e ouvi, ninguém me contou.

O sujeito resmungou e elles pegaram-se em 38 rs.

—Então elle é de venda para dar bebidas?

—E'.

—E cahiria com os cobres?

—Não affirmo, mas é provavel; por que seguiram juntos e eu que não queria ser visto nem conhecido, retirei-me.

—Boa policia... incomparavel gente!

A PEDIDO

—Capitão, um *padre* de *batina* e de *gravata*, todo *afflicto*, só a dar satisfacções.

—Inda isto não é nada.

Fuma quando confessa, e anda todo em *esperanças*...

—Como?

—De *batina* de *chita*, *camisa* verde, e *gravata* a *Rocambole*.

—Isto é escandalo!

E' preciso, Sr. *padre* ver isso; allias os *sacristães* confundir-se-hão com os *clerigos*!

—Os *doutorandos* já não fazem mais *becca*. Tornam-se *legado* hereditario, que vai se transmittindo de *geração* em *geração*!

—E' prudente: pois agora ter de fazer-se um *facto* para um *dia* só?

Conselho a uma moça queixosa.

(Veja-se o Alabama, ns. 723-724.)

Tenha paciencia irman,
Tome um conselho prudente,
P'ra não viver tão queixosa
E ser mais condescendente.

Não tenha medo,
Pois, em me ouvir;
Queira commigo
Bem reflectir.

Si a sua queixa s'encerra
Contra os *beccos* sem *sahida*,
Tambem das *estradas* queixe se
Por dar *tabocas* compridas.

Com quanto em tudo
Haja excepções;
Sempre em *estradas*
Vemos *ladrões*!...

Quando a *policia* de amor
Um *cercos* pretende dar,
Si é n'um *becco* sem *sahida*,
Segurança ha de encontrar

Mas nas *estradas*
Onde ha *barrocas*...
Voltam os soldados
Cheios de *broças*...

Tambem na parte hygienca
Que mais devemos olhar,
Vê-so em *beccos sem sahida*
Tudo muito limpo andar.

Mas nas *estradas*
Sempre ha *cavallos*,
Mullas... pastando
Nos intervallos.

Logo, em *becco sem sahida*,
Morar-se não é desdouro
Pois muita gente o prefere,
Mormente, si n'elle ha *ouro*.

Assim, menina,
P'ra que se queixa?
E contra os *beccos*
P'ra que se vêxa?

Becco sem sahida é bom,
Creio-a disso convencida!
Si não é, p'ra que quer ser
Tambem *becco sem sahida*?

E' só p'ra ter
Como penhor
Em *certa casa*
Um *morador*?...

Bahia 12 de Dezembro de 1870.

Um becco sem sahida.

—Capitão, ouça esta:

O preto Joaquim, *gumbônde* (gran-sacerdote) de um dos *terreiros* que ha na Quinta das Beatas, desde o dia da Hora que tinha agazalhado na casinha algumas raparigas.

Entre as neophitas ha una que é filha do barbeiro Joaquim Nenem, com tenda ao Gravata.

Ali niaguem tinha permissão de entrar si não o *papae*.

A *gunçó* do terreiro (mulher do sacerdote) um dia em que amanheceu de cabeça virada e foi communicar a authoridade que *pae Joaquim* passava vida de Lopes com as raparigas, pelo que teve o prodigioso oraculo do sithicismo de ir ao chilindrô embora por pouco tempo.

—Admira como ha gente que não só se preste como até confie suas filhas de negros brutos e viciosos!

—Veja a cegueira e a superstição até onde conduz.

—Aquelle amigo que passou agora está bastante zangado.

—Porque?

—Por o terem botado no *Alabama*.

—Ora, isso não é nada; diga lhe que se entretenha aos domingos nos baixos do Maciel.

—E la serve de entretenimento?

—Sim, porque todos os domingos e dias santos o vejo ahi.

—Pois isso não assenta nelle que ja foi mercador matriculado e hoje é caxeiro matriculado. Si V. passar pela ilha de S. Francisco junto ao porto do Ramiro, gostará de ver aquillo.

—Pois diga ao amigo que não se faça de bobo, azeiteiro; porque elle faz figura de palhaço. Si o Sr. verga *motta* soubesse, não o consentiria na casa de educação. Porem o sujeitoinho é fino, tem manhas de frade.

A tua benção.

No mundo qual orphão errante hoje vivo,
Somente, carpindo tua ingratição!..
Pois tu nunca um dia quizeste me dar
Ao menos d'esmola

A tua benção.

Eu soffro torturas e mil dissabores,
No correr dos annos em dura afflicção!
Mas tu vives quèda fruindo delicias
C'o *aquelles* que gosam

A tua benção!

De mim não te lembras nem soffre teu peito,
De minha desgraça a menor commoção....
Peior que um estranho, porque nem ao menos
Nunca me lançaste

A tua benção!

Crerão que um vivente exista no mundo,
Que dando-lhe Deus alma e coração,
Deixe um filho seu soffrer mil torturas,
Sem ao menos dar-lhe

A tua benção?

Tu debes lembrar-te que Deus infinito,
Um dia essas contas tomar-te-ha, então!
Portanto despreza tão vis preconceitos
Dá me em quanto viva

A tua benção.

Bahia 23 de outubro de 1870.

José Lauro de Azevedo.

—Capitão, venho me apresentar com *feita*.

—Apé ou a cavallo....

—Não senhor, por meio de palavras

—Falle...

—Os proprietarios do café ao largo do Theatro, na esperença de augmentar o numero de freguezes, promettem conservar aberta a noite inteira a sua casa de negocio aonde o publico encontrará tudo, excepto duas cousas...

—Quaes são ellas?

—Tenho medo, capitão...

—Diga...

—*Mocoló e vispora*....

—Apoiado, continue.

Desejos.

Ah! quem me dera	Reproduzira
Tivesse a sina	Com singeleza,
De ser a relva	E a esbelta graça
D'esta campina	Rindo á belleza
Nas tardes quentes	Eu refletira
Teria a dita	Teu terno olhar
Q'em mim deitasses,	Que faz meu peito
Mimosa Annita!	D'amor pular;
Ah! quem me dera	Esses teus gestos
Ser doce brisa;	Tão naturaes
Eu refrescára	Quindins-requebros
Tua camisa!	D'amor signaes!
Ah! quem me dera	Ah! s'eu pudesse
Ser brando ar	Ir á teu lar
Para essa boca	Sobre teu leito
Me respirar!	Meigo pairar,
Agua bem pura	Qual d'aureo sonho
Quizera ser	Linda visão
Para em meu banho	Eu encantara
Te receber	Teu coração!
E fina, e branda	Ah! s'eu tivesse
Toalha rara	A f'lecidade
Depois do banho	D'uma mentira
Eu t'enchugára.	Fazer verdade!
A flôr que nasce	Não tenho culpa
No teu jardim	D'isto que sou
Tu me colheras,	Ambicioso
Meu serafim;	Deus me formou.
Teu lindo seio	Pois eu quizera
Iria vêr,	Emfim, Annita,
Lá escondido	Porq'és amavel,
Feliz morrer!	Porq'és bonita
Ser teu espelho	Ter privilegio
Quizera Annita,	De tudo ser
A tua imagem	Só para em tudo
Q'è tão bonita	Dar-te prazer.

Olinda, setembro de 1836.

Dr. João Salomé Queiroga.

—Capitão, o Sr. Silvestre Moreira dos Santos, veio no *Diario* de sexta-feira, dizendo que a redacção do *Alabama* tinha sido mal informada sobre a noticia que deu das desavenças havidas em sua casa de pasto a rua dos Caldereiros, no sabbado 17 do corrente, motivadas por jogos de cartas.

—Ora, o Sr. Silvestre que vá catar pulgas, pois fui eu proprio testemunha do barulho.

—E depois, n'esta casa de pasto quasi sempre ha suas desordens, proveniente do jogo de *ponto-maior*!

—Sobre o barulho de sabbado, appellou para os moradores d'aquella rua, que foram testemunhas do grande susurro que reinou dentro de sua casa.

VARIEDADES.

natal.

Et Verbum factum est.

I

E' noite medonha e negra
Nos campos que o rio alegra,
Denominado Jordão!
Quem o rio não conhece,
Que escudou a santa prece
Dos prophetas de São?.....

Caminhando noite e dia
Vai o esposo de MARIA,
Vai MARIA!..... Aonde irão,
Por tão longa noite e frio,
A horas taes, junto ao rio
Denominado Jordão?!

Da cidade, a horas mortas,
Não se abriram nunca as portas
Aninguem!

—Eis, de novo, os dous viandantes
A caminho, e não distantes
De Bethlem!

.....
E nessa noite nascera
No presepe uma criança!
Divulgar quem ella era,
Quem era a luz eterna e mansa
Da verdade,
Quem sonhára?!—quem dissera
Que vinda era a esperança,
A caridade?!

II

Em Roma reinava Augusto,
No mundo Roma é que impera
Só!

Que imperio não houve adusto
Que não fôsse 'nessa éra
Pó!

De Numancia, de Carthago
Não vêdes ainda o fumo,
Não?

Não ouvís o grito aziago
De mil nações que, sem rumo,
Vão?

De mil escravos que Roma
Nos ferros, presos, convulsos
Tem?

Mas os ferros com que doma
Não vês que, após, aos seus pulsos
Vem?

Sim, Roma por seus escravos
Os povos da terra tem;
Porem a Roma dos bravos
Escravisada é tambem!

Os seus heroes já são mortos,
Deixando os povos absortos,
Que a sua espada venceu,
Morreram grandes, na lucta;
Mas, hoje, a grei prostituta
Até seu nome esqueceu!

Nem de Mario, nem de Bruto
Aquellas vozes escuto.

E Catão?!

Esse povo alevantado,
Essas iras do senado
Onde estão?!

Imprecando o céu e o mundo,
Onde o Gracco moribundo?!

Onde as leis,
Que um povo sabio promulga,
Quando um povo sabio julga
Mas que os reis?!

Será perdida a lucta
Que o velho mundo travou,
Porque a raça dissoluta
De Roma s'escravizou?!
A luz nascida em Athenas
Um meteoro que, apenas
Mal brilhou, adormeceu,
Porque, sobre o Capitolio.
Um Cezar, erguendo o solio,
Diz que o mundo é servo seu?!

III

E Roma dormia,
Sonhando alegria
Nos ocios da paz!
Folgava nos ferros,
Banhada nos erros
Que o vicio lhe traz!

O luxo e as artes,
Por todas as partes,
Estendem seu véu!
Nos circos, nas praças,
Mil gentes devassas
Blasphemam do ceu!

Do mundo os senhores
Tornados cantores
De orgias tão vans!
E os membros já lassos
Em torpes abraços
De vis cortezans!

E os ébrios cantares,
E erguidos altares
Ao vicio e prazer!
E as noites de Roma,
Da antiga Sodoma
Lembrando o viver!

IV

O' Roma, Roma, acorda
Do teu vil delirar!

Do abysmo estás a borda,
Onde has de baquear!

De Babylonia os muros,
De Memphis, de Ninive,
Tambem eram seguros;
E, hoje, nada vive!

Não te vale o ser grande,
Tambem Thebas cresceu!
Um sôpro que Deus mande,
E tudo pereceu!

O' Roma, cautella,
Qu'eu sinto a procella
Sinistra surgir!

Tu mandas nos povos,
Mas outros mais novos
Lá vejo surgir!

O' Roma, não durmas,
Que, ás ondas, as turmas
Já veem a brotar!
Lá surgem mais hordas,
E tu não acordas
Do teu repousar!

Lá vejo abatidos
Mil templos erguidos,
Mil altos padrões!
Lá vem novo bando,
No rosto deixando
De cinzas montões!

Lá dão mais um passo.

E o povo devasso
Que ri no prazer!
Que só ama o sangue
Da victima exangue
No circo a morrer!

Lá chegam vencendo,
Talandando, fendendo
Teus rôtos broqueis!
Calcando em seu carro
Teus deuses de barro,
Teus templos e leis!

E o velho senado
Cahindo abraçado
Co'a crença pagan!
E mais nova crença
Lavrando a sentença
De Roma ancian!

V

O! quem foi que o velho mundo
Assim lançou no profundo
Abysmo de sangue e dô?!
Quem levanta um mundo novo,
E faz nascer outro povo
Do antigo povo no pô?!
E' elle, o filho do pobre,
Nascido, agora, em Bethlem;
Um Deus por parte mais nobre,
Mas homem por nosso bem!

Nasceu em cabana rude,
Para os homens ensinar,
Que, aonde existe a virtude,
Ordena Deus que se mude
Um presepe num altar!

Nasceu de geração pobre,
Para dizer e mostrar,
Que, aonde existe alma nobre,
A lei de Deus ã descobre,
Para a fazer levantar!

Nasceu do povo dos servos,
Para bem alto clamar,
O' grandes, para dizer-vos,
Que, quando maus e protervos,
Vos faz um sopro tombar!

Vestiu-se do pó da vida,
Para tornar-a remida
Da antiga culpa de Adão!
Soffreu injurias atrozes,
Para pagar aos algozes
Co'a sancta lei do perdão!

Desfez imperios potentes,
Para dar aos descendentes
Dos potentados de então
Um testemunho, uma jura,
Que pode mais a doçura
Dos homens no coração,
Do que as algemas, os ferros
De falsas leis, cujos erros
Lhes cavam a perdição!

VI

Do velho mundo, das passadas glorias
Que resta agora só?

Epitaphios de um tumulo e memorias,
Que tudo mais é pó!

Dos seus templos e leis já nada resta
Do seu velho esplendor!

A lei que, agora, rege, a lei é esta,
E' lei de eterno amor!

Amai-vos uns aos outros, disse CHRISTO,
Nascido, hoje, em Bethlem,

Povos, cumprí a lei, que fóra d'isto
Não ha gloria sem bem!

Ver os homens, o mundo em guerra eterna
Não vos abale a fé;

Que a lei por DEUS mandada é lei superna
E ficará de pé!

Cada dia que volve é passo novo
Para o supremo fim;

Quem sabe porque transito o seu povo
ELLE conduz assim!

No futuro descrever é impio crime,
E' duvidar de um DEUS,

Que, a despeito do mundo, a lei sublime
Fará cumprir dos ceus!

F. E. C. C.

ANNUNCIOS.

A meza actual da devoção de Nossa Senhora da Conceição, que se venera no Moinho, faz sciente aos seus charissimos irmãos e devotos que a missa da mesma Senhora será celebrada domingo 25 do corrente ás 9 horas da manhan, na igreja de Nossa Senhora da Victoria: a mesma meza espera, para mais brilhantismo o comparecimento de todos os seus devotos e irmãos nas horas acima marcadas; assim tambem faz sciente ao publico que no dia haverá illuminação, maquinas e leilão. Bahia 22 de dezembro de 1870.

A meza actual da devoção da SS. Virgem Immaculada Conceição, que se venera na Ribeira de Itapagipe, faz sciente aos devotos que a missa da mesma Virgem será celebrada no domingo 25 do corrente as 9 horas da manhan com toda solemnidade tocando durante a missa a distincta Philarmonica Flora; ás 4 horas da tarde sahirá em procissão a Virgem Immaculada Conceição sendo o acto acompanhado pelas Exmas. Sras. A mesma meza espera a concurrencia das Exmas. Sras. para maior brilhantismo do acto, haverá na vespera illuminação.

O proprietario da loja n. 51 ao entrar na rua de Baixo de S. Bento roga a todos que tem conta na mesma a virem saldar-a até o dia 1.º de janeiro vindouro, do contrario verão seus nomes nas columnas de diversos jornaes.

Atenção.

Um empregado, como diz, da *illustre* dos *avariadores*, F. P. C. A., queira satisfazer quanto antes aos seus credores, e muito particularmente á aquelles que trabalharam para S. S., se não quer ver todo este negocio em pratos limpos.

Pede-se ao tenente *Tristonho*, o qual no *quartel é mestre*, o favor de vir ao lugar da *Cruz grande*, do *Santo Seraphico*, n.º 15 pagar a quantia de 24\$460 rs., importancia dos doces que se comeu no brode de seu casorio.

Roga-se ao Sr. M. da C. Esp....., o favor de ir ao *Taboão*, loja n. 4, levar as fazendas que, em 20 de setembro de 1869, levou, em confiança, para amostra, ou o seu importe; isto no prazo de oito dias, findo os quaes verá seu nome por extenso estampado neste periodico. para se tornar mais conhecido!...

Bahia 13 de dezembro de 1870.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 74.ª

QUINTA-FEIRA 29 DE DEZEMBRO.

Ns. 734—753.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1.ª rs. por serie de 10 numero ;
5.ª rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*,
28 de dezembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que, segundo consta, Elsbão Manuel da Boa-Morte, morador no Rio Vermelho, no lugar denominado Cangira, freguezia da Victoria, raptou a menor Lourença, de idade de 14 annos, filha adoptiva de Catharina d'Oliveira Dias, moradora na circumvisinhança do raptor, e está com ella livremente dentro de casa.

A' ser exacto, convem que S. S. dê as providencias necessarias.

Portaria ao fiscal da Penha, ordenando-lhe que advirta ao Sr. Burgos, morador á Roda da Fortuna, para que tenha preso o seu cachorro, afim de que não continue a morder quem passa, como succedeu a um inglez empregado na fundição da Jequiçuaia, na noite de 24. Cumpra.

—Capitão, V. Ex. já soube que os cocheiros da companhia de Vehiculos, não quizeram trabalhar no sabbado 24, allegando que não era possivel trabalhar-se noite e dia por quarenta mil reis mensaes e sujeitos a multetas?

—Acho razão, estão no seu direito.

—Não vê! A policia obrigou-os a trabalhar.

—Como? Elles não estão no seu direito?

—Attenda V. Ex. para a nota que acabo de receber do agente da policia secreta:

«No sabbado 24 do corrente os cocheiros do Bomfim não quizeram trabalhar, allegando que não era possivel continuarem na companhia, visto que, ganhando 40\$ rs. mensaes, no fim do mez recebiam 16 e 20.75 rs., sendo o resto descontado em multetas, sem sciencia d'elles.

«Em lugar dos gerentes ouvir-os e attenderem as suas razões, chamaram o capitão Braga, e este obrigou-os a trabalhar, e em companhia de um dos gerentes forçou por-

tas, declarando o capitão Braga que, aquelle que não fosse para o trabalho, seria mandado para cadeia. Assim atemorizados estão trabalhando, apesar das multetas que sofrem!»

—E a policia pode obrigar um homem livre a trabalhar por um preço que não lhe convem? e a policia pode forçar portas para tirar um homem só pelo simples facto de não querer trabalhar em uma companhia, onde não ha regulamento que sujeite o trabalhador, e que sem sciencia d'elle, é no fim da semana descontado de seu salario uma certa quantia que lá entendem, a titulo de multetas e por faltas que não commetteram?

—Nesta terra tudo se ha de ver!....

—A Umbellina foi roubada.

—Que Umbellina?

—Uma que chamam a russa.

—Onça lhe assentava mais.

—A mulher sahio para a missa do gallo na noite de natal, deixando a creca-la em casa.

Esta admittiu um meliante, o qual pergantou lhe si ja tinha comido pasteis e ella dizendo que não, deu-lhe meia pataca para que os fosse comprar. Pasteis foram estes, que lhe deu tempo para ir ao oratorio despojar uma imagem de Nossa Senhora de sua corôa de ouro, uns cordões do pescoço do Menino Deus, o cajado de Santo Antonio, e depois passar ao quarto de dormir, onde d'uma calxinha limpou todo ouro que havia e poz-se ao largo.

—Assim, quizera o-tal sujeito achar sempre a quem pagar pasteis.

—Ha nomes que não assentam nas pessoas.

O soldado Innocencio está nesse caso. Elle, cujo nome indica um composto de lhanza e simplicidade, tem um genio de dragão; e para prova no dia 27, cutilou a um velho de 80 annos de nome Felippe da Silva, no Engenho da Conceição.

—Sem razão?

—Pelo facto de uma rapariga, do seu co-

nhecimento, cuja mãe e avó moram com Felippe, recolher-se a casa deste.

— Por tão pouco!

— Em quanto a policia obriga a homens livres trabalharem a força, dous individuos se estrefegam aqui em Itapagipe sem que ella appareça.

No domingo, um individuo de nome Joaquim foi atrocmente insultado e injuriado por um outro de nome Constantino. Este, alem dos insultos, deu uma formidavel cacetada sobre a maçan do rosto d'elle, no lado esquerdo, fazendo-lhe uma horrivel brecha.

Joaquim vendo-se ferido, e sem arma alguma para repellir a offensa phyzica que havia recebido, dá de mão á uma pedra e arremessa-a sobre Constantino, fazendo-lhe tambem uma brecha na cabeça!

— Por esquecimento, a familia do Sr. Fonseca, morador ao Arcial, deixou por fechar uma das janellas de sua casa, sem prevêr que uns visinhos de defronte andavam de observação.

La pelas tantas a janella serviu de ingresso para elles penetrarem na casa alheia e irem procurar o que não tinham guardado. Como é tempo de Natal, acharam que uma imagem do Deus Menino com todos os seusapparelhos tinha alguma serventia é por isso levaram e mais duas jarras que estavam n'um quarto onde dormia uma senhora e algum dinheiro.

Parece que o subdelegado de S. Pedro, trata de inquietal os.

— E que seja bem sucedido.

— Ha gente que procura a desgraça por suas mãos. Sabem o perigo que corre o desembarcar-se de um *bond* em transito e nem por isso se emendam.

— Perigo que todos os dias se converte em desgraças.

— Dizem que no sabbado um rapaz indo saltar de um trem dos Vehiculos em occasião em que este ia em toda velocidade foi de esbarro as pedras, do que ficou gravemente maltratado, lançando sangue immediatamente.

— Ainda esta não ha de servir de escarmento.

— Atraz de adiantar um ou dous minutos, é quando atrazam muitas vezes immensidades de dias que levam na cama.

— E quando, não batem a cassulcta é bom.

— Capitão, uma prevenção.

— Qual é?

— Si andar á noite tarde e observar algum

vulto de farda, tenha receio, não passe ao pé.

— Ora essa! pois si a força publica es-palhada á noite é para garantir a vida e propriedade.

— Mas é que os ladrões agora usam de uma nova. Vestem-se de farda para fazerem das suas.

— Ah, tem disso!

— Eu lhe digo.

O inglez James Hunter empregado na companhia Bahiana, sahio da Boa Viagem na madrugada de quinta-feira e ao chegar antes d'Agoa de Meninos, foi atacado por dous individuos disfarçados em policiaes, os quaes lhe tomaram o relógio, o dinheiro que trazia e o espancaram de uma forma que ficou cama.

— Ora que ladrões do diabo! Alem de fazerem suas gentilezas, ainda desacreditando a policia.

— No dia de Reis S. Ex. Revm. administrará na matriz da Penha o Sacramento da confirmação.

— Inteirado!

— Boa peça pregaram os frades do Carmo na noite do Nascimento.

— De verdade?

— Abriram a egreja, accenderam as velas, como um chamariz para o povo entrar, e depois que o templo estava bem atopetado, mandaram apagar tudo e fechar as portas, dizendo que não havia religioso para celebrar.

— Isso parece chalaca!

E os frades aonde estavam?

— Tinham ido dizer missas por outras partes.

— Diz bem; nessa noite ellas costumam render alguma cousa.

— E fie se a gente em frades!

— Ou então digam que o interesse não está antes de tudo.

— Bem fez o Sr. arcebispo no Collegio mandando descontar um dia naquelles que abandonaram suas obrigações para ir ganhar dinheiro por ahi.

Quando S. Ex. Revm. entrou na cathedral encontrou todos, mas d'ahi a pedaço o respeitavel prelado achava-se quasi só; foram desapparecendo um por um.

— Puzeram se no pulo.

— Passava Francino de Souza Guimarães, no domingo, pela venda n.º 51, no Rosario de Itapagipe, quando de dentro da venda jogaram uma pedra em um pobre preto velho.

a qual desviando-se da direcção em que foi atirada, veio sobre a cabeça de Francino e quebrou-a.

—Tudo isto é devido a falta que ha de policia na freguezia da Penha!

—Uma moça que está em casa de seus pais, não é lá objecto tão diminuto, que qualquer possa metter no bolso e carregar com elle.

—Isso é verdade.

—Portanto eu não sei que razão ha para dizer-se—fulano furtou uma moça de casa—quando ella mesmo é que sahe com seus pés.

—Seduzida, enganada, muitas vezes.

—Isso sim; mas não digam como andam a dizer agora que na noite de natal, foi roubada uma moça de 15 annos do 3.º andar da casa n.º 18, á rua do Julião, por um sujeito cujos principios *moraes* andam a passos largos, e que até agora nada se tem feito, muito embora se saiba que o objecto roubado está guardado nos fundos de um escriptorio a dous passos d'alli.

Ora, para safar um fardo tão pesado das alturas de um 3.º andar, á não ser com previo consentimento de quem o guarda, é cousa que demanda muita subtilidade e agilidade.

—O peor é que o objecto é de natureza tal, que uma vez roubado não pode voltar para o poder de seus donos no estado em que sahiu

—Isso quer dizer que quem o subtraher deve ser obrigado a reparar perdas e danos.

—Que duvida.

—Na segunda-feira foi recolhido a casa de Correção o cocheiro Leonardo, por presumirem os gerentes da companhia de Vehiculos ter sido elle o cabeça da revolução havida no sabbado, n'aquella companhia.

—Bravo! bonito! muito bem!...

—Houve a festa do Moinho no domingo.

—V. sabe o que é a festa do Moinho?

—Uma devoção particular que em certo dia solemnisa a Immaculada Conceição.

—O pretexto é esse; creio mesmo que a intenção dos que a dirjem seja pia e religiosa; mas o que se dá é outra cousa.

A festa do Moinho é uma bachanal de todos os annos, um foco de desordens, uma folia orgiaca.

E' a agglomeração da sensualidade, da incontinençia, do desregramento, do vicio, fora das vistas da policia.

—A policia é myope que não vê de perto, nem de longe.

—Admira que ella que deve andar á par das cousas d'esta terra, não saiba que ainda não houve anno desde que ha a chamada festa do Moinho, que la não houvessem desordens, pancadaria.

—Então acha que deve ser prohibida?

—Não; n'esta terra onde todos são responsáveis por seus actos, não se pode estorvar ninguem de divertir-se como entenda; mas a policia que vê sahir para um lugar retirado, essa alluvião de gente de todo calibre, deve ser previdente e achar-se tambem no pagode para conter os excessos, evitar os crimes.

Este anno o que não houve?

A companhia do olho vivo la se foi acampar.

A cada passo, ou por motivo de jogos, ou por causa de mulheres, ou por excesso de bebidas, ou por qualquer cousa, havia uma faca fora, uma cacetada, sem que a policia de nada disso soubesse.

Dous sujeitos *golpistas* sentados á beira da ladeira do Quebra-bunda, faziam a advinhação das *vermelinhas* á espreita de algum incauto.

Passou um cavalleiro e elles o chamaram, pedindo-lhe para segurar o dinheiro de uma aposta que tinham feito, e que so entregasse ao que ganhasse; para a segunda vez ja foi elle quem teve de levantar a carta, e para a terceira estava dentro da dança deixando 100\$ rs e o relógio em poder dos dous industriosos,

—São da pelle!

—Si para o anno que vem, houver festa do Moinho, a policia que seja mais precatada para não haver o que houve neste anno.

—Dizem que no xadrez do forte de S. Pedro houveram ferimentos.

—Si sabe, diga.

—Um soldado do 14 que se achava ahi detido, por aquillo que os mais não fizeram, tendo entrado com algum excesso pela *giribita*, entendeu que devia applaudir o nascimento do Redemptor beliscando a pelle de um seu companheiro com um instrumento furante.

Na duvida do logar mais adequado para sua operação, foi fazendo experiencias em varias partes do corpo do outro, até que entendeu que as devia separar.

—Tambem si elle na prisão não achasse cachaça para beber e ferro para furar, estava livre que nada disso fizesse.

—As folhas diarias já deram noticia de um deploravel sinistro que se deu no dique, dia de natal.

—A morte de duas creaturas afogadas.

—O que não sabe-se é, si a policia deu alguma consideração a certos boatos com que andam commentando esse desastroso acontecimento.

—Capitão tenho susto.

—De que?

—De entrar nos *bonds* da companhia de Vehiculos puchados á vapor.

Parece que minha prophecia se vae a realisar.

—Credo, cruz! Vá deitar sua bocca aonde morreu a primeira baleia.

Houve mais alguma explosão no *caranquejo*?

—Ora si houve; ainda m'o pergunta?

—Mas quando?

—Na quarta-feira (21) estouraram os vidros e, si não fosse a Providencia Divina, teriamos de lamentar varias desgraças; na quinta-feira (22) voou pelos ares a *chapelêta* que cobre o vapor, e iam sendo victimas o machinista e os passageiros; no domingo soffreu uma outra avaria, tendo sido feito o resto das viagens para Itapagipe á burros!

—Como nesta terra em quanto não ha uma desgraça não se toma medidas preventivas, por isso não peço ao Sr. Dr. chefe de policia que mande examinar o estado do vapor e dar as providencias necessarias, evitando assim uma eminente desgraça, visto o pessimo *encascamento* do referido *caranquejo*.

—Que malignidade!

Si essa perversa travessura fosse praticada por um menino ainda ainda, mas por um homem tamanho!

—O que ha?

—Vê aquella preta?

—Chamam-lhe a *Pon-son-son*.

—Pois sim; daquelle sobrado aqui ao becco do Açouguinho, um sujeito despejou-lhe um copo d'agua por judiaria. Como a preta fallasse, elle perguntou si queria ver atirar-lhe o copo tambem; tendo ella respondido que atirasse, o homem fez-lhe a vontade. Foi milagre cahir nas costas e esmigalhar se nas pedras.

—Qual! quem pratica um acto destes não está em seu juizo.

—Que genio turbulento é o dos habitantes do Paraguay!

—Ha novas complicações?

—Ellas surgem a cada hora; são permanentes.

—Ah, julguei que era coisa recente.

—No dia de natal houve o diabo; duas mulheres, duas furias de navalha em punho a

aggredirem-se; uma berreira, um *va-ra-ra* dos diabos.

Mas de que Paraguay falla V.?

—Do Paraguay á Estrada Nova.

—Ora sebo!

—O inspector de quarteirão tem interesse em que more tal laia de gente, que lhe dá gasto na cachaga da biboca que tem; o proprietario convem-lhe, porque não encontra outra especie de moradores que lhe habite as casebres; a policia esquece-se do logar, e o resultado é que ali é o acampamento da desordem e do vicio.

—Embarca-se uma mulher nos Vehiculos Economicos; leva uma saia embrulhada e deposita no collo; o caixeiro cobra-lhe por ella o preço de uma passagem!

—E' arrancar; é uma exigencia desarraçoada.

—Pois eu vi isso no sabbado. Segunda-feira um sujeito comprou no Bomfim um peixe que trazia na mão enrolado em um papel; pagou tambem pela conducção do mesmo uma passagem.

—São cousas fora de termo.

—Eu tinha para mim que os Vehiculos eram exclusivamente para o transitio de passageiros.

—Creio que sim.

—Mas desta forma não. Ainda um dia destes eu vi a Sra. D. Ignacia Carneiro mandar transportar um bahu de folha, pelo que pagou frete.

—Nesse caso si a companhia já está resollvida a conduzir carga, é preciso annunciar; porque eu quando tiver meu capadinho, minha capoeira de gallinha, alguma manta de carne do sertão, lá vou tambem.

A PEDIDO

Alguem, talvez por indisposições pessoais, foi communicar a imparcial redacção do *Alabama* que em um sobrado ao becco do Viva-Jesus, havia jogos de cartas, e que ali praticava-se grande barulho e algazarra com o que era incommodada a vizinhança fora de horas.

Não ha tal.

Sem duvida, alguem para desconceituar o dono da referida casa, lançou mão deste meio para illaquear a boa-fé da illustre redacção asseverando-lhe uma falsidade.

Na dita casa não ha jogo de cartas, nem o barulho que se diz; reune-se ali apenas seis ou oito pessoas a entreterem-se no jogo de vispora e pode muito bem ser que so

arrastou uma cadeira, mas disso não resulta
 barulho que incomode a vizinhança.
 Também não é exacto que hajam fallato-
 rios, porque todos que ali vão são pessoas
 de bom comportamento.
 Por tanto quem por malignidade preten-
 deu forjar esse enredo, fique certo de que
 perdeu seu tempo, porque a mentira se des-
 macara facilmente.

Um sonho.

Era meia noite, ness'hora triste.
 Quando a curuja tristes pios dava;
 Quando sonhando parecia me ver
 Uma visão que junto a mim estava!
 Que hora triste p'ra mim afflictiva!
 Que horror, q'aperto, então eu passava!
 Porque fallava, e ninguém me ouvia,
 Mas como ouvir-me, si eu não fallava!?.
 Que sonho feio! Oh que scena triste
 Eu presenciei como accordado!...
 Eu via a morte, por que via um homem
 Sem forma humana para mim fitado!
 Ouço um pranto, accordo, assustado!...
 Quem era? meu filho que então chorava,
 Porque um rato de grandeza enorme
 Subiu na cama, e por nos passava!...

—Muxingueiro, vê aquelle gallego?

—Sim, Sr.

—Agarra-o e mette-lhe a bitacula na cloa-
 ca; *atravessa* na frenté delle para que não fi-
 que á *coberto* e suma-se.

—Já, capitão.

Levo o grumette *José* para me auxiliar; e
 nem que o bruto metta forte *cunha* feita por
 habil *ferreiro*, ha de escapar do castigo.

—Pois bem.

E' preciso corrigir aquelle *sevandija*.

—Fez alguma *tramoia*, capitão?

—Uma *insolencia*; sexta-feira teve o desa-
 fo de mandar comprar um *juuco* e publi-
 camente cortar de *chibata* um menino seu
caixeiro, escolhendo a cara do mesmo para
 ali mais exercer seu indigno procedimento.

—Que *galego* infame!

Agora ha de tambem se haver commigo.

—O sobrinho do vereador *Correia Garcia*
 tiraria certidão de *idade* e *folha* corrida para
 poder exercer o *logar* de *aferidor*?

O voluntario preterido.

Ao capitão do *Alabama*
 Vou hoje cumprimentar,
 Boas festas e bons annos
 Com muito prazer lhe dar.

Desempenhe sempre assim
 A sua nobre missão,
 Zurzindo o crime atrevido,
 Que merece punição.
 Mil annos tenha de vida,
 Meu querido capitão,
 Todas as felicidades
 Deseja meu coração.

Affronte a ira perversa
 Dessa sucia de malvados,
 Que fazem todos os crimes
 Mas não querem ser fallados.

O magistrado corrupto
 Que da lei algoz tem sido,
 Por desprezível, venal
 Seja ao menos conhecido.

O devasso papa-hostias,
 Padre somente no nome,
 Que uma licção de moral
 Para seu proveito tome.

Inexperiente donzella,
 Que só vive namorando,
 Para ser mais recatada
 Seus conselhos va tomando.

Abeata da viuva,
 Que sem ao menos ser rica,
 Por um olho sempre chora
 E pelo outro replica.

Que aprenda a ser mais honesta,
 Repare no seu papel,
 Si hoje tem mel nos beiços
 Amanham lhe darão fel.

Todos pois que se aproveitem
 De sua boa licção,
 Que hão de lhe agradecer
 Rasgado o veu da illusão.

Aonde existir o crime
 Continúe a descobrir
 Capitão, a humanidade
 Seja seu timbre servir.

Faça ir aos tribunaes
 Dá honra o usurpador,
 Para que não fique impune
 Sugando os favos d'amor.

Os ladrões, os caloteiros,
 Sejam zurzidos tambem.
 Enfim, oh meu capitão,
 Não poupe quem vicios tem.

Para que todas conheçam,
 A' mostra ponha a verdade,
 E terá dos homens serios
 A mais sincera amizade.

Não se esqueça um só instante
 Da maldita fradaria,
 Que nas mulheres dos outros
 Só cuidam de noite e dia.

As mulheres de capona,
Onze lettras refinadas,
Com seu confessor matreiro,
Sejam tambem fulminadas.

E assim obrando sempre,
De todas benções terá,
E gravado em nossos peitos
O seu nome ficará.

Um anno novo de vida
Deus lhe dê com seus favores,
Livrando-lhe, capitão,
Dos inimigos furores

VARIÉDADES.

Flores precoces.

Emilia tem onze annos, lindo coque, *anquinhas* tremulantes, pretenções de moça, affectação de malicia: é discipula de Luiza, sua irman sete annos mais velha.

Leandro adorou Luiza e brincava com Emilia, como se brinca com uma menina.

A historia passava-se em um dia de festiva reunião em uma chacara proxima da cidade.

Era a primeira vez que Leandro via Luiza, e ainda não tinha sido apresentado á sua familia.

Os dous jovens olhavam-se de longe e Leandro jogava de tabella, trazendo a menina Emilia em lisongeiro cerco de elogios, á sua faceirice e á sua lindeza, e divertia-se com os momos da vaidosa aprendiz de loureira.

D. Emilia, ora fugitiva, ora junto de Leandro, hia tomando o brinquedo á serio.

Si Leandro lhe havia beijado a mão, gabado os seus olhos, a sua cintura, e dançado com ella uma valsa!...

Passeavam no jardim e elle lhe dava o braço, elle que havia rido muito, ouvindo-a suspirar....

Estavam os dous á distancia de todos os outros da sociedade.

Leandro colheu um lindo -- *amor-perfeito*, -- olhando ternamente para Luiza, que nesse momento tambem o olhava com igual ternura.

Logo depois disse a Emilia:

—A senhora parece amar muito á sua irman.....

—Muito.

—Faça-lhe pois uma fineza... quero admirar a sua graça: tome este *amor-perfeito*, e quando passarmos junto de sua irman, estenda o braço, e lh'o ponha no peito.

A menina fez um movimento de desagrado; mas immediatamente sorriu-se e disse:

—Pois bem; mas... ensine-me... ponha o senhor o *amor-perfeito* no meu peito.

Leandro obedeceu a menina, e levou a passar por diante de Luiza.

Mas Emilia passou, e nem se quer deu idéa do que promettera fazer.

—Então?... então?... disse-lhe Leandro, voltando de novo com ella.

Em frente de Luiza, Emilia pôz a mão na flor, fingio querer tira-la, e não conseguiu-a, e logo que se afastou alguns passos, murmurou com affectada ternura:

—Não posso... é impossivel....

—Porque?.....

—Porque o seu *amor-perfeito* já está com raizes profundas no meu coração.

Cama musical.

Um dos objectos que figura na *Exposição Universal* de Londres, é uma cama, feita por um machinista de Praga, a qual principia a tocar um pedaço d'alguma opera, tão depressa alguém se mette dentro d'ella, e assim continúa até que se adormeça. Tem na cabeceira um relógio; pondo certo ponteiro na hora a que o dono se quer levantar, chegada ella, principia a cama a tocar um andante de Verdi, com acompanhamento de tambor e timbales, capaz de acordar um morto. E' pois ao mesmo tempo narcotico e despertador.

O Ex....

Diz a *Revolução de Setembro* que um padre Vicente Alcubero, natural de Catalayud, jesuita expulso com outros por Carlos III, e refugiado em França, ao dizerem-lhe «adeus ex-jesuita» respondeu com o seguinte soneto:

Não me chameis o ex, por charidade,
Depois que o acceitou a Convenção;
Deve á França a Europa a invenção,
E foi seu primo fructo a ex-piedade.

Seguiu-se ex-rei, ex-rainha, ex-sociedade,
Ex-papa, ex-cura, ex-culto, ex-devoção,
Ex-frade ex-monje, ex-templo, ex-religião,
Ex throno, ex-altar, ex-christandade.

Olha: si o EX que tu me chamas hoje,
Um EX fatal para a França foi:
Outro menos fatal buscando vou.

E de encontral-o tenho viva fé;
Pois me parece que escutando estou
Ex-Pariz, ex-nação, EX-LIBERTÉ.

Contra os ladrões.

Conta o *Correio de Marcelle* que um habitante do Var, proprietario de umas terras insuladas no cantão de Lergues, fez passar uma má noite a um bando de malfetores. O meio foi um pouco engenhoso.

« Esperando uma visita nocturna de amigos do alheio, que ha algum tempo andavam inquietando o cantão, lembrou-se de um processo que deu resultados singulares.

« Dispoz sobre o aparador da salla de jantar, uma bella collecção de garrafas cheias e lacradas. Cada uma d'essas garrafas era uma armadilha, porque o excellente vinho que continha estava saturado de uma preparação immediatamente laxante e em algumas havia um poderoso narcotico.

« Um creado da lavoura, de quem seu amo suspeitava que estava filiado em uma pequena quadrilha de ladrões, introduziu cinco de seus camaradas, arrombando um postigo de uma janella.

« Os seis tunantes viram logo as garrafas e trataram de enchugal-as. Ahi se assentaram elles de redor de uma mesa, abrem as garrafas e bebem o liquido traçoeyro. Apodera-se logo de dous uma forte e irresistivel vontade de dormir, estendem-se no sobrado, e roncam na melhor paz de espirito.

As garrafas laxantes tinham sido ao mesmo tempo despejada pelos outros quatro, que sentem de repente violentas dores de estomago. O liquido laxante operava energicamente. Saltam os quatro pela janella fóra e deixam ficar os outros dous, que provavelmente sonhavam deliciosamente com o producto do roubo.

« Estes foram encontrados no estado em que os pozera a bebida, e denunciaram os seus cumplices, que ainda foram agarrados na lastimosa situação a que os reduzira o preparado laxante. »

Boa penitencia.

— Uma mulher, confessando-se a S. Felipe Nery, accusou-se do costume de fazer maledicencias contra o proximo (fallar mal da vida alheia). Este grande santo lhe disse: « Por penitencia, vós ireis á praça do mercado comprar uma gallinha; rodeareis a cidade de Roma espalhando-lhe as pennas n'esse circuito e lançando-as ao vento; depois vireis concluir a confissão. » Apesar de exquísita a penitencia, a mulher a cumpriu fielmente; e voltou aos pés do santo confessor, sentado no tribunal sagrado da penitencia. O santo disse á penitente: « Agora fareis o mesmo caminho, gyrando em torno da cidade para ajuntar todas as pennas da mesma ave que derramastes de todos os lados, e juntareis todas sem deixar nenhuma. »

A penitente exclamou: « Meu pae, vós me mandaes cousa impossivel. Nunca poderei ajuntar todas as pennas. — Que! disse o santo, vós retalhastes a reputação do vosso proximo, lançando a aos ventos por toda a parte em

que passastes. e como poderei agora restituil-a inteira? Não védes que se torna impossivel a reparação de vossos peccados? »

Meus amores.

Ah! coitados, meu Deus, abortaram
No começo da vida, inda em flor;
Meus amores gentis se sumiram
Como nuvens de tenue vapor.

Como o orvalho nas ramas cahido
Se evapora do sol aos ardores,
Como a nevoa nos ares morrendo,
Vi sumirem se assim meus amores.

Uma noite... eu me achava massado
N'um terrivel, fatal *caiporismo*,
E sorvia na réde espichado
Duros tragos mortaes de *scynismo*.

Mas depois levantei-me, vesti-me,
Fui á rua p'ra ver as meninas;
Era sabbado a noute, com esta
Completavam-se as tres sabbatinas.

Torço aqui, torço alli, pelos beccos,
Pelas ruas vaguei da cidade;
Moças feias, *canhões*, bruxas velhas
Só eu vi por desgraça, é verdade!

A final já me dava os diabos
N'uma rua co' as ventas fui dar;
Nove horas os sinos batiam,
Vinha a lua surgindo a brilhar.

N'uma casa sosinha á janella
Lindo anginho me olhava a sorrir,
Era um lyrio nos prados aberto,
Uma estrella nos céos a fulgir.

Tropecei; dei topadas nas pedras,
Os sentidos e a *bola* perdi;
Tão formosa, tão linda menina
N'este mundo de Deus nunca vi.

Fui ao fim da calçada enlevado.
Demorei-me algum tempo e voltei;
Encontrando a menina no *ponto*,
« Esperava por mim » cá pensei.

Vacillavão-me as pernas, tremia,
Tinha tosse, cossava o nariz;
Em que *assados* me vi! e no entanto
Em namoros não era aprendiz!

Essa noute, confesso, exaltado
Um instante não pude dormir;
Em barulho fervia a cachola,
Que prodigios não faz um sorrirl

No outro dia domingo a tardinha
A menina de novo fui ver;
Tinha a mente de sonhos pejada,
Um vulcão dentro o peito a me arder.

Ao passar, a menina travessa,
Ao dizer-lhe meu anjo baixinho,
Toda irada fingiu-se e me disse:
« Vá seguindo, senhor, seu caminho! »

Outro dia passei, e ainda ouviu-me:
 «Minha flor, meu anjinho, meu bem;»
 Já sorrindo voltou-se e me disse:
 «Não sou anjo, nem flor de ninguém.»

A final destruída a esquivança,
 Certa noute por ella passava,
 E notei que das mãos eôr de neve
 Um cravinho gentil se escapava.

Todo louco de amor, arroubado.
 Na calcada o cravinho apanhei,
 E orgulhoso entesando a gravata,
 «Stá pegado o namôro» pensei.

De ora em diante a menina constante
 Me esperava de noute á janella,
 E eu passava soberbo e arrogante
 Aos sorrisos formosos da bella.

Esqueci-me do mundo, de tudo.
 Adeus, livros; adeus, sabbatina;
 Minha vida, minha alma, meu mundo,
 Concentrei n'esse olhar da menina.

Só de mim se occupava a bel lade;
 Se um rapaz lhe lançava a luneta,
 Tinha em paga de sua ousadia
 Pelos beijos terrivel carêta.

Mas um dia, não sei que desastre!
 Lá passando, de mim se escondeu;
 Eu chamei-a, chamei a mil vezes,
 Nem sequer uma vez respondeu!

«Stá acabado o namoro, eu dizia,
 «Oh! que sorte maldita, que fado!
 «Eis cahidos meus grandes castellos!
 «Eis desfeitos meos sonhos dourados!»

Nunca mais a perjura esperou-me,
 Era embalde que eu vê-la buscava;
 Se ia vê-la, com a agua no bico,
 Qual de casa sahira voltava.

N'uma casa depois encontrando-a,
 Da tal cuja a sorrir-me cheguei,
 E lhe disse: «a senhora deixou-me....
 «E o motivo, confesso, não sei...»

«Eu só busco casar, responder me,
 «Não podia soffrer tanta espera;
 «E se amor por amar não entendo,
 «Platonismo, meu caro, é chimera.

«Platonismo é loucura, é poesia,
 «De poesia viver, eu não sei;
 «Já julgar o senhor quinto annista,
 «O namoro por isso acceitei.

E hoje em quanto folgando ditoso
 Passo a vida em completa alegria,
 A menina, contando os janeiras,
 Vai quando, coitada! p'ra tia!

Duval de Meneses Fraga.

ANNUNCIOS.

CAFÉ

LES DEUX AMIS

AO LARGO DO THEATRO

VENDE:

Vinho fino.
 Ditto Bordeaux, Fign ira e Porto.
 Extrait de Absinthe.
 Bitter e Vermouth.
 Calda de cajú e groselle.
 Agoa: Americana e Seltz.
 Genebra aromathisada.
 Vinho Champanhe.
 Cerveja ingleza e nacional.
 Agoa de Felipe.
 Licores finos.
 Vellas de spermacet.
 Conservas e ervilhas portuguezas.
 Charutos de fabricantes da provincia.
 Chocolate fino
 Biscoitos inglezes.
 Cigarros do Rio de Janeiro.
 Molho inglez.
 Phosphoros de cera e segurança.
 Cartas russas e francezas.
 Carteiras de segredo.
 Papel e enveloppes.
 E diversos artigos de miudezas por metade
 do seu valor para liquidar.

No Coberto Grande, loja n. 55, aluga-se
 para a festa, vende-se ou permata se, uma
 casa excellente' na povoação de S. Thomé de
 Paripe.

No domingo 1º de janeiro, terá lugar no
 Cruzeiro de S. Francisco a solemnidade da
 Santissima Virgem da Conceição, protectora
 das familias, havendo missa no convento de S.
 Francisco, illuminação na vespera e dia, bal-
 lões aerostaticos, fogo de planta, etc. A mesa
 convoca a todos os irmãos á coadjavarem
 para tão religioso fim,

Mudança.

Joaquim Piroga de Freitas, relojoeiro, á rua
 direita de Palacio, mudou a sua casa de tra-
 balho para defronte, na antiga loja que foi
 do Borel.

O proprietario da loja n. 51 ao entrar na
 rua de Baixo de S. Bento roga a todos, que
 tem conta na mesma a virem saldala ate o
 dia 1.º de janeiro vindouro, do contrario verão
 seus nomes nas columnas de diversos jornaes.

Typ. de Marquez, Aristides e C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 74.^a

SABBADO 31 DE DEZEMBRO.

N. 736.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numero.;
5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

A Circumcisão do Senhor.

Ainda sôam as mysticas harmonias do instrumento sagrado, as flôres embellezam o altar do Deus vivo, e no recinto do sanctuario parece ouvir-se a saudação que o anjo dirigiu aos pastores de *Gueder*, annunciando-lhes o nascimento do Redemptor do mundo:—*Gloria a Deus nas alturas, e na terra paz aos homens de boa vontade.*

A santa igreja veste-se amanha de purpura rodea-se de luz e corôa-se de flôres, para solemnizar o augusto mysterio da Circumcisão do Senhor.

As orações elevam-se até o ceu nas azas da harmonia e no fumo do incenso, que embalsama a atmosphaera, buscando região das nuvens.

Em todos os corações renasce a fé, de todos os labios ouvem-se hymnos A'quelle que os ceus e a terra louvam sem cessar.

Foi em Bethlém, a *Metropole do Mundo*, como lhe chama o Nazianzeno, que se deu o facto mais estupendo, que, ha 19 seculos a humanidade commemora.

Foi nesse pequeno ambito, hoje entregue ao esquecimento dos homens, que raiou a aurora da redempção humana.

Alli desceram os anjos a adorar o Messias, ha tantos seculos promettido; para alli se encaminharam os pastores a testemunhar o grande acontecimento, que lhes annunciára o mensageiro divino; alli, finalmente, eclypsou-se o brilho da estrella que guiára os Magos do Oriente, vindos á gloriosa lapinha para depôr suas offerendas aos pés do Salvador.

Do alto do Sinay, por entre raios e trovões, teve lugar o começo da lei velha; a lei nova foi promulgada nos amenos campos de Bethlém, no meio de esplendores e ao som dos canticos celestiaes.

E' com justo motivo que a santa igreja, fazendo vibrar a voz do bronze catholico, convida os fieis a render graças ao Altissimo por tão sancto acontecimento.

O natalicio do Salvador foi o annuncio da paz, a promessa da redempção, o prognostico da felicidade, a aurora da vida eterna.

Com elle nasceu a esperanza, acrysolou-se a fé, sanctificou-se o martyrio, abriram-se para sempre as portas do ceu aos homens de boa vontade, que na terra celebram as glorias de Deus.

O nascimento do Filho do Eterno foi festejado no ceu e na terra, pelos anjos e pelos homens.

A lapinha de Bethlem, guardada pelos cherubins, illuminada pelas estrellas, a despedir jorros de luz pelas fendas de seus antigos muros, foi o sacrario onde a Divindade, reclinada em um berço de palha, se fez adorar pelos anjos, pelos Magos, pelos pastores, pelos homens e pelos proprios irracionaes.

A noite desdobrou seu manto pospontado de estrellas sobre o immenso scenario da criação, as arvores vestiram-se de flores, os passaros, saltando de ramo em ramo, acordaram os échos com dulcissimos accordos; do solo rebentaram fios de agua crystallina; e os animaes, as plantas, os rios, os valles, e tudo quanto vive e cresce, e se multiplica, saudou o sol da vida, que despontava no ceu de Bethlem, á hora em que os anjos da manha desfolham rosas no horizonte, e com uma chave de ouro abrem as portas do firmamento ao rei do dia.

Não tardou, porém que o soffrimento, partilha da humanidade, viesse ao encontro d' Aquelle, que se encarnara no seio da Virgem, para remir as culpas dos homens e pregar do alto do Golgotha a mais sublime das maximas:—*Amai-vos uns aos outros.*

Decorridos apenas oito dias depois do nascimento do Salvador e dos estupendos milagres que assombraram o mundo, em virtude do preceito que Deus havia imposto a Abraham, para que ao oitavo dia circumcissasse a todos os meninos, em signal de alliança, preceito este que foi posteriormente consagrado na lei de Moysés; a Santa Virgem conduziu o menino ao templo, e ahí deu-se cumprimento á lei, no meio das lagrimas de terra.

madras por Aquelle, que, pela vez primeira, vertia o seu precioso sangue.

O dia 1.º de janeiro, escolhido pelos gentios para a celebração dos seus abominaveis cultos, é por este motivo venerado pelos christãos como o dia em que a terra foi purificada com o sangue do Cordeiro Immaculado, assignalando por isso o começo de uma era no correr dos seculos.

Segundo o costume dominante entre os hebreus e em obediencia ás ordens que de Deus havia recebido Abranhão, foi posto ao Menino o nome de Jesus, como fôra revelado por um anjo, ser da vontade do Eterno Pai.

A humilde gruta de Bethlém foi o sanctuario augusto onde celebrou-se o mais glorioso successo, que o mundo tem testemunhado.

A gruta foi o monte sagrado d'onde o Filho do Eterno se mostrou em todo o esplendor de sua gloria e magestade; e a mangedoura, o throno escolhido por Aquelle que vinha curar o paralytico, resuscitar o Lazaro, converter a Magdalena, multiplicar os pães, applicar as tempestades, dar vista aos cegos, e perdoar aos seus algozes. *Nesciunt quod faciunt.*

Nascendo em um presepe, reclinando-se em um berço de palha, recebendo as primeiras adorações de humildes pastores, o Filho de Deus quiz mostrar-nos que a virtude, a importancia e a popularidade não consistem em ter-se nascido debaixo de aureos tectos, em ter-se reclinado em magnificos berços.

Os bens da fortuna desaparecem ao menor sopro da adversidade. Os falsos amigos fogem espavoridos logo que o infortunio dá-nos o seu mais apertado abraço. O que fica é somente a intelligencia, o caracter, o merito real que o homem possui.

Durante a sua vida, o Filho de Deus nunca se acercou senão dos pobres e das crianças. — *Deixai que as crianças se approximen de mim,* dizia o Divino Mestre, com a doçura que embellezava sua palavra. *Sinite parvulos venire ad me.*

Era o povo que o seguia á montanha e aos logares desertos para escutar suas maximas.

Era o povo que queria escolhel o para rei.

Era o povo que estendia seus vestidos e lançava palmas deante d'elle, exclamando: — *Hosanna ao filho de David!*

Eram os escribas e phariseus que se escandalisavam por causa dos doentes que Elle curava nos sabbados.

Eram os escribas e phariseus que o interrogavam insidiosamente e lhe armavam laços para o prender.

Eram os escribas e phariseus que o chamavam de homem inclinado ás ignarias e dado aos prazeres.

Eram os escribas e phariseus que o tratavam de blasphemio e sedicioso, que se ligaram para o fazer morrer, que o crucificaram sobre o Calvario entre dous ladrões!

Eram os escribas, os phariseus, os doutores da lei, o rei Herodes e seus cortezãos, o governador romano e os principes dos sacerdotes.

Oxalá que a humildade, de que o Filho de Deus se revestiu nos principaes actos de sua vida, desde o seu nascimento até á sua morte, nos sirva de incentivo para a pratica do bem, e aproveite principalmente aquelles, que, collocados nas grimpas sociaes ou favorecidos pela fortuna, olham os filhos do povo com asco e não lhes dispensam, as mais das vezes, si não o rigor, o desprezo e a compaixão.

Que o Homem Deus se compadeça desses montões de orgulho, e dê lhes tempo de se arrependerem dos seus peccados nesta vida, para alcançarem a bemaventurança eterna na outra.

A. M. dos Reis.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latroapolis, bordo do *Alabama*, 30 de dezembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Santo Antonio, communicando-lhe que na sua freguezia certos paes pouco se importando com a educação dos filhos, com criminoso desmazelo, os abandonam a ociosidade e ao vicio: cumpre portanto que a authority tome a iniciativa de tolher-lhe os passos na senda perniciososa á que se encaminham.

Esses meninos, sem occupação nem ensino, gozando de illimitada liberdade, dão-se frequentemente ao jogo do buzio, para o que se reúnem no campo do Barbalho e suas proximidades, e como para jogar, é preciso ter dinheiro, comprehendendo S. S. os meios de que lançarão mão para obter o.

Alem de que, do jogo passam sempre a disturbios e algazarras.

Ainda um dia destes falleceu por ali um individuo conhecido pelo *Navalha*: enquanto em cima os parentes pranteavam, na propria loja do fallecido jogavam esses noviços do vicio, fazendo vozeria incommodativa.

A' vista pois do exposto, julgue S. S. si é ou não de razão a reclamação que se faz.

— No hospital de charidade dá-se notavel desproporção entre a maneira porque são tratados os doentes nacionaes e os estrangeiros.

— Especialmente os francezes.

— Ha uma desigualdade odiosa.

Os estrangeiros gozam de todos os commodos, refrigerios, cuidados e desvellos.

Para os nacionaes ha a mais decidida indifference, o mais pronunciado abandono, toda falta de contemplação e condescendencia.

Não se diga que tudo isso são allegações banaes.

Vejamos uma amostra do panno.

Existe no hospital da Misericordia doente uma familia inteira, estrangeira.

—E' extraordinario que a enfermidade atacasse de uma vez pae, mãe e filhos!

—Pode-se dizer que é uma familia pensionista da Santa Casa.

Essa familia frue immensas regalias.

O doente nacional é obrigado a permanecer pregado no leito, não lhe é permittido transpor o limiar da enfermaria, e nem ao menos lhe consentem o lenitivo de fallar a seus parentes, sinão em certos e determinados dias; o marido não pode ver a mulher, a mãe não pode ver o filho.

A familia estrangeira de que tratamos, apesar de se achar no hospital a titulo de doente, habita no mesmo quarto, dorme no mesmo leito, tem logar appropriado para espairecer e recrear-se, dão-lhe a faculdade de todas as manhãs ir se sentar debaixo das arvores do Terreiro para tomar fresco.

Agora digam, si as irmans de charidade não tem premeditado proposito no systema de tratar os enfermos nacionaes e os estrangeiros?

Digam, si neste procedimento dellas não ha clara e visivel differença em relação aos estrangeiros e nacionaes?

Por ventura o regimen d'aquella casa estabelecerá essas contemplações essas preferencias?

—Oh, que santas, que puras, que angelicas creaturas são as irmans de charidade!

—Si a camara municipal curasse do interesse de seus municipes, teria muito em vista o transito das carroças pelas ladeiras.

—Bagatellas.

—Bagatella essa que muita vez é causa de serios transtornos.

A constante subida e descida de carroças pelo mesmo caminho, a precipitação e pouco cuidado dos conductores, a pesada carga, são cousas que põe em risco os viandantes.

E além de tudo isso ha um outro inconveniente que, sem parecer, causa danos.

—Qual é?

—Quando a carroça tem de descer qualquer ladeira, atravessam um pau em uma das rodas, no sentido de diminuir a força de rotação e conter a velocidade, mas esse pau é

tão cumprido que sua extremidade offende grande numero de vezes a quem passa.

Em uma rua estreita, encontrando-se duas carroças, por mais que uma pessoa procure esquivar-se, a ponta do tal pau lhe virá tocar.

Digo isso, porque ainda um dia destes, na ladeira do Taboão, vi um homem levar forte encontroada, perder o equilibrio e cahir, ficando bem maltratado.

—Sim, tem razão; porem a camara tem mais o que fazer para andar se occupando dessas ninhencias.

—Na quinta-feira, o vapor da companhia de Vehiculos, na viagem de Itapagipe para o Bomfim, quebrou o machinismo.

—E ficou no meio do caminho, sendo preciso ser empurrado á braços até o barracão.

—V. Ex. já sabe?

—Por informação de um de nossos agentes secretos.

—Mas não sabe, que o fognista no acto de empurrar-o precipitou-se pelo monte de areia abaixo e foi parar no Travasso dentro da lama.

—O meu informante tratou tambem desta circumstancia na sua nota secreta.

—Aquelle vapor da companhia de Vehiculos.... Deus queira que eu minta.

—Dizem que as condições hygienicas da enfermaria militar são más.

Ha falta de regularidade e aceio no serviço, os doentes vivem feito sardinhas em tijaella, a febre amarella dizima.

Consta que até de pratos ha escassez.

—E que contribue poderosamente para o desenvolvimento da molestia a excavação da baixa dos Afflictos, nos fundos da roça de D. Antonia. As agnas pluvias que affluem para ali e ficam empoçadas, a montureira creada pela limpeza da cidade, são agentes de força extraordinaria que concorrem para augmentar o mal.

—A salubridade publica é um dos ramos do serviço publico que mais deve occupar a attenção do governo; si elle quizer bem pode, sem difficuldade, remover as causas de um mal que pode affectar a uma população inteira.

—Me explique o que vem a ser isso.

—Pouca cousa. A moradora desta loja é uma pobre mulher do povo.

Deve dous mezes de aluguel, por conta dos quaes já deu 300 rs. O proprietario porem, valendo-se da sua ignorancia, tirou se hoje de seus cuidados, entrou-lhe em casa, mandou

deitar-lhe os caeos na rua, trancou a porta e metten a chave n'algibeira.

—Que absurdo! que violencia! quê illegalidade!

—E diz em tom de alardo. que fez-lhe muito favor; podia mandar penhorar-lhe os trastes.

—Ficando a pobresinha sem saber onde se abrigue; vendo o que é seu atirado no meio da rua!

Ora bollas!

—Que quer; cada um manda no que é seu.

—Não assim brutalmente; a lei proporciona os meios.

—O que é certo é que ella está na rua.

—Esta terra vae ás mil maravilhas!

Que rua é esta?

—Chama-se o becco do Motta.

—Quem é o proprietario?

—Isso não sei; mas deve ser bem f'roz.

—Amanhã ha matança no Moinho.

Vão sacrificar um boi á Mãe d'Agoa.

Si a policia ainda tem em lembrança as scenas de domingo passado, tome suas medidas.

A PEDIDO

Ao subdelegado de Sant'Anna foi dada queixa contra o individuo Paulo Pedro da Silva, por crime de injurias verbaes.

Dos precedentes de inteireza e rectidão que tem revelado S. S. no exercicio de seu cargo, precedentes até aqui não desmentidos, espera-se o cumprimento da lei e nada mais.

—Capitão, trago-lhe uma grande noticia.

—Vá desembuchando.

—Existe n'esta cidade um individuo que se tem tornado o verdugo dos seus patricios.

—Quem é elle?

—E' um *cosinheiro* transformado em louceiro.

—Mas o que tem feito elle?

—Exigiu de um negociante brasileiro e liberal, que despedisse o seu guarda-livros por não o haver tratado com a dignidade do posto que occupa.

Depois exigiu de *certo* director de vehiculos que fosse demettido um caixeiro, por lhe haver feito em publico uma observação.

—E foram despedidos os caixeiros?

—Creio que foram.

—No entanto clamam contra o governo por não dar logar aos voluntarios da patria.

—Kapaz, a época. é de quem mais ba-

—E quem não tiver padrinhos, ha de ser adulator, capacho e mesmo cynico, isto é se quizer viver.

— Ah! vou eu!

—No boi, que tem sua pelle grossa!

—Não, ha de ser no coronel *verdade*.

—O Sr. *Garoupinha* é um homem cujas facanhas valem bem a pena de serem commemoradas!

E' um portentoso colosso, cujo timbre consiste em fazer transmittir a sua fama de *geração em geração*.

Devassemo-lhe pois um pouco os predi-cados.

Casou-se em uma ilha.

Ora, o mundo inteiro sabe que toda ilha é cercada de *maré*.

—Essa observação aqui não vem ao caso.

—Não vem; mas eu sou minucioso.

—Prosiga.

—O Sr. *Garoupinha* tem a balda de em um banquete gostar de provar de todos os pratos; defeito este, que não se estende só as regiões estomacaeas; é um glutão de todo genero e especie.

—Sua historia vae ficar muito comprida.

—Resumirei.

Garoupinha levando suas tendencias de abarcar o mundo com as pernas ao mais subido apuro, constitue-se uma especie de *rio cheio* ou *sapo da terra*.

—Isso é um nunca acabar!

—Despacho já.

Quando o Sr. *Garoupinha* tomou estado, sua mulher possuia tres irmans.

—Aonde quer chegar?

—Eu lhe digo.

(*Continúa.*)

ANNUNCIOS.

No domingo 1º de janeiro, terá logar no Cruzeiro de S. Francisco a solemnidade da Santissima Virgem da Conceição, protectora das familias, havendo missa no convento de S. Francisco, illuminação na vespera e dia, balões aerostaticos, fogo de planta. etc. A mesa convoca a todos os irmãos á coadjuvarem para tão religioso fim.

No Coberto Grande, loja n. 55, aluga-se para a festa, vende-se ou permuta-se, uma casa excellente na povoação de S. Thomé do Paripe.

Joaquim Piroga de Freitas, relojoeiro, á rua direita de Palacio, mudou a sua casa de trabalho para defronte, na antiga loja que foi do Borel.

Desejo com preferencia a sua prosperidade. Aborreço a todo o governo, o systema oppressor.

Detesto o arbitrio, a corrupção, a fraude, a violencia, a immoralidade, seja praticada por quem for.

Não sou partidario de *figuras*, sou dos principios bons e sãos.

Amo a honra, a honestidade, e a moralidade, exercida por quem for.

Amo ao governo que cuida, o se disvella, pela prosperidade, e gloria geral, pela vida, e propriedade de todos, que se une com os brasileiros, garantindo-os e protegendo os como um pai de familia, que olha para todos, conforme seus meritos, tenha o governo os nome que tiver, por que isto executado será o governo do ceu.

Aborreço a tudo, e a todos que são oppositos a isto.

Acato a energia com polidez no desempenho de deveres e regras de honestidade: cada um deve cumprir seus deveres sem ultrapassar os limites das leis, á decencia e bons termos.

Sou opposto á perseguição e mau trato, por causa de politica. Quem governa deve ter o menor numero possivel de desafectos e inimigos, por que, o contrario disto prova que governa mal, e com parcialidade. Este é o governo do inferno.

Tive por certa menina,
Uma paixão desigual,
Que escapou de dar commigo.
Dos doudos no hospital.

Porém agora,
Deu coração,
Poz na oração
Ponto final.

Amei com pontos e virgulas,
Divisões e reticencias...
Tiradas as consequencias
Tudo era artificial.

Porém agora-
Meu coração
Poz na oração
Ponto final.

O que ella por mim fazia,
Fazia a outros tambem.
Não ter amor a ninguem
E! seu timbre natural.

Porém agora,
Meu coração,
Poz na oração
Ponto final.

(Extr.)

AO ILLM SR. DR. CHEFE DE POLICIA,

No dia 4 do corrente andavam pela rua do Fortinho quatro praças da diligencia do Sr. capitão Braga, accompanhados pelo proeminente olho vivo Aniceto Moreno, com o fim de prenderem a Manuel Desiderio.

Admira que o Illm. Sr. capitão Braga consinta que praças sob seu commando sejam entregues a homeus da qualidade de Aniceto, conhecido por toda esta cidade por um dos mais audazes larapios

Manuel Desiderio hoje procura viver honestamente: comprou uma canoa, redes etc., e dá-se á vida da pescaria, para manter-se e á sua familia.

Talvez dahi venha a mal-querença, por não querer elle pactuar com a vida agitada e de assaltos de Aniceto e outros, e então raivoso vae denunciá-lo ao Sr. capitão Braga com o fim de perseguil-o.

A prova é que a policia não tem tido conhecimento nem queixa de facto algum praticado actualmente por Manuel Desiderio; tanto mais que a policia tem sido ultimamente rigorosa com elle processando-o ultimamente por factos praticados por outros e trazendo-o o Sr. subdelegado do Pilar em severa vigilancia.

Uma prisão, por tanto, como a que se pretende fazer a Desiderio, sem motivo, é alem de arbitraria, um vexame á liberdade individual, e a lei não deve ser um brinco em mãos de qualquer belleguim que entenda denunciar de quem quer que seja, sem provas.

S. S. emquem se folga de reconhecer que, assim como é severo e implacavel para punir desvios e faltas, tambem é justo para reparar injustiças, de certo fará suspender a perseguição que Aniceto; apoiado pelos agentes da força publica, move a seu inimigo.

—Não sei o que fez o *Pedra marmore*, que a policia andava ás carreiras com elle pela rua da Poeira, no sabbado.

—E foi preso?

—Em S. Miguel.

—Algun *gamado*, sem duvida.

—E' provavel.

—Dizem que é um dos mais insignes agentes da companhia, conhecido na giria pelo nome de *tapea*.

—Agora que o Sr Dr. chefe de policia o tem filado, seria bom que lhe desse qualquer destino, pois que elle é moço e robusto.

VARIÉDADES

UMA CONSOLAÇÃO A TEMPO.

Um moço muito esturdio de um navio, estando a limpar á borda da amurada, um bu.

le de prata pertencente ao capitão, deixou-o, sem querer, escapar da mão, e cahir ao mar.

Correu logo a camara do commandante, e disse-lhe:

—Commandante, pode se dizer que uma cousa está perdida, quando se sabe com a maior certeza onde ella pára?

—De certo que não.

—Bravo! então não tenha cuidado no seu bule: está no fundo do mar.

O QUADRO DE UM DOIDO.

Um alienado julgando-se grande pintor, procurava provar que o era effectivamente, e a todos mostrava o seu quadro da Passagem do mar Vermelho.

Era uma tela branca sem o minimo traço.

—Mas onde está o mar Vermelho? perguntavam os visitantes.

—Afastou-se á voz de Moyzés.

—E os hebreus?

—Já passaram.

—E os Egypcios?

—Ainda não vieram.

Quantos artistas não ha por este mundo que muito desejaríamos que pintassem sempre quadros assim!

Um meu amigo, casado, me havia convidado para uma viagem a uma de suas fazendas. Estavamos em dezembro.

Encontrando-me com elle, disse-lhe:

—Quando partes?

—Amanhan; prepara-te que te vou buscar.

—E tua mulher tambem vae?

—Deus me defenda... pois si é uma viagem de recreio!...

—Meu senhor, uma esmola por charidade; eu sou orphão.

—Oh! não trago dinheiro, meu pequeno.

—Dez reis ao menos, meu senhor, ainda hoje não comi, e nem tenho pae nem mãe.

—Sim, coitadinho... Mas, que officio é o de teu pae?

—E' pedreiro, meu senhor.

—Ah, velhaquinho, e me dissestes que eras orphão!

—Foi elle quem me ensinou.

CLARAS, MORENAS E TRIGUEIRAS.

—Em sua primeira idade a mulher é a primavera; mas, em geral, a mulher clara é o inverno, a morena o estio, a trigueira o outomno.

A clara é a neve, a morena o calor natural, a trigueira o fogo.

A clara é agradável, a morena graciosa, a trigueira engraçada.

A clara é formosa, amorenada bonita, a trigueira bella.

A clara tem feitiço, a morena graças, a trigueira attractivos.

A clara é a poesia, a morena a doçura, a trigueira bondade.

A clara causa o desejo, da admiração, a morena o da possessão, a trigueira o do agrado.

A clara tem os olhos azues, a morena castanhos, a trigueira negros.

O coração da clara move-se, o da morena bate, o da trigueira oscilla.

A clara usa de coquetismo, a morena coquetaria, a trigueira de donairi.

O amor da clara commove, o da morena subjuga, o da trigueira enamora.

UMA FIGURA DE PEDRA.

Um bebado, sahindo de casa, ao entrar em uma praça viu uma grande figura de pedra, e cuidando ser um homem, tira da espada e dá-lhe uma tão forte cutelada que fez sahir faiscas. Ah! velhaeo, disse o bebado recuando, você traz armas de fogo!

Si aqui houvessem estatuas de pedra quantas faiscas não haveriam!...

ANNUNCOS

O senhor que mandou imprimir com extraordinaria pressa uns recibos, para a tinturaria da rua de Baixo e que entretanto ha mais de 15 dias e esqueceu-se de vir buscal-os, queira fazel-o que estão promptos.

PARA OS APAIXONADOS DO BIXO.

Vende-se um cavallo muito habilidoso: á tratar com o Izaac, marceneiro, ás Portas do Carmo.

ATENÇÃO

RUA DA LARANJEIRA N. 21.

Bandeiras de todas as nações; signaes de Mariath, Filele de cores,

Vende-se por preço commodo.

A rua do Bom-Gosto da Calçada, n. 27 se dirá quem compra prata, ouro, e tambem dá dinheiro sobre hypothecas de quaquer especie.

O padre João Cancio de Andrade, authorisado pelo conselho de instrução publica, offerece-se para ensinar as linguas latina e franceza, em qualquer collegio, ou casa particular. Para tratar á rua da Preguiça n. 40. 2.º andar.